

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Juliana de Fátima Abreu de Oliveira Pereira

**CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CRUZ ALTA: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO ATRÁS DA
MURADA DE PEDRAS. A PRESERVAÇÃO DO ESPAÇO CEMITERIAL.**

Santa Maria, RS
2022

Juliana de Fátima Abreu de Oliveira Pereira

**CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CRUZ ALTA: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO ATRÁS DA
MURADA DE PEDRAS. A PRESERVAÇÃO DO ESPAÇO CEMITERIAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Santa Maria, RS
2022

Pereira Abreu de Oliveira, Juliana
CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CRUZ ALTA: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO
ATRÁS DA MURADA DE PEDRAS. A PRESERVAÇÃO DO ESPAÇO
CEMITERIAL / Juliana Pereira Abreu de Oliveira.- 2022.
133 p.; 30 cm

Orientador: Júlio Ricardo Quevedo dos Santos
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, RS, 2022

1. Educação Patrimonial 2. Turismo 3. Cemitério 4.
Memória I. dos Santos, Júlio Ricardo Quevedo II. Título.

sistema de geração automática de ficha catalográfica da USPW. dados fornecidos pelo autor(a). sob supervisão da direção da divisão de processos técnicos da biblioteca central. bibliotecária responsável paula schoenfeldt watta cma 10/1728.

Declaro, JULIANA PEREIRA ABREU DE OLIVEIRA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

JULIANA DE FÁTIMA ABREU DE OLIVEIRA PEREIRA

**CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CRUZ ALTA: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO
ATRÁS DA MURADA DE PEDRAS. A PRESERVAÇÃO DO ESPAÇO CEMITERIAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Aprovada em 12 de abril de 2022:

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, Prof.º Dr. (UFSM)
(Presidente / Orientador)

Clarisse Ismério de Oliveira, Prof.ª Dr.ª (URCAMP)
(Banca Examinadora)

André Luis Ramos Soares, Prof.º Dr.º (UFSM)
(Banca Examinadora)

Santa Maria, RS 2022

À todas as vítimas da Pandemia (SARS-CoV-2) COVID-19 e suas famílias, em especial à minha.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre um ato de falar mais a si do que aos outros, mas é importante fazê-lo porque nem sempre sabemos nos expressar da forma como gostaríamos, as vezes não é necessário, é verdade. Há muitas formas de agradecer quem amamos, mas aqui sei que vou conscientemente ser injusta ao esquecer alguém, e de antemão peço desculpas, mas nomearei algumas pessoas que foram importantes nessa jornada.

À minha família, por ser base de ensinamentos, acolhimento, ninho, família é aquele lugar nos acolhe e do qual as experiências e lembranças marcarão nossa vida. À meus pais, pela criação e ensinamentos, em especial a meu pai (*in memoriam*), que sempre buscou me mostrar o valor de ser e dos estudos, e tentou mostrar a mim e a minha irmã que poderíamos ser o que quiséssemos desde que nos responsabilizássemos pelas consequências.

À minha irmã, por ser como ela é o oposto de mim que me completa e por sua família linda a pequena Luli, e meu cunhado, meio enrolado, mas que está lá para todas as horas. Ao meu esposo, pelas conversas, pelo apoio, por estar compartilhando mais este momento que passamos e que não foi fácil, enfrentamos uma pandemia. À minha sempre presente, mesmo no distanciamento social pandêmico, amiga Emilia pela compreensão que me falta quando eu não entendo o mundo e pelo auxílio.

À Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pela possibilidade de realizar este curso, toda sua infraestrutura que possibilitou horas agradáveis de estudo, em um ambiente propício à investigação e busca pelo conhecimento, facilitando meu acesso à educação, provando que educação pública pode ser de altíssima qualidade e é bem usufruída e valorizada por seus acadêmicos.

Aos mestres com todo carinho, aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural (PPGPC) da Universidade Federal de Santa Maria, por todos os seus ensinamentos, por entenderem as faltas e as distâncias percorridas para chegar até aqui.

Aos colegas do Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural (PPGPC) da Universidade Federal de Santa Maria, pelos diálogos, pela parceria, pelo apoio, pela troca de experiência, pelo café com *crostoli* e pelas risadas nervosas diante dos

artigos e trabalhos, todos de alguma forma foram especiais, não os nomearei para não ser injusta vocês terão em mim sempre uma amiga para o que precisarem.

Aos meus alunos do Ensino Médio da cidade de Cruz Alta, vocês me ensinam o que é ser Professora dia após dia, e é por vocês também que busco evoluir.

À ABEC- Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, onde fui tão bem acolhida e não mais me senti “um estranho no ninho”, um espaço de discussões com pessoas focadas e extremamente profissionais, prontas a auxiliar a qualquer momento. Sem vocês, com certeza, meu caminho teria sido muito mais difícil. O suporte teórico-amoroso que vocês fornecem aquece o coração.

Ao Cemitério Municipal de Cruz Alta, por estar sempre de portas abertas, dentro de suas limitações pandêmicas, para que se possa executar esta pesquisa. Ao Arquivo Histórico de Cruz Alta, que possibilitou a realização de pesquisas mesmo em período de controle pandêmico. Ao Museu Erico Veríssimo que facilitou o acesso aos documentos, obrigada por tudo.

À Professora Dr. ^a Clarisse Ismério, por aceitar avaliar este texto e mesmo sem saber ser inspiração para o mesmo com sua obra, em especial seu *Sarau Noturno* realizado no Cemitério de Bagé,

À Professora Dr. ^a Virgínia Vecchioli, por aceitar o desafio de avaliar este texto, e por desvelar perspectivas desbravadoras acerca da patrimonialização da dor e por me inspirar.

Ao meu orientador Professor Dr. ^o Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, por ter se deixado levar por uma proposta intrigante, e aceitar o desafio de orientar este trabalho, pela paciência e sensibilidade de entender que toda a produção passou por um momento de ansiedade e perdas gerados pela pandemia, por todos os ensinamentos, meu muito obrigado.

“No fim da vida, a maioria dos homens percebe surpresa, que viveu provisoriamente que as coisas que largou como sem graça ou sem interesse, eram justamente a vida. E assim traído pela esperança, o homem dança nos braços da morte”.

(SCHOPENHAEUR, A. Parerga e Paralipomena, 1851).

RESUMO
CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CRUZ ALTA: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO ATRÁS DA MURADA DE PEDRAS. A PRESERVAÇÃO DO ESPAÇO CEMITERIAL

AUTORA: Juliana de Fátima Abreu de Oliveira Pereira
ORIENTADOR: Prof. Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

A presente pesquisa tem como objeto de estudo o Cemitério Municipal de Cruz Alta, e a intenção empírica do estudo é de incentivar a população da cidade de Cruz Alta a valorizar seu patrimônio funerário, através da educação patrimonial e do turismo cemiterial. A intenção é mostrar o espaço do cemitério como uma possibilidade de atrativo turístico, ressaltando a memória coletiva e sua relação com a construção social e historiográfica local e nacional. Para tanto, analisa-se os aspectos de constituição do município, a relação da construção do cemitério secularizado, sua relação com os cidadãos e a interação destes com o espaço cemiterial. Considera-se que o mesmo tem um amplo potencial para o desenvolvimento do turismo cemiterial, levando em considerações as tramas entre vida e morte presentes nele. Sendo assim, é extremamente viável, que o espaço seja uma opção de turismo, fomentado através de Educação Patrimonial e circuitos de visitas ao cemitério com um Guia de Visitação ao espaço.

Palavras-Chave: Educação Patrimonial. Turismo. Cemitério.

ABSTRACT

MUNICIPAL CEMETERY OF CRUZ ALTA: MEMORY AND HERITAGE BEHIND THE STONE WALL. THE PRESERVATION OF CEMETERY SPACE

AUTHOR: Juliana de Fátima Abreu de Oliveira Pereira

ADVISOR: Prof. Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

The present research has as object of study the Municipal Cemetery of Cruz Alta, and the empirical intention of the study is to encourage the population of the city of Cruz Alta to value their funerary heritage, through heritage education and cemetery tourism. The intention is to show the cemetery space as a possibility of tourist attraction, highlighting the collective memory and its relationship with the local and national social and historiographic construction. For this, the aspects of the constitution of the municipality, the relationship of the construction of the secularized cemetery, its relationship with the citizens, and their interaction with the cemetery space are analyzed. It is considered that it has ample potential for the development of cemetery tourism, taking into account the weave between life and death present therein. Thus, it is extremely feasible that the space becomes a tourism option, promoted through heritage education and visitation circuits to the cemetery with a Visitor's Guide to the space.

Key Words: Heritage Education. Tourism. Cemetery.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Mapa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul - 185	20
FIGURA 2 – Documento da Fundação de Cruz Alta	21
FIGURA 3 – Mapa da data de fundação do Município	23
FIGURA 4 – Acta da colocação da pedra fundamental do Cemitério da Villa do Espírito Santo de Cruz Alta	31
FIGURA 5 – Continuação: Acta da colocação da pedra fundamental do Cemitério da Villa do Espírito Santo de Cruz Alta.....	32
FIGURA 6 – Printscreen da Assinatura do Secretário João Bessa da Silveira Bello que lavrou a ata	34
FIGURA 7 – Imagem da Catedral área do antigo cemitério.....	35
FIGURA 8 – Entrada principal do cemitério.....	35
FIGURA 9 – Detalhe da entrada principal	36
FIGURA 10 – Portão 2, entrada lateral	36
FIGURA 11 – Portão 3, entrada lateral	37
FIGURA 12 – A área de sepultamento em Paris, bem no meio da cidade Cemitério dos Inocentes.....	46
FIGURA 13 – Joana Dárc (1412 -1431)	47
FIGURA 14 – Printscreen do site Inumeráveis	60
FIGURA 15 – Printscreen do Instagram Inumeráveis Memorial	60
FIGURA 16 – Printscreen da página de Facebook Memorial das Vítimas do Coronavírus no Brasil	61
FIGURA 17 – Printscreen do site Rede de Apoio Covid-19.....	61
FIGURA 18 – Espaço de Lazer do Cemitério Bunhill Filds Reino Unido	68
FIGURA 19 – Túmulo do William Blake no Cemitério de Bunhill Fields Reino Unido	68
FIGURA 20 – Printscreen matéria Dia de Finados	71
FIGURA 21 – Printscreen da matéria sobre a fila antes das 07 da manhã vara visita ao cemitério da Vila Formosa SP	72
FIGURA 22 – Guia de Visitação.....	76
FIGURA 23 – Frente da Parte Externa do Folder.....	77
FIGURA 24 – Desenho da cruz com ramo de acácia.....	78
FIGURA 25 – Silhueta de um cemitério.....	80

FIGURA 26 – Parte interna do guia.....	80
FIGURA 27 – 1 Jazigo Perpétuo da Família Botti e Caldas.....	81
FIGURA 28 – 2 Jazigo Família Drum	82
FIGURA 29 – 3 Jazigo Franklin Laureano de Brum	82
FIGURA 30 – 4 Jazigo 29	83
FIGURA 31 – 5 Jazigo Tobias Miranda.....	83
FIGURA 32 – 6 Jazigo Gabriel Archanjo da Silva	84
FIGURA 33 – 7 Mausoléu da Família José Antunes Ribas	84
FIGURA 34 – 8 Jazigo de Maria Teixeira e Lucy Teixeira	85
FIGURA 35 – 9 Jazigo de Pedro Thomaz de Moura e Silva.....	85
FIGURA 36 – 10 Jazigo Margarida Neves de Paula (Esposa do General Firmino de Paula)	86
FIGURA 37 – 11 Jazigo de Etelvina Schmitt.....	83
FIGURA 38 – 12 Jazigo da Família Lopes, Manoel Lopes Netto.....	87
FIGURA 39 – 13 Jazigo de Jeremias Ferreira Amado.....	87
FIGURA 40 – 14 Jazigo Franklin Veríssimo da Fonseca e Adriana de Mello da Fonseca	88
FIGURA 41 – 15 Jazigo Perpétuo de Diniz Dias e Elvira da Motta Dias.....	88
FIGURA 42 – 16 Jazigo do Tenente Coronel Veríssimo José Lopes	89
FIGURA 43 – 17 Jazigo do Barão e Baronesa de São Jacob, Dinis Dias e Josephina Lucas Annes	89
FIGURA 44 – 18 Jazigo José Manoel Lucas Annes e Anna Ferreira da Silva.....	90
FIGURA 45 – 19 Jazigo Adelaide Scarpellini	90
FIGURA 46 – 20 Jazigo de Almirinda de Moraes Ribas	91
FIGURA 47 – Printscreen de convite para visita guiada ao Cemitério da Consolação	95
FIGURA 48 – Printscreen do site da prefeitura de São Paulo de como agendar a visita Guiada	96
FIGURA 49 – Cemitério Père Lachaise.....	97

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 CRUZ ALTA: A VILA QUE TOMOU O NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.....	18
2.1 A LÁGRIMA QUE REGA O SOLO CONCRETADO DO CEMITÉRIO PÚBLICO DE CRUZ ALTA.....	28
2.1.1 Acta da colocação da pedra fundamental do cemitério público da Villa do Espírito Santo de Cruz Alta.....	32
3 DO SOLO SAGRADO À PEDRA FRIA; ONDE DAMOS INÍCIO À PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CEMITERIAL.....	44
3.1 A CIDADE DOS MORTOS PROJETADA PELOS VIVOS.....	48
3.2 CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CRUZ ALTA, COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA	54
4 NO LABIRINTO DA MEMÓRIA: UM GUIA PARA VISITAR O CEMITÉRIO PÚBLICO MUNICIPAL DE CRUZ ALTA.....	67
4.1 O ROTEIRO TURÍSTICO: UM GUIA PARA A ARTE	70
4.2 O GUIA	73
4.2.1 Do conteúdo do guia de visitação	78
5 ESCULPINDO OLHARES: O TURISMO NO CEMITÉRIO-.....	96
5.1 PEQUENOS ESPAÇOS, GRANDES SAUDADES: TURISMO EM CEMITÉRIOS	104
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS	114
APENDICE A – FOLDER GUIA DE VISITAÇÃO	124
ANEXO A - LEI MUNICIPAL Nº. 2344/13, DE 09 DE MAIO DE 2013	126

INTRODUÇÃO

Cruz Alta é um município com uma significativa contribuição na história do país. E para que se resguarde este ponto de referência, muito há de se fazer em prol de sua memória histórica, para que as gerações vindouras e mesmo a nossa conheça a memória de suas glórias e fracassos.

Não objetivamos ressaltar as óbvias glórias e circunstâncias da *Belle Époque*, tão pouco mergulhar nos vexatórios episódios de que esta cidade foi palco, mas ao limite do possível, do fazer historiográfico, narrar as histórias sob a ótica da memória, procurando ela ser o mais imparcial possível, a fim de revelar o patrimônio que a cidade ainda preserva.

O Patrimônio cultural e material local vêm sendo explorado e deteriorado, sem que se o preserve, é como se estivesse pronto para submergir no esquecimento ou ainda no desaparecimento.

A cada governo que assume o comando da cidade, vemos o lema do progresso em suas plataformas, e a comunidade em sua maioria expressiva apoia e incentiva, mas o progresso traz consigo retaliações a obras que se estabeleceram com o tempo, e não está havendo diálogo entre o antigo e o moderno.

É extremamente importante e relevante que se proteja esse ambiente que reúne obras artísticas e guarda a memória da trajetória do povo deste município e que estão cercadas pelos muros do Cemitério Municipal de Cruz Alta. O Cemitério Municipal vem surgir do ato da secularização, mas também por um ato nada corriqueiro ocorrido na cidade.

Foi fato narrado nas Atas do Legislativo da Vila do Espírito Santo da Cruz Alta, e registrado em sessão que as covas rasas atrás do terreno da Igreja da Catedral, principalmente dos alforriados e dos indigentes, estavam sendo invadida por cães famintos que devido a erosão expuseram seus corpos, e no instinto animal os cães desfilavam em praça pública com ossos humanos e consumiam matéria visceral dos cadáveres que por regra deveriam descansar em paz.

Tamanha foi a repercussão, que as autoridades tiveram de tomar uma providência, e iniciou-se a preparação do primeiro Cemitério *Murado* Municipal afastado dos limites da cidade para atender as vigentes normas sanitárias da época.

Dessa forma é possível identificar como a sociedade do século XIX assimilou a transferência dos corpos ao túmulo, do mundo Antigo para o espaço murado do

cemitério. Em partes este fato é devido, à influência positivista que muda o *status quo* do cemitério tornando-o um espaço de memória. Esse movimento será iniciado pelos discípulos de Comte em torno do projeto de Méry¹.

O objetivo proposto por este trabalho é o de auxiliar na promoção do patrimônio cultural cemiterial da cidade de Cruz Alta, através da simbologia e alegorias tumulares do Cemitério Municipal da cidade, organizando um roteiro de visita propiciando salvaguardar seus monumentos e inseri-los na rota cultural e educacional do município.

Com este propósito conheceremos melhor este patrimônio que está intramuros do cemitério e poderemos preservá-lo, ele é parte relevante das passagens históricas de Cruz Alta, e acreditamos que através da educação patrimonial ele seja preservado para que a comunidade entre em contato com suas histórias.

Em nosso país o turismo cemiterial caminha a passos mansos, e depende muito de incentivo e iniciativas de entusiastas pesquisadores da área do que o apoio do poder público em preservar os espaços de memória e patrimônio, mesmo que para obedecer a legislação vigente.

Nesse sentido, apoiamo-nos também nestes pesquisadores para embasar esta pesquisa e sustentar ainda mais o alicerce estruturante para que o patrimônio cemiterial se fortaleça e cada vez mais ceda espaço para a população sentir-se confortável em apropriar-se do turismo cemiterial e disfrutar da história e da memória que o espaço pode oferecer.

Diante do objetivo, surge a problemática, que é como aproximar os cidadãos do espaço cemiterial, sem que seja por uma obrigação fúnebre? Como mostrar que o espaço do cemitério também tem outras finalidades, como a de servir de espaço de memória e turismo? E como ISMÉRIO(2013) afirma,

Muito mais que o último lugar de descanso passa a ser um museu a céu aberto, repleto de significados e representações que nutrem a imaginação daqueles que o visitam. Tanto na Europa como nos EUA, os cemitérios perdem aos poucos o seu aspecto mórbido e desolador para tornarem-se um local de convivência e sociabilidade. Por guardarem os restos mortais

¹ “A atitude antiga em que a morte é ao mesmo tempo próxima, familiar e diminuída, insensibilizada, opõe-se demasiado à nossa onde faz tanto medo que já não ousamos pronunciar o seu nome. É por isso que, quando chamamos a esta morte familiar a morte domada, não entendemos por isso que antigamente era selvagem e que foi em seguida domesticada. Queremos dizer, pelo contrário, que hoje se tornou selvagem quando outrora o não era. A morte mais antiga era domada” (ARIÈS, 1977, p. 40).

de figuras ilustres tornam-se guardiões da cultura e da memória de seu povo.

Desta forma surge a proposta em forma de Educação Patrimonial, através de um Guia de Visitação ao Cemitério Municipal, onde neste primeiro momento as pessoas poderão visitar e apreciar as artes e história de locais pré selecionados dentro do cemitério público.

Sabemos que desde a criação do roteiro até sua real implementação, passando pela aceitação do poder público e principalmente pela aceitação da população, temos alguns pontos a observar e certamente a modificar ou mesmo atenuar, pois como SOARES, DIAS (2011) nos apontam,

A invenção do patrimônio não se dá de forma tranquila ou ahistórica. É um processo que envolve a perpetuação da memória, das tradições, das referências sociais e culturais, da manutenção das práticas materiais e imateriais, da persistência e da reprodução de determinados elementos considerados relevantes – ou do seu esquecimento.

Foi pensando em compreender a estrutura social já imbricada, que optou-se por adotar primeiramente o circuito das artes, pois tal como a base de autores explorados neste texto sobre a Arte e História nos Cemitérios Brasileiros, Clarival do Prado Valladares, essencial para compreender o tema, bem como o Professor Harry Bellomo, Maria Elízia Borges, Miranda, Zanotto e Cymbalista dentre outros autores que discorrem sobre a arte cemiterial.

Francisco Queiroz (2007), afirma que “Alguns dos passos mais marcantes na área da salvaguarda e valorização dos cemitérios monumentais e históricos são dos últimos quinze anos.” Porém ainda estamos em marcha lenta no que diz respeito ao aumento de público no turismo cemiterial e seu reconhecimento no Brasil, é bem verdade, estamos a nos recuperar de uma pandemia global, a do Corona Vírus, mas Queiroz fez esta afirmação há quinze anos, e estamos caminhando para o terceiro ano de pandemia, portanto, treze anos sem efetivo avanço no setor.

Não chega a ser tão alarmante se comparado a outras áreas em que o patrimônio teve de esperar bem mais tempo para galgar algum avanço, porém, podemos almejar mais neste sentido. Pois como Maria Elízia Borges (2002) nos relata no final de seu texto sobre a “Arte Funerária no Brasil (1890- 1930) Ofícios dos Marmoristas Italianos em Ribeirão Preto”,

“... O cortejo fúnebre, tanto quanto o casamento e o nascimento do homem, é acontecimento que representa a atitude coletiva de uma sociedade. Arrebatadores, cheios de rituais, esses eventos ficam gravados para sempre na mente das pessoas.”

Um ponto que pode se tornar um forte aliado, é o crescimento de páginas e perfis na internet sobre o tema, isso pode contribuir para a área cemiterial não seja vista apenas como tema Tabu ou de forma pejorativa.

Pensando em facilitar a compreensão do leitor, sob qualquer ótica, o presente texto foi estruturado da seguinte forma:

Introdução.

Com apresentação do objetivo, problematização e os autores principais que nortearam a pesquisa bibliográfica, bem como a apresentação do produto final da proposta deste texto que é o Guia de Visitação ao Cemitério Municipal de Cruz Alta neste primeiro momento;

2º Capítulo: A Vila que tomou o Noroeste do Estado do Rio Grande Sul;

A História sempre tem três versões; dos Vencedores, dos vencidos e a que historiografia conta. Neste capítulo falaremos um pouco sobre a neutralidade inexistente, a faixa de terras (Campos Neutrais- 1.500 m a Norte e Sul das duas Coroas) propicia o surgimento de um povoado, o povoado da Cruz Alta; (1698).

Como um assentamento, sem explicações registradas muda-se mais ao norte e em 1821, nasce a hoje conhecida como cidade de Cruz Alta; O território da Cruz Alta, forjou militares e milicianos que combateram em várias revoltas, entre as principais a Revolução Farroupilha, Guerra do Paraguai(Massacre de Porongos), Revolução Constitucionalista, e estes episódios marcaram e influenciaram a trajetória da cidade, e para além de vencedores e vencidos como esta história forjou o município e a memória deste povo influenciando na construção do cemitério municipal;

3º Capítulo: Do Solo Sagrado à Pedra Fria: Onde damos início à preservação do Patrimônio Cemiterial;

Este capítulo alicerça o texto, estruturando os monumentos como uma visão de mundo e valores de sua época;

As várias visões do cemitério ao longo tempo, a importância de olharmos para este espaço com olhos mais abertos a questionamentos, pois cada vez mais afastamos este espaço do convívio social.

È também neste capítulo que trataremos da Patrimonialização de espaços cotidianos- de como o cemitério e seu simbolismo foi afastado do meio urbano, mesmo que inserido nele, vemos a cidade dos vivos lutar dia a dia com a cidade dos mortos.

Novos modos de morrer foram inseridos na sociedade e conviver com a morte já não foi mais uma opção pacífica, alugamos espaços para abrigar uma memória temporal da qual somos sempre seletivos e com data marcada.

4º Capítulo: No Labirinto da Memória: Um Guia para visitar o Cemitério Público Municipal de Cruz Alta;

Aqui abordaremos nosso “*Memento Mori*”, exploração do espaço de forma consciente e sustentável, como podemos tratar este espaço não só em dia de Finados- (02 de Novembro- Dia dos Mortos), celebrando o espaço e a memória do povo através do tempo e trabalhando a Educação Patrimonial.

Pensado para ser um projeto de Educação Patrimonial o Guia, trilhará levará o visitante por caminhos unindo tudo que o espaço cemiterial possa oferecer no campo do patrimônio.

5º Capítulo: Esculpindo Olhares: O turismo no cemitério.

O turismo e suas possibilidades, “Pensar sobre a vida, é contemplar a morte” (Emily in Paris- NETFLIX- 2ª Temporada- 2021); há muito fora do Brasil ou mesmo na América Latina explora-se o turismo cemiterial de forma a pensar o patrimônio e a história dos lugares, precisamos apreciar e avançar na exploração consciente destes espaços aqui no Brasil. Cemitérios são espaços sociais, culturais, políticos e religiosos, que nos remetem à conexões pessoais e culturais e essas podem e devem ser exploradas de forma responsável, é o que se propõe este quinto capítulo;

Considerações Finais, ao encerrar este texto, a proposta do guia fica evidenciada e é imprescindível atentar para a sensibilidade dos múltiplos olhares do espaço, nas diferentes situações da visita, afim de respeitar a singularidade do espaço e seus momentos.

2 CRUZ ALTA: A VILA QUE TOMOU O NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Antes de apresentar especificamente o objeto da pesquisa, é necessário contextualizar geográfica e socialmente o local do mesmo, afinal cemitérios são encontrados em todos os municípios e vilas, murados ou não, cemitérios oitocentistas também não são tão raros assim, mas a história da população e seus tratos é que constituem estes locais, como espaços memoráveis ou não.

Nós, historiadores lidamos constantemente com narrativas, sejam elas de documentos, de artefatos ou ainda de pessoas, mas a única temporalidade que podemos efetivamente vivenciar é o presente. Nesta nossa condição de estar no tempo nos coloca em um espaço e tempo determinado, mas podemos nos amparar em Burke (2002, p. 175-176) que diz que “Historiadores, a exemplo de sociólogos e antropólogos, acostumaram-se com o pressuposto de que lidavam com fatos e de que seus textos refletiam a realidade histórica.”

Porém ele mesmo afirma que somos de uma categoria mais efêmera, como os poetas e escritores, segundo ele, “são produtores de ‘artefatos literários’ de acordo com regras de gênero e estilo (quer estejam conscientes dessas regras, quer não)”. Burke (2002, p. 176)

Através de uma revisão da historiografia local, uma série de espaços em branco tornou-se óbvia. A história oficial, a qual as crianças e até mesmo os cidadãos mais instruídos da cidade aprendem e propagam é a história das elites, fazendeiros, soldados, políticos, sempre fomos um local estratégico no cruzo de tropeiros e lugar de homens fortes e aguerridos.

Nunca se houve uma história de classes populares exaltadas, índios, negros e trabalhadores, aliás não é uma exclusividade de Cruz Alta em se tratando da historiografia de época tanto local quanto nacional. Os pobres rurais e urbanos quando aparecem, são em poucas linhas e sempre como coadjuvantes no cenário da constituição da cidade e também dos feitos históricos.

Os grandes eventos históricos são sempre mais lembrados e mais importantes do que eventos históricos do cotidiano, mas esse fato é facilmente explicado pelos registros que tendem a isso, e pela memória popular que pode ser facilmente inclinada a exaltar líderes e feitos de repercussão e volume;

Muitas pesquisas e estudos já foram realizadas acerca do território da Cruz Alta, vários de seus aspectos já foram explorados, alguns mais do que outros, no geral encontramos dois tipos de pesquisas fundantes acerca do município: a pesquisa acadêmica e a literária. Cada uma à sua maneira, tem a devida importância para quem busca informações acerca do território ou assuntos específicos, mas vale ressaltar, que as produções apresentam diferenças que um consulente crítico deve se dar conta.

Nem toda produção literária, tem em seu conteúdo um pragmatismo ou recorrência documental, é claro que de todo, um leitor com olhar crítico e um conhecimento mínimo da história, perceberá as liberdades poéticas e mesmo as influências da época em que o texto é escrito, a história oral e relatos em diversos documentos são importantes documentos para um entendimento e para quem busca aprender sobre o município a fundo.

Nesta narrativa da formação do povoado até a cidade, é de suma importância nos valermos de autores que acima de tudo estão inseridos na realidade local, sobrepondo-os à algumas teses e dissertações.

Isaltina Vidal do Pilar (1981), abre seu livro, logo na introdução com a seguinte fala:

...E da CRUZ ALTA, filha amada do RIO GRANDE DO SUL, resolvemos nós publicar muitas notícias do que passou sobre sua história bonita e cheia de filhos ilustres que dignificaram o berço natal, para sermos o atalaia do passado que está quase esquecido e completamente desconhecido das gerações novas. Apresentamos um relato de interesse, de amor ao Pago, com documentação de velhos papéis que reunimos em arquivos de antepassados, aqui transcritos para conhecimentos novos, para agradecer aos que trabalharam com amor e desprendimento, para um futuro, ao tempo em que viveram neste chão bem-amado. (ROSA, pág. 5).

Isaltina escrevia sua obra há cento e quarenta anos, e tinha seu livro prefaciado por outro Cruzaltense, Erico Veríssimo, na época Erico não vivia mais na cidade, e já gozava da fama e prestígio de escritor renomado, sempre que era possível visitava a cidade e os amigos e a família que aqui estavam com a frequência permitida entre suas agendas.

O que mais chama atenção neste trecho não é a exaltação ao município ou aos seus moradores, mas a preocupação já na década de oitenta que a autora demonstra com a manutenção da memória, e o sutil relato dos esquecimentos pertinentes que a população é acometida com o avanço da vida citadina, algo que o próprio Erico também se preocupava e relatava em suas entrevistas.

A cidade de Cruz Alta, pertence a região noroeste do Rio Grande do Sul, hoje seu território é de 1.360,548km², com uma população estimada de 59.922 pessoas [2020]², mas nem sempre foi esta a dimensão do território do município.

Cruz Alta é um município antigo, fará 200 anos de idade oficialmente dia 18 de outubro do corrente, ele inicia seu traçado no espaço limítrofe da demarcação do tratado de *Santo Ildefonso*³.

Para demarcar a nova linha divisória, nomeou-se uma comissão para com representantes das duas nações e cujo acampamento inicial no Rio Grande do Sul, localizou-se na chamada Boca do Monte, para onde se deslocou a comitiva. Desse acampamento originou-se a cidade de Santa Maria. (CAVALARI, 2004)

A cidade inicia exatamente entre as duas coroas, numa faixa de terra denominada neutra, também chamada de Campos Neutrais, ali a bibliografia faz referência a uma Cruz fincada neste espaço que compreendia 1500 metros entre um território e outro, como assentamento jesuítico, este dado é relevante dado ao processo relatado e reverenciado por diversos autores tanto de época, quanto os que revisitam suas obras, neste processo estou me valendo de ambas as fontes, além da de documentos e a cartografia.

Neste corredor que se formou, surgiu também um intenso fluxo de pessoas com suas diversas atividades, e claro pessoas que buscavam anonimato seja para fugir da coroa, seja para fugir de suas dívidas e/ou outras responsabilidades, e é exatamente nesta zona inicialmente livre, com população flutuante que surge o Pouso da Cruz Alta, como fora chamado logo de início devido a Cruz instalada a mando do Jesuíta Anton Sepp Von Rechegg em 1698, quando finalizava o processo de construção da redução de São João Batista.

Esta Cruz, e o ponto de referência tornou um lugar de parada para os comerciantes, tropeiros, desertores, contrabandistas e todo tipo de pessoas que por ali passavam ou precisavam descansar. Por ser um ponto relativamente próximo à Argentina e um caminho já desbravado, e também caminho da feira de mueres e

² Fonte IBGE- 2021(<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/cruz-alta.html>)

³ O **Tratado de Santo Ildefonso** (1777) confirmou o **Tratado** de Madri e devolveu a Portugal a ilha de Santa Catarina, ficando com a Espanha a Colônia de Sacramento e a região dos Sete Povos. O **Tratado** de Badajós entre Portugal e Espanha (1801) incorporou definitivamente os Sete Povos das Missões ao Brasil.

outros animais e especiarias de Sorocaba, alguns comerciantes decidiram residir pelas proximidades, iniciando o povoamento propriamente dito.

Figura 1 - Mapa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul- 1856.



Fonte: Rudolf Herrmann Wendroth.

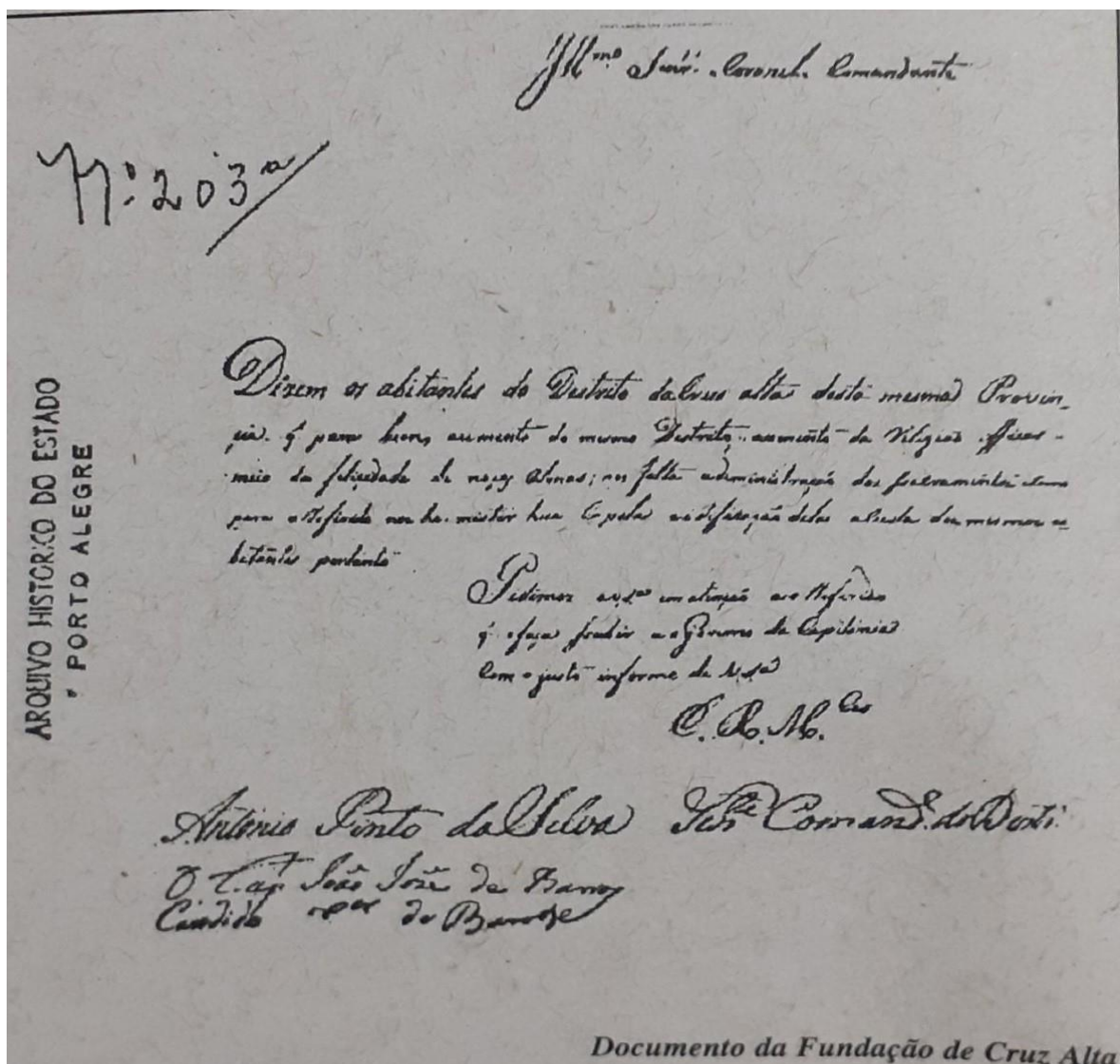
Mas por razões desconhecidas, mais tarde esses mesmos habitantes mudaram-se mais ao norte, num entroncamento onde hoje está estabelecido o município de Cruz Alta.

Depois da mudança do assentamento, alguns membros organizaram-se e enviaram uma petição à Coroa para que o povoado fosse oficialmente regulamentado, a resposta veio no dia 18 de agosto de 1821, tornando-se assim a

data oficial de fundação da cidade, embora tenha sido elevado à categoria de município somente em 11 de março de 1833 na denominação de Espírito Santo da Cruz Alta, desmembrando-se assim de Cachoeira do Sul, sede na então Vila de Espírito Santo da Cruz Alta instalado em 04 de agosto de 1834.

No Documento de petição da fundação da Vila podemos ver as assinaturas das famílias mais organizadas e influentes por assim dizer na época na vila, também confirmamos ao menos documentalmente, uma disputa existente entre autores sobre quem fora o fundador da Cruz Alta, embora tenha sido um conjunto de moradores, muito se atribuiu a Vidal José do Pilar a fundação da cidade, mas como o documento nos mostra um dos signatários é João José de Barros.

Figura 2 – Documento da Fundação de Cruz Alta



Diz o documento:

Ilmo. Sr. Coronel Comandante

Dizem os abitantes do Destrito da Cruz Alta desta mesma Província q. para bem aumento de noças Almas; nos falta administração dos Ssacramentos e como o referido nos he mister hua Capela, e idificação dela acusta dos mesmos abitantes
Portanto

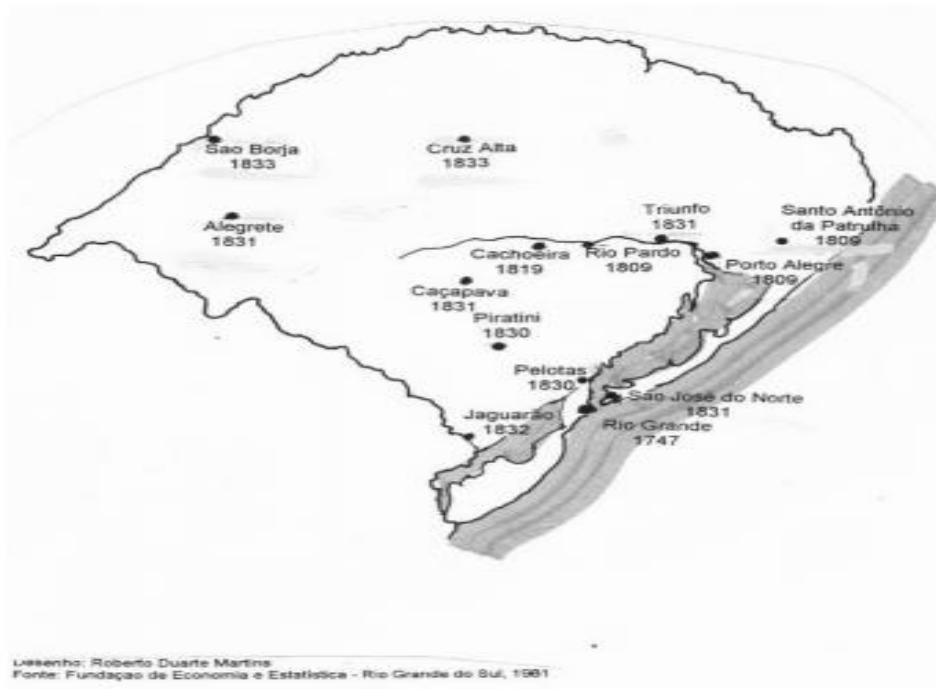
Pidimos a V.S^a em atenção ao referido q. o faça ssubir ao Governo da Capitania com o justo informe de V.S^a

E.RMce"

A relação geral. dos requerentes que fazem parte do documento são as seguintes:

Antônio Pinto da Silva, Comandante do Distrito - O capitão João José de Barros - Cândido Xavier de Barros - José Joaquim Batista - Manuel José Gomes - Manoel Francisco Chaves - Antônio Moreira - Joaquim Gomes de Oliveira - Francisco Anhaia de Siqueira - Salvador Ferraz - João da Costa - João de (Chaves ?) - Mariano Soares - José Lopes - Felix Alvares de Siqueira - Apolinário Gomes Ventura - José Fernandes - Manuel de Albuquerque - Miguel Rodrigues - José Joaquim de Toledo Joaquim José de Toledo - João de Góes - Gabriel Carvalho Pinto - João José dos Santos Lima - José Francisco Pinto - Salvador de Oliveira Lemes - Salvador Bonete - Francisco Pinheiro da Silva - Marcos Antunes e Manuel Alvares.

Figura 3 – Mapa da data de fundação do Município



O território da cidade/vila na demarcação primeira era bem vasta, tanto que deu origem à um total de 219 municípios emancipados direta e indiretamente, segundo genealogia feita em seus Centésimo Nonagésimo aniversário, depois de seus desmembramentos o território diminui significativamente e hoje conta com os limites atuais, de um território de 1 360,37 km² e o acesso à cidade se dá pela BR-158, no eixo norte-sul, pela BR-377, a leste, e também pela RS-342, a oeste⁴.

Fonte: Fundação de Economia e Estatística- Rio Grande do Sul, 1981.

Também é considerado um município tem uma importância estratégica, sendo considerado como um importante tronco rododiferroviário na região centro-norte do estado, com a presença de um porto seco no nordeste da cidade.

Devido a formação do território e ao intenso tráfego de pessoas, a formação da população iniciou-se com uma miscigenação de luso guaranis, com uma cultura missioneira, sendo que os habitantes originários (indígenas) acabaram sendo extintos massacrados nesse processo de tomada de território. No território da Cruz Alta mesmo não restou nenhum povo originário no local, nem mesmo na categoria de sobreviventes escravos do homem branco.

⁴ Fonte IBGE

Posteriormente houve a inserção dos Paulistas, Curitibanos e militares e milicianos, também houve os migrantes italianos, poloneses, judeus e várias outras etnias mais tarde, além das etnias africanas, que estas infelizmente já tinham o destino reservado à escravidão, sobre este tema em específico há as monografias do Thiago Araújo⁵, Leandro Daronco⁶ e da Ione Tereza Meirelles⁷.

A origem sócio política da região começa a ser traçada na sua formação, e tem forte influência militar e miliciana, sendo o coronelismo⁸ uma das práticas mais comuns na região. Porém aos dias de hoje é de difícil assimilação ou compreensão rápida por parte do leitor, sem que se discorra sobre os processos que a sociedade Cruzaltense passou ao longo das décadas nestes duzentos anos num aprofundado estudo, como não é o foco deste texto, para tanto, deixo aqui a recomendação a quem queira se debruçar sobre o assunto a indicação da tese e livro da autora Loiva Otero Félix⁹, além de outros.

Quanto ao processo de fundação da localidade, ainda é importante esclarecer que na época de sua fundação administrativamente falando, os poderes eclesiásticos e políticos mais que disputavam domínios, se fundiam. Em 1810 João José de Barros consegue sesmarias em Cruz Alta, na realidade um dos primeiros, e com isso em 1821 é solicitado mais sesmarias para criação de gado, cavalos e afins e com isso autorização para erigir uma capela¹⁰, ou seja uma vila, pois no Brasil Colônia nenhuma Vila se instalava sem a presença da Igreja.

⁵ ARAÚJO, Thiago Leitão de. Escravidão, fronteira e liberdade: políticas de domínio, trabalho e luta em um contexto produtivo agropecuário (vila da Cruz Alta, província do Rio Grande de São Pedro, 1834-1884). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

⁶ DARONCO, Leandro Jorge. À Sombra da Cruz: trabalho e resistência servil no noroeste do Rio Grande do Sul – segundo os processos criminais (1840-1888). Passo Fundo: Ed. UPF, 2006.

⁷ MEIRELLES, Ione Tereza Luft. Para que a história do tempo não se perca no vento: Presença e lugar do negro na Mui Leal Aldeia do Divino Espírito Santo da Cruz Alta 1820-1890. Dissertação de Mestrado PPGH/PUCRS. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

⁸ Compreende-se o coronelismo como um sistema político nacional, baseado em barganhas entre o governo e os coronéis. O governo estadual garante, para baixo o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos desde o delegado de polícia até a professora primária. O coronel hipoteca seu apoio ao governo, sobretudo na forma de votos. Para cima, os governadores dão o seu apoio ao Presidente da República, em troca do reconhecimento deste, de seu domínio no estado. Dessa forma, o coronel é um mandão local que em função do controle de algum recurso estratégico, em geral a posse da terra, exerce sobre a população um domínio pessoal e arbitrário, que a impede de ter livre acesso ao mercado e à sociedade política. Ver: CARVALHO, José Murilo. Mandonismo, Coronelismo e Clientelismo: uma discussão conceitual. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000200003&script=sci_arttext.

⁹ FÉLIX, Loiva Otero. Coronelismo, borgismo e cooptação política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

¹⁰ Entende-se este termo tanto no sentido Eclesiástico quanto no sentido administrativo leigo: pequena edificação para cultos católicos (divisão administrativa e religiosa da Freguesia)

A concessão foi cedida e a capela foi atendida pelo Pe. Antônio Pompeu Paes de Campos, em 11 de março de 1834 Cruz Alta passa oficialmente a categoria de Vila e em 6 de dezembro de 1858 assume o título de Cabeça de Comarca¹¹, e em 12 de abril de 1879 cidade¹².

E é dentro desta cronologia que o objeto desta dissertação, o cemitério público municipal é inaugurado em 1865, portanto antes do município ganhar o status de cidade. Mas m pouco antes desse período já havia eclodido a Revolução Farroupilha, e esta teve nomes marcados na história que não podemos deixar de relatar até porque futuramente serão encontrados em nossos campos de estudo patrimoniais, os cemitérios.

No ano de 1835 o Rio Grande do Sul vai ser palco de uma das Revoluções mais comentadas no Estado até hoje, em todos os seus aspectos, a Revolução Farroupilha (1835-1845), serão dez anos de lutas, cercos e mortes, afastamentos e incertezas no território Riograndense.

Nomes como **Bento Gonçalves, Bento Manuel, José Mariano de Matos, João Manoel de Lima e Silva** (tio de **Caxias- Luiz Alves de Lima e Silva**), **Dr. Augusto Borges de Medeiros, Anita Garibaldi, Tenente-Coronel Gomes Portinho, David Canabarro, Giuseppe Garibaldi, Onofres Pires**¹³ dentre outros marcaram este período e alguns deles circularam pelo território de Cruz Alta, que como já explicado era de dimensões bem mais vastas no período em questão, além das baixas desta guerra civil, que como sempre iniciou com objetivos claros e tidos nobres, mas acabou servindo à interesses políticos e econômicos de poucos.

A história, por assim dizer tem uma dívida com um dos episódios mais sangrentos e injustos dentro de uma guerra, “O massacre de Porongos” ou “Massacre dos Lanceiros Negros”¹⁴, nenhum ou quase nenhum dos revolucionários era abolicionista e não se preocupavam com a causa *negra*, fato comum na época.

¹¹Lei Provincial n.º 799, de 25-10-1872, foi criada a Comarca de Espírito Santo da Cruz Alta

¹² Elevado à condição de cidade com a denominação de Cruz Alta, pela Lei Provincial n.º 1.175, de 12-04-1879.

¹³Acerca do Tema Revolução Farroupilha recomenda-se: **A Revolução Farroupilha Pesavento, Sandra Jatahy. Ed. Brasiliense, 1985. Coleção tudo é história.**

Bento Gonçalves, o herói ladrão. Golin, Tau. LGR Artes Gráficas, 1983.

História do Rio Grande do Sul. Flores, Moacyr. Ed. Nova Dimensão, 1996.

Guerra Civil no Rio Grande do Sul. Araripe, Tristão de Alencar.

Memória da Guerra dos Farrapos, Brito, Francisco de Sá.

¹⁴ **Massacre de Porongos** ou Traição dos **Porongos** foi o penúltimo confronto da Revolução Farroupilha (1835-1845) e ocorreu em 14 novembro de 1844. A batalha foi a principal responsável pelo fim da mais longa das revoluções brasileiras. Foi uma traição aos negros que guerreavam com a

Entre novembro de 1842 e março 1845 o Tenente Coronel **Gomes Portinho** tinha sua base instalada em Cruz Alta, em 1845 a Revolução tem seu fim, porém, A Vila da Cruz Alta volta a sentir a ameaça de uma instabilidade e medo pela Guerra do Paraguai que se preparava.

CAVALARI (2006) expõe que na Vila da Cruz Alta a Guerra gerou uma preocupação nos moradores em relação à eminência de mais uma guerra, dessa vez envolvendo não só o Rio Grande do Sul, mas o Brasil. As autoridades Cruz-altenses preocuparam-se principalmente pela questão de fronteiras, pois tínhamos ao Norte a Argentina e também próximo o Paraguai, que tinha um contingente de soldados bem expressivo.

Com a deflagração da Guerra da Triplíce Aliança, Cruz Alta converteu-se em um verdadeiro acampamento militar, envolvendo a participação das principais lideranças políticas, apesar da isenção ao recrutamento por parte dos camponeses, temerosos das consequências que a guerra poderia causar-lhes. Mesmo sem uma definição das atribuições de organizar a vida militar, antigos guerreiros, reuniram milícias de voluntários de cavalaria e partiram para frente de combate. Velhos e jovens incorporaram-se aos Corpos da Guarda Nacional(OLIVEIRA, 2008, p.63).

A cidade também presenciou os inúmeros fatores que levaram o país a sua Independência em 15 de novembro de 1889, onde a Câmara da cidade adotou o regime posteriormente. (CAVALARI, 2004)

Cruz Alta também viria a ter participação na Revolução Federalista, que ocorrera de 1893 a 1895, um dos confrontos mais sangrentos da América Latina. Tendo sido berço de políticos importantes da época como Júlio de Castilhos¹⁵ e Pinheiro Machado¹⁶, Cruz Alta manteve suas bases políticas ligadas ao conservadorismo dos tempos de sua fundação, chegando a ser chamada de Ninho dos Pica-paus (CAVALARI, 2004).

Cruz Alta, devido a sua localização geográfica recebera alguns Regimentos de Artilharia, que estabeleceram se na cidade, e devido a este fato durante o período

promessa de liberdade no final do conflito. Mais de 100 negros foram assassinados e os que sobreviveram foram enviados à corte brasileira. "Foi um **massacre!**"

¹⁵ Júlio Prates de Castilhos nasceu na fazenda da Reserva, então no município de Cruz Alta, posteriormente no município de Vila Rica, hoje Júlio de Castilhos (RS), no dia 29 de junho de 1859, filho do comendador Castilhos e de Carolina Prates de Castilhos. Seu avô materno, Fidélis Nepomuceno de Carvalho Prates, foi considerado um dos heróis da Revolução Farroupilha, movimento de caráter separatista que agitou o Rio Grande do Sul de 1835 a 1845.

¹⁶ José Gomes Pinheiro Machado (Cruz Alta, 8 de maio de 1851 — Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1915) foi um político brasileiro, tendo sido um dos mais influentes da República Velha (1889-1930). Era conhecido como "o condestável da República" e símbolo da "política dos governadores".

da Segunda Grande Guerra, ou Segunda Guerra Mundial, enviara 150 de seus soldados para a batalha com a Força Expedicionária Brasileira FEB (OLIVEIRA, 2008).

Todo este período de intensa circulação de Comandos Militares, milícias e instalações de quartéis, envolvidos no cotidiano de formação de uma cidade, vivendo o período imperial, logo após desvinciliando-se deste período, porém tendo, seus governantes e militares, em August Comte a influência do positivismo da época que moldara suas ações, fez de Cruz Alta uma cidade que já inicia sua vida política e militar sob forte influência do conservadorismo.

As relações de espaço e poder no cotidiano da cidade e essas vinculações que podemos traçar entre a sociedade e os monumentos que criamos, criam estruturas, ainda que de formas difusas num primeiro momento, que podemos traçar e pensar as relações de poder na cidade. É bem verdade que esse controle, muitas vezes não é percebido por todos, é silencioso e na maioria das vezes é mascarado pela hierarquia de comandos e atitudes. Segundo Foucault,

Outrora, a arte de construir respondia sobretudo à necessidade de manifestar o poder, a divindade e a força. O palácio e a igreja constituíam as grandes formas, às quais é preciso acrescentar as fortalezas; manifestava-se à força, manifestava-se o soberano, manifestava-se Deus. A arquitetura durante muito tempo se desenvolveu em torno dessas exigências. Ora, no final do século XVIII, novos problemas apareceram: trata-se de utilizar a organização do espaço para alcançar os objetivos econômico-políticos (FOUCAULT, 2006. p. 211).

2.1 A LÁGRIMA QUE REGA O SOLO CONCRETADO DO CEMITÉRIO PÚBLICO DE CRUZ ALTA

Partindo de uma premissa óbvia das cidades do mundo, a de que todas sem exceção, possuem ao menos um cemitério, surge uma necessidade a de pensar seus espaços e seus usos. Pode parecer óbvio o uso do espaço cemiterial num primeiro momento, mas com o desenvolvimento das cidades, o crescimento urbano e as novas tecnologias, a única coisa que parece permanecer intacta é o morrer e a necessidade de um destino ao nosso corpo físico sem vida.

Aconteceu no mundo inteiro, um fenômeno curioso no final do século XVII. Por medida sanitária os sepultamentos passam a realizar-se em área aberta, nos chamados campos-santos ou cemitérios secularizados.

Embora esta mudança já ocorresse com os protestantes em muitos países, os católicos foram mais afetados. No Brasil o enterro fora da Igreja era reservado aos pagãos “não católicos”, protestantes, judeus, muçulmanos, escravos e condenados.

A disseminação de doenças mudou esse cenário, pois a transmissão de doenças se dava através dos miasmas concentrados nas naves e criptas das Igrejas então se instalaram os campos de sepultamento ensolarado ou a “céu aberto”.

Comenta-se nas redondezas da Vila do Divino Espírito Santo da Cruz Alta, que a situação das covas rasas, principalmente dos alforriados e dos indigentes, está sendo invadida por cães famintos que devido a erosão expunham seus corpos, e no instinto animal os cães desfilam em praça pública com ossos humanos e consomem matéria visceral dos cadáveres que deveriam descansar em paz.

Tamanho foi a repercussão aliada à secularização já avançada, que as autoridades tiveram de tomar uma providência, e iniciou-se a preparação do primeiro Cemitério Murado Municipal afastado dos limites da cidade para atender as vigentes normas sanitárias da época.

Dessa forma é possível vislumbrar como a cultura do século XIX europeu assimila a transferência da reverência ao túmulo do mundo Antigo, para o espaço total do cemitério. O crédito é dado, pelo menos em parte, à influência do pensamento positivista que remete ao cemitério um culto cívico. Esse movimento de cunho nacionalista será iniciado pelos discípulos de Comte em torno do polêmico projeto de Méry¹⁷.

Mas é necessário ressaltar também a interferência do poder público que através do decreto de 23 *praial* ano XII (12 de junho de 1804) confirma definitivamente a interdição de se enterrar nas igrejas e vai mais longe, determina a condição de que os corpos não mais sejam sobrepostos, mas sempre justapostos.

É definitivamente uma mudança de hábito. Mesmo os pobres, grande massa usuária das valas comuns foram agraciados com a legislação que determina o tamanho, profundidade, prazos e regras de utilização para as novas sepulturas. Isso não significa que a luxuosidade dos túmulos e criptas também se igualaram para todas as camadas sociais.

¹⁷ “A atitude antiga em que a morte é ao mesmo tempo próxima, familiar e diminuída, insensibilizada, opõe-se demasiado à nossa onde faz tanto medo que já não ousamos pronunciar o seu nome. É por isso que, quando chamamos a esta morte familiar a morte domada, não entendemos por isso que antigamente era selvagem e que foi em seguida domesticada. Queremos dizer, pelo contrário, que hoje se tornou selvagem quando outrora o não era. A morte mais antiga era domada” (ARIÈS, 1977, p. 40).

O resultado espacial é o crescimento da dimensão dos cemitérios, que partir de então se espalham e ocupam grandes superfícies. Os cemitérios tornam-se assim um elemento da paisagem urbana do século XIX (ARIÈS, 1982, p. 561-2).

A relação entre cidade e cemitério, apesar de antiga, hoje parece ser, de certa forma, conflituosa e, ao mesmo tempo, muito reveladora. Se por um lado, busca-se cada vez mais camuflar tal equipamento no meio citadino, com projetos de cemitérios jardins¹⁸ ou verticais¹⁹, vemos também, projetos de preservação patrimonial que o incluem como um bem cultural, protegidos por tombamento.

Nas cidades atuais, o patrimônio cultural tem se destacado como objeto de políticas e discussões, sendo possível afirmar, que houve um evidente incremento das políticas voltadas à gestão dos bens culturais, com a inclusão de novos objetos ao rol destes bens e, dentre esses, encontram-se os cemitérios. Mas para abordar o campo do patrimônio, foi necessário antes considerá-lo, como um campo de múltiplos significados e valores, e para tal proposta, foi importante:

[...] explorar os diferentes sentidos ligados ao conceito mesmo de 'patrimônio cultural'. As línguas românicas usam termos derivados do latim *patrimonium* para se referir à 'propriedade herdada do pai ou dos antepassados, uma herança'. Os alemães usam *Denkmalpflege*, 'o cuidado dos monumentos, daquilo que nos faz pensar', enquanto o inglês adotou *heritage*, na origem restrito 'àquilo que foi ou pode ser herdado', mas que, pelo mesmo processo de generalização que afetou as línguas românicas e seu uso dos derivados de *patrimonium*, também passou a ser usado como uma referência aos monumentos herdados das gerações anteriores. Em todas estas expressões, há sempre uma referência à lembrança, *moneo* (em latim, 'levar a pensar', presente tanto em *patrimonium* como em *monumentum*), *Denkmal* (em alemão, *denken* significa 'pensar') e aos antepassados, implícitos na 'herança' (FUNARI, 2000, p. 01).

O cemitério público no século XIX tornou-se uma "instituição cultural"²⁰. Observamos o fenômeno social acontecer quando nos deparamos com os relatos históricos que nos mostram "a morte romântica, retórica e antes de tudo a morte do outro – outro cuja saudade e lembrança inspiram, nos séculos XIX e XX o novo culto dos túmulos e dos cemitérios". Este é o cenário do século XIX, a morte privada é

¹⁸ Entende-se por *cemitérios jardins* aqueles compostos por sepultamentos assinalados por uma pequena placa colocada sobre o local da sepultura, combinando uma paisagem composta de árvores e flores.

¹⁹ Entende-se por *cemitérios verticais* os edifícios próprios para sepultamentos, que oferecem vários andares para colocação de corpos ou cinzas após a cremação.

²⁰ Designação do Historiador Norte-Americano S. French (ARÈS, 1982, p. 570).

cultuada no cemitério, entendido aqui com espaço público e em constante simbiose com um ambiente maior, a própria cidade.

Mas ele pode se configurar em algo mais, se for visto a partir de sua introdução como objeto de interesse histórico, artístico e cultural. Pode se tornar um museu tendo, como acervo, sua arquitetura funerária ou um sítio histórico, no qual está registrada a memória de uma localidade, sendo compreendido ainda como reflexo do panorama político-social-cultural e/ou religioso no sentido de abrigar a fé popular. Também pode ser ainda, um espaço de lazer, no qual estão, ilustres e famosos sepultados, em uma atração a mais para o mercado turístico. Três possibilidades, relacionadas aos cemitérios, que aparecem com regularidade quando os mesmos são alvos de preservação.

O Cemitério Público Municipal de Cruz Alta-RS, teve seu decreto de fundação em 13 de dezembro de 1863, cuja a Ata de Fundação elucida a data de fundação do mesmo. Segue a transcrição da Ata de Fundação.

2.1.1 Acta da colocação da pedra fundamental do cemitério público da Villa do Espírito Santo de Cruz Alta

Figura 4 – Acta da colocação da pedra fundamental do Cemitério da Villa do Espírito Santo de Cruz Alta.

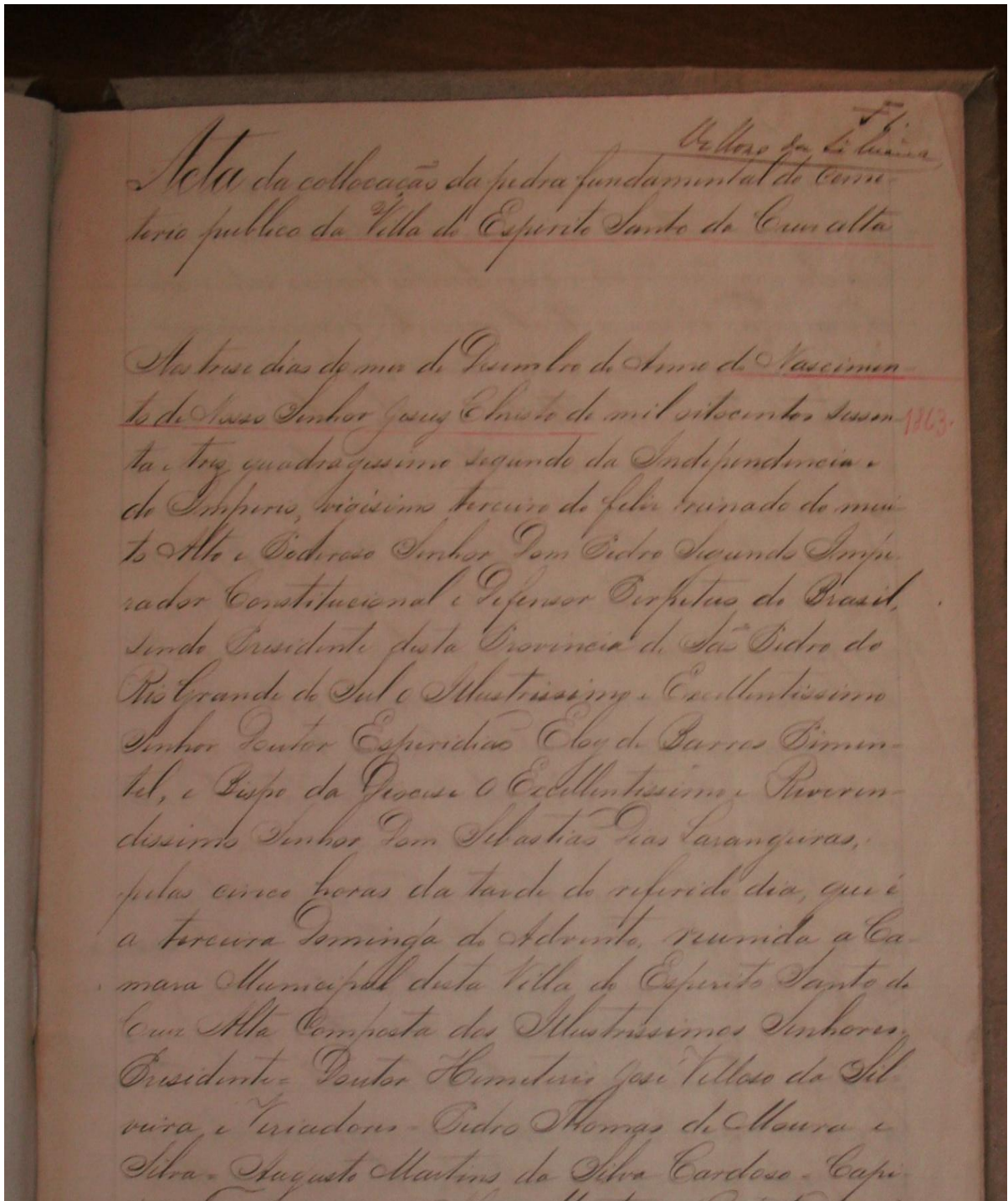


Figura 5 – Continuação – Acta da colocação da pedra fundamental do Cemitério da Villa do Espírito Santo de Cruz Alta.

Villa do Espírito Santo

medida de cobre de quarenta reis e outra de vinte
reis, que tudo vai collocado dentro de uma caixa
de zinco hermeticamente fixada, e esta dentro
da referida pedra, e de tudo para constar
lirro esta acta em duplicata sendo uma no
papel, que vai dentro da caixa e pedra referi-
das, e outra no lirro competente, sendo assig-
nada pelo Presidente e membros da Com-
muna Municipal, acima declarados, Reverendo
Pároco, autoridades e mais Cidadãos presentes,
de eu João Passa da Silveira Pello. Secretário
a escrevi.

N.º do termo por Villa do Espírito Santo.
Presidente.

Francisco José Alves de Oliveira
Padre Thomaz de Souza Silva
José da Matta Ribeiro
Augusto Martins da Silva Cardoso
João e Hilário da Rocha
Juiz de Direito.
Diniz Diniz

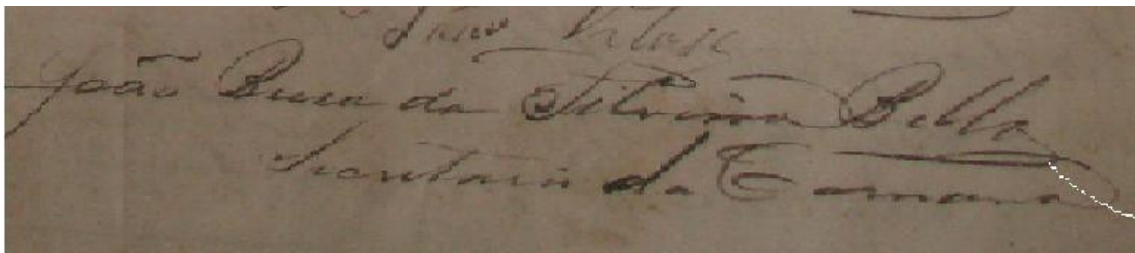
Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cruz Alta, 2021.

Aos três dias do mês de Dezembro do Anno de Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos sessenta e trez, quadragésimo segundo da Independência e do Império, Trigésimo terceiro do feliz reinado do muito Alto e Poderoso Senhor Dom Pedro Segundo Imperador Constitucional e Defensor

Perpétuo do Brasil, sendo presidente desta Provincia de São Pedro do rio Grande do Sul o Ilustríssimo e Excellentíssimo Senhor Doutor Esperidião Eloy de Barros Pimentel, e Bispo da Diocese o Excellentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Sebastião Dias Laranjeiras, pelas cinco horas da tarde do referido dia, que é a terceira Dominga do Advento, munnida a Camara Municipal desta Villa do Espírito Santo da Cruz Alta, composta dos Ilustríssimos Senhores Presidente Doutor Hemetério José Velloso da Silveira e Vereadores Pedro Thomas de Moura e Silva, Augusto Martins da Silva Cardoso Capitão Francisco José Alves Monteiro e Capitão José da Motta Ribeiro, achando-se mais presentes a Irmandade do Santíssimo Sacramento nesta Igreja Matriz, o actual Vigário da Freguesia o Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor Conego José de Noronha Napolio Massa, Juiz de Direito da Comarca o Ilustríssimo Senhor Doutor José Antonio da Rocha, o Coronel Comandante Supremo da Guarda Nacional do Município o Excellentíssimo Senhor Antonio de Mello e Albuquerque um grande concenso de cidadãos e povo todos recebidos no local escolhido e demarcado para (final 1ª página) para fundação do nosso cemitério público desta Villa, o qual fica situado em uma coxilha ao Noroeste da mesma Villa e quinhentas braças além da demarcação de seu actual recinto, circundada pela estrada geral que segue para a freguesia de S. Angelo e povos de Missões, pelas chácaras do Capitão Francisco José Alves Monteiro = Andre Shilistres Antonio Joaquim da Rosa e mais ... de servidão pública da Villa, ache feita pelo Reverendo Vigario a bênção solenne da pedra fundamental o nosso cemitério conforme o Ritual Romano, escripta e approvada a presente ata foi a mesma pedra colocada com o cerimonial do estylo pelo Presidente da Comarca Doutor Hemetério José Velloso da Silveira no alicerce da obra no lugar onde descança o portal esquerdo da porta de entrada da Capella que deve servir de Salla Mortuária a trezentos palmos de distancia da entrada do cemitério conforme o plano da obra; a qual pedra é de mármore de forma quadrada com as quinas recortadas com pequenas concavidades, tem seis pollegadas de altura- trez de grossura- dezesseis de largura- dez de altura com tampa da mesma pedra imbutida onde vai collocada em uma uma folha de papel de Hollanda dobrado em quatro partes a primeira via desta acta da installação desta Villa em mil oitocentos e trinta e quatro, uma moeda de cunho Nacional de ouro no valor de cinco mil reis uma desta de prata do valor de dois mil reis, uma dita do valor de mil reis, outras dita do valor de quinhentos reis- outra dita de dusetos reis uma moeda

de cobre de quarenta reis e outra de vinte reis, que tudo vai collocado dentro de uma caixa de zinco hermeticamente feixada, e esta dentro da referida pedra; e de tudo para constar lavro esta acta em duplicata sendo uma no papel, que vai dentro da caixa e pedra referidas, e outra no livro competente, sendo assinada pelo Presidente e membros da Camara Municipal, acima declamados, Reverendo Vigario, autoridades e mais cidadãos presentes e eu João Bessa da Silveira Bello, secretário a escrever:

Figura 6 – *Printscreen* da Assinatura do Secretário João Bessa da Silveira Bello que lavrou a ata



Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cruz Alta.

Algo que gera alguma confusão nos munícipes é que a inauguração por assim dizer, viria a ocorrer somente no ano de 1865 com o sepultamento de Benedito Angelo Gonsalves, ocorrido em 20/08/1865, motivo este da confusão.

É claro que no cemitério temos um sepultado com a data de 1863, o túmulo do Srº Saturnino Rôiz Lopes, porém algumas transferências ocorreram do cemitério da Igreja da Matriz.

...falleceu Benedito Angelo Gonsalves natural da Província de São Pedro, da idade de setenta anos, mais ou menos(...) Não recebeu sacramentos algum por ter falecido repentinamente, foi sepultado no cemitério desta villa por mim encomendado...do Ritual Romano.(sic)

A informação é de que algumas lápides forma transportadas, uma vez que a própria Mitra Diocesana da cidade responsável pelos Livros Registros de óbitos da época, registra que os corpos não foram movidos por respeito, ou por restarem “muito pouco” a ser transportado²¹.

²¹ Informações Obtidas na Mitra Diocesana de Cruz Alta- A Diocese de Cruz Alta é uma circunscrição eclesiástica da Igreja Católica no estado do Rio Grande do Sul. Pertence ao Conselho Episcopal Regional Sul III da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A sede episcopal está na cidade gaúcha de Cruz Alta. Endereço: Av. Venâncio Aires, 810 - Centro, Cruz Alta - RS, 98005-120

Figura 7 – Imagem da Catedral área do antigo cemitério



Fonte: Mapio.net²², 2021.

A área do cemitério conta hoje com um total de 33.899 metros quadrados, o Cemitério tem 15.000 mil túmulos e 6.000 gavetas²³, três entradas, sendo a principal voltadas para a Rua João José de Barros, e as outras duas entradas voltadas para a Rua Drº Catarino Azambuja, sentido oeste.

Figura 8 – Entrada principal do cemitério



Fonte: Ricardo Bolson, 2020.

²² <https://mapio.net/pic/p-36211963/>

²³ Segundo informações do Executivo Municipal- Tiago Perine, Coordenador do Cemitério Público Municipal (janeiro de 2021).

Figura 9 – Detalhe entrada principal



Fonte: Autora, 2021

Figura 10 – Portão 2, entrada lateral



Fonte: Autora, 2021.

Figura 11 – Portão 3, entrada lateral



Fonte: Autora, 2021.

O Cemitério Municipal de Cruz Alta vai ser inaugurado pouco antes da Guerra do Paraguai (1865-1870), e a cidade já vinha de períodos de participações em grandes conflitos como a Revolução Farroupilha e a Revolução Federalista, mas em específico a Guerra da Tríplice Aliança vem atrelada às mortes causadas pela “Varíola”²⁴, como destacou ROCHA (1964) houve “grande mortandade” devido a terrível “Epidemia da Bexiga”.

A Necrópole é bastante antiga, nos seus 156 anos de existência, comemorados este ano junto ao bicentenário do município, a dinâmica arquitetônica acompanhou claramente a cidade que se desenvolvia extramuros.

Neste espaço repousam junto a jazigos e mausoléus, santos e inocentes, pecadores e desafiadores que igualmente repousam sob o olhar velado da caveira com ossos cruzados que guarda a entrada principal símbolo do Cemitério.

São personagens da história que nos dizem muito de quem somos e que ainda hoje ditam o presente, como o centro de peregrinação tumular de Armando Cruz- O

²⁴ A varíola, também chamada de **bexiga**, é uma doença infectocontagiosa causada pelo vírus *Orthopoxvirus variolae*. Ao lado da peste negra, tuberculose e AIDS, a varíola é considerada uma das doenças mais mortais do planeta. Ela afeta o sistema imunológico provocando diversas deformações na pele.

Santo Acorrentado²⁵, ou como no túmulo com colunas greco-romanas da família Veríssimo que teve em seu auge, presença na sociedade marcada pela ascensão social do século XX.

Outro ponto típico presente em alguns dos túmulos que merecem destaque é o do Barão de São Jacob falecido em 1892²⁶, que traz a marca do império em seu túmulo, a coroa na parte mediana da coluna de mármore.

Outro ponto que demonstra a importância dada ao *status quo*, mais que ao cuidado na construção e adorno dos túmulos, é de que o mármore empregado nas construções e esculturas presentes em sua extensa maioria do primeiro grande quadrante do Cemitério de Cruz Alta, é procedente da Europa, mais uma ostentação e símbolo da imponência do período colonial da cidade.

Alguns túmulos-monumentos recebiam até mesmo cerimônia de inauguração com autoridades locais. Os cemitérios se transformaram em um dos muitos lugares destacados para se conhecer em uma cidade.

Cidades como Joinville/SC, Londrina/GO, Porto Alegre/PA, Jaguarão/RS, Rio de Janeiro/RJ e São Paulo/SP incluem cemitérios como opções de turismo cultural aqui no Brasil para citar alguns, como um local onde se pode encontrar parte da memória da cidade a qual pertencem.

No exterior encontramos vários países com tal iniciativa e vários cemitérios considerados pontos essenciais de visita a exemplo de Paris o Père Lachaise, na Argentina o Cemitério da Recoleta, Buenos Aires, em Jerusalém o Monte das Oliveiras, na Inglaterra a Abadia de Westminster, Londres, na Romênia o Cimitirul Vesel (Cemitério Alegre) Săpânța, na Suécia o Skogskyrkogården (Cemitério do Bosque) Estocolmo.

Apesar das novas iniciativas patrimoniais e também turísticas, os cemitérios como lugares de visita, ainda não são recebidos de forma totalmente pacífica. O *site* do cemitério da *Recoleta*, Buenos Aires, aponta o temor da morte, e tudo que a

²⁵ Velas e flores são deixadas do túmulo do homem que morreu em 1900, aos 20 anos de idade, vítima de tuberculose. Segundo a crença popular, ele atenderia os pedidos e promessas escritos no túmulo. Cruz teria ido para Cruz Alta para trabalhar na construção de uma ferrovia, junto com o irmão. Enquanto a doença ficava mais grave, ele teria ficado preso em um quarto escuro.

²⁶ **Jacob Diniz Rodrigues Dias, barão de São Jacó** Diniz Dias, primeiro e único barão de São Jacó (São Luiz Gonzaga, 1825 — Cruz Alta, 15 de novembro de 1892) foi um militar brasileiro. Filho do tenente Francisco José Dias e de Ana Cândida Rodrigues, casou-se com Josefina Lucas Annes com quem teve sete filhos. Era coronel da Guarda Nacional, foi herói da Campanha Oriental e da Guerra do Paraguai. Advogado, foi fundador da Colônia Militar do Alto Uruguai, em 1879, e chefe do Partido Liberal. Foi o fundador da Loja Maçônica em Cruz Alta. Agraciado barão em 14 de abril de 1883.

ela está relacionado, como a causa da resistência, ainda existente, à visita de cemitérios (PCR, 2004).

Nesse mesmo tema podemos nos atentar ao sentimento humano em relação à morte e o ente querido que perdemos, ou seja o falecido, nossa relação com ele. Albert Camus, que fora um filósofo francês falou o seguinte sobre a relação do vivo e o ente que partiu:

Não amaremos talvez bastante a vida? Já reparou que só a morte desperta os nossos sentimentos? Como amamos os amigos que acabam de deixá-nos, não acha?! Como admiramos os nossos mestres que já não falam mais a boca cheia de terra! A homenagem vem, então, muito naturalmente, essa mesma homenagem que talvez eles tivessem esperado de nós, durante a vida inteira. Mas sabe por que somos sempre mais justos e mais generosos para com os mortos? A razão é simples! Para com eles, já não há obrigações. Deixam-nos livres, podemos dispor do nosso tempo, encaixar a homenagem entre o coquetel e uma doce amante: em resumo, nas horas vagas. Se nos impusessem algo, será a memória, e nós temos a memória curta. Não, é o morto que nós amamos nos nossos amigos, o morto doloroso, a nossa emoção, enfim, nós mesmos! (CAMUS, 1956, p. 28)

A urbanização acelerada e o crescimento das cidades foram uma importante razão para a criação dos cemitérios coletivos a céu aberto, a capela já não suportava mais a demanda. A explicação parece ser simples, porém, quando se nota o derramamento de fortunas nas construções tumularias pomposas das abastadas famílias de cada cidade, quando se verifica a diferença de comportamento entre sepultura de igreja e da construção livre arbitrada pela fantasia do usuário, e também quando se considera a história social e cultural do mesmo período, então percebe-se os outros fenômenos.

Se a mudança tivesse ocorrido apenas pela questão sanitária os cemitérios católicos em descampado teriam permanecido sóbrios e padronizados sem necessidade excessiva de pompa. Em Cruz Alta a mudança social e principalmente a influência política, fez dessa separação um marco significativo, onde não apenas o desejo de demonstrar afeto pelo ente perdido era de relevância na hora de escolher forma do sepulcro e decoração.

Hoje monumentam-se *mausoléus* de grande imponência das primeiras construções misturados a capelas e tumbas de menor porte e espaços para indigentes no Cemitério Municipal, que hora já desapareceram com as covas rasas dos quadrantes separados para negros alforriados e descendentes de indígenas e os menos afortunados.

O Cemitério Municipal de Cruz Alta, possui alguns exemplares de esculturas tumulares e vários estilos de construção sepulcrais, além de contar em seus túmulos através dos personagens de relevância social e política regional, nacional e especulação de alguns de alguns soldados Paraguaios prisioneiros de guerra enterrados no cemitério.

Junto aos vivos *viveriam* os mortos por séculos até que, novas formas de se relacionar com a morte, fossem estabelecidas ao longo da história das cidades ocidentais. Nas cidades atuais não se reconhecem mais tais relações descritas por Fustel de Coulanges (2001): os mortos, por meio do fogo, não *habitam* mais as casas e não são vistos com muita frequência nas áreas mais centrais como foi até quase o fim do século XIX.

Além de não *viver* mais no mundo dos vivos, para alguns, viraram *almas do outro mundo*, assinalando com tal denominação, a distância a ser mantida com os mortos. Hoje os mortos ocupam cemitérios, geralmente, distantes dos centros urbanos. Considerando tais questões é possível ponderar, que as cidades precisam acolher vivos e mortos, e com relação aos mortos, vê-se a implantação de cemitérios de diferentes formatos ou tipologias, dentre eles, também os crematórios²⁷.

Nas cidades, manifestam-se a vida e a morte. Em seu traçado, praças, construções e paisagens são encontrados diferentes registros das diversas etapas e passagens da vivência humana. Dentre essas etapas, está a morte, popularmente conhecida como *o único mal irremediável* e, tal como os nascimentos, casamentos, encontros e desencontros desde os primeiros agrupamentos humanos, pode ser vista de alguma forma no meio citadino. E tal como a vida, a arte ilustra a ocasião, como na fala do personagem CHICÓ da peça (Auto da Compadecida, 1957.) de Ariano Suassuna:

CHICÓ: - É verdade; o cachorro morreu. Cumpriu sua sentença encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo, morre.

JOÃO GRILLO: - (suspirando) tudo o que é vivo morre. Está aí uma coisa que eu não sabia! (Suassuna; Auto da Compadecida, 1957.)

²⁷ Entende-se por *crematório*, o local onde são realizadas cerimônias e a cremação de cadáveres.

Para o antropólogo José Carlos Rodrigues, "[...] a consciência da morte é uma marca da humanidade" (RODRIGUES, 2006, p. 19), e a consciência desse evento na vida humana deixa suas marcas também no traçado das cidades.

Vê-se que são muitas as formas de ver a cidade. As cidades, como espaços de negociação, podem assim expor diferentes faces sujeitas a uma multiplicidade de formas, onde o espaço e a sociedade contribuem simultaneamente, em uma rede de influências para o resultado final do que se conhece por cidade.

Isto a faz mutante por mais que pareça manter-se igual, como muitas cidades preservadas por ações patrimoniais (GONÇALVES *et. al*, 1990). Neste contexto, o arquiteto Carlo Aymonino (1975) assinalou que para entender a cidade e seu significado é preciso levar em consideração que a mesma é:

[...] um lugar artificial de história no qual cada época - todas as sociedades por se diversificar da que as precedera - tentam, mediante a representação de si própria nos monumentos arquitetônicos, o impossível: assinalar naquele tempo determinado para além das necessidades e dos motivos contingentes porque os edifícios foram construídos... uma espécie de herança, de permanência, destinada a testemunhar as aspirações e as ambições, pessoais ou coletivas, através de instrumentos duráveis: os monumentos em pedra, em mármore, em ferro e em cimento (AYMONINO, 1975, p. 11).

Nas políticas de patrimonialização, o passado pode se transfigurar em um lugar a ser resguardado em sua integridade, instaurando a memória como forma de pertencimento social, criando e preservando lugares para a memória coletiva, como possibilidades de evitar o desaparecimento do passado e de resguardar uma identidade de todos e para toda uma grande maioria do grupo social da cidade, esta referência se dá porque memória é sempre relativizada e dependendo do ponto de vista pessoal, mas o acesso deve ser difundido e facilitado.

Para o historiador Pierre Nora (1993) a busca por locais que sejam representativos da história, e que possam ser referências para a identidade, cria o que ele chama como lugares *de memória* - na busca contemporânea de manter laços com a história. Os estudos de Pierre Nora e principalmente seus lugares *de memórias* são fundamentais para pensar o processo que tem expandido tal sentido de lugar especial a muitos lugares, inclusive o cemitério, embora não seja ainda tão comum seu reconhecimento.

O patrimônio cultural habilitou a memória como um dos eixos da preservação nas cidades e para tratar da mesma, é importante considerar seu papel na construção

da história e do passado. Passado entendido como o lugar de onde emergem as memórias que devem dar conta do que houve e de como eram determinados lugares ou sujeitos. De memórias individuais a coletivas, a memória tem se destacado como importante elemento na construção histórica e identitária.

3 DO SOLO SAGRADO À PEDRA FRIA; ONDE DAMOS INÍCIO À PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CEMITERIAL

Mais que um ato individual, a memória pode ser aquela que justifica ou indica a guarda e a preservação de lugares e costumes. Mas é importante destacar que a memória é fruto de um processo seletivo, que escolhe lugares, costumes, passados, tendo assim, um papel definido.

Evocando o passado, esse processo pensa e repensa o pretérito a partir de necessidades do presente, sendo a memória, portanto, mutante. Para pesquisadores como o museólogo Mário Chagas (2002) a maioria das ações de preservação, musealização e memorização estão a serviço de determinados sujeitos que acabam por determinar, na maioria das vezes, parte substancial do que deve ser conservado e preservado.

São atos de vontade, atos de poder e lembra que preservar testemunhos materiais não equivale a preservar a memória, já que a memória não está aprisionada às coisas. É preciso salientar também, que os bens reunidos por cada sociedade em sua história não pertencem a todos, ainda que formalmente pareçam ser de todos.

Diferentes grupos se apropriam de forma desigual desses bens considerados como herança cultural, presentes em instituições, como os museus. Nesses locais a apropriação dos bens selecionados e expostos como representativos de determinada cultura é realizada de forma desigual e são apropriados de forma diferenciada por grupos de diferentes classes econômicas e sociais.

Contudo, não se pode descartar o papel fundamental de instituições, como os museus, na preservação e no debate sobre bens culturais. Na questão dos bens culturais, como no caso do Cemitério Municipal de Cruz Alta, selecionar algo como participante de seu patrimônio é atribuir um lugar para o objeto, prática ou edificação dentre os referenciais identitários e considerá-lo um bem.

Contudo tal ação, dotada de uma intencionalidade, mais do que selecionar elementos é parte fundamental no decurso da gestão dos bens culturais, com a definição, muitas vezes arbitrária, do que deve permanecer como bem ou pode ser descartado no esquecimento e esta é uma responsabilidade. Em uma definição do termo bem cultural, pode-se dizer que este:

[...] em seu sentido amplo, compreende todo testemunho do homem e seu meio, apreciado em si mesmo, sem estabelecer limitações derivadas de sua propriedade, uso, antiguidade, ou valor econômico. (SCMG, 2008)

Os memoriais, obeliscos, estátuas, centros de memória que se espalham pelas cidades, são destinados a rememorar algum acontecimento e evitar as perdas destes bens. Muitos são feitos para guardar, comemorar pessoas ilustres, a maioria, e, por sua função, são destinados a ganhar evidência dentro da categoria dos lugares especiais ou diferentes, ganhando o *status* de monumento.

Dentro deste processo de monumentalização de lugares e também da criação de lugares da memória coletiva é preciso considerar que, no caso deste primeiro, este é algo que sintetiza, decorre e representa um discurso, não sendo, portanto, neutro e em grande medida, informa algo que é previsto em seu projeto ou representação.

Construídos em um determinado período, são históricos por sua natureza, apesar de receberem a denominação de histórico para definir aqueles representativos de uma memória ou história (CHOAY, 2000). Os monumentos estão ligados a uma visão de mundo, a um conjunto de valores que ganham destaque em sua forma e concepção e que motivam sua inserção no meio urbano.

A ideia de monumento histórico foi forjada no contexto da valorização da arte e da identidade, preservando o que o mundo depois da Revolução Industrial parecia velozmente destruir. Esta noção ainda parece mover, boa parte das ações de preservação patrimonial, mesmo tendo passado séculos da Revolução Industrial (MENESES, 2004).

Neste sentido conhecer e procurar medidas de preservação do patrimônio contido no Cemitério Público Municipal de Cruz Alta é algo que corrobora a intenção de preservar o patrimônio material e cultural contido dentro de seus muros.

Pensar atividades nos cemitérios que não somente os sepultamentos e os ritos fúnebres, pode em um primeiro momento, parecer algo inovador, ou até gerar estranhamento, no entanto, durante a idade medieval, danças, jogos, práticas comerciais, trocas e até atos jurídicos eram realizados no espaço cemiterial.

Foi no cemitério de Rouen, na França, que o tribunal eclesiástico julgou Joana D'Arc, por exemplo. Os inquisidores, embora interrogassem secretamente as suas vítimas, pronunciavam a sentença publicamente num estrado erguido no cemitério. Mesmo os atos de direito privado, como doações, vendas e trocas, eram tornados públicos no cemitério. Alguns atos jurídicos chegavam a associar os mortos aos vivos: um costume disseminado na Bélgica previa que uma viúva podia se livrar de dívidas mediante uma cerimônia em que

depositava no túmulo do marido “a sua cinta, as suas chaves e a sua bolsa”. (VISSIÈRE, 2013, s/p)

Mas desde a era medieval esse conceito espacial do cemitério mudou, de tal forma, que essas práticas foram sendo esquecidas e afastadas do contexto social, sob pena de serem relegadas a algo extremamente impróprias ao convívio da sociedade? O mais estranho é que o cemitério já foi um espaço exclusivo para os vivos, desabrigando seus inquilinos originais.

A própria historiadora Séverine Fargette-Vissière, vai narrar a evolução do trato do espaço cemiterial durante o medievo e este estranho fato:

Por vezes, a função de refúgio chegava a anular a principal vocação do campo santo: no século XII, um bispo, por solicitação dos habitantes da cidade francesa de Redon, fundou um cemitério em que não se admitiam cadáveres. Tratava-se de um espaço abençoado “para refúgio dos vivos, não para sepultura dos mortos”. Mas essa decisão exasperou os monges locais que lá queriam ser enterrados e acabaram obtendo ganho de causa. Na verdade, a segurança dos cemitérios os transformou em lugares habitados. O Concílio de Troyes, do ano 878, já determinava que os que ousassem arrombar igrejas ou roubar as casas situadas no recinto dos cemitérios cometiam um grave sacrilégio. O problema é que os refugiados por vezes se sentiam tão bem em espaço protegido que tendiam a se fixar, e os clérigos não conseguiam expulsá-los. Não raro, os padres também ocupavam essas vivendas ou tratavam de lucrar alugando pequenos lotes. Nesses períodos, os vivos chegavam a desalojar os mortos, pois as casas invadiam todo o espaço e já não era possível enterrar ninguém. De tempos em tempos, a Igreja cuidava de colocar ordem na ocupação, mas sem reduzir o interesse dos inquilinos. Curiosamente, o cemitério chegou a ser um lugar cobiçado: lugar sagrado, aluguel barato e imunidade contra abusos da polícia eram condições atraentes. Existia ainda uma categoria particular de habitantes permanentes: as reclusas. Mulheres que, por espírito de devoção, se deixavam confinar vivas em casinhas apoiadas na igreja do cemitério. Bem acomodadas, algumas chegavam a uma longevidade excepcional. Foi assim que, em 1470, o rei Luís XI decidiu homenagear uma tal Alix la Bourgotte, que falecera depois de ter passado 46 anos reclusa no cemitério dos Inocentes. Na mesma época, outras mulheres lá foram confinadas, se bem que a contragosto, como certa Renée de Vendômois, condenada à prisão perpétua pelo assassinato do marido. (VISSIÈRE, 2009.)

Figura 12 - A área de sepultamentos em Paris, bem no meio da cidade Cemitério dos Inocentes.



Fonte: Autor Desconhecido, século XVIII.

Vai ser no fim da Idade Média que a Igreja Romana irá legislar sobre estes espaços cemiteriais na Europa, proibindo o comércio, em princípio de alguns produtos em específico e posteriormente de um todo. Tal ato, visava ter efeito sobre as taxações/arrecadações dos vilarejos e cidades.

Por vezes o cemitério irá servir à outras funções como tribunal da Igreja Católica onde como punição por seus “crimes” julgados pela Igreja a *Santa Inquisição* sentença e executa Joana D’Arc²⁸ a morte na fogueira em meio ao cemitério. Nós vamos ver o cemitério na formatação a qual estamos acostumados, mais silencioso, murado, com lápides e lajes para proteger os corpos inumados dos animais domésticos somente no século XIX, a vida por assim dizer irá voltar a prevalecer nestes espaços somente no dia de finados, bom isso até o século XXI em tempos de

²⁸ Joana D’Arc foi queimada numa fogueira em praça pública a 30 de maio de 1431 na cidade francesa de Rouen. A jovem filha de camponeses liderou a luta contra a ocupação inglesa em 1429, na Guerra dos Cem Anos.

Pandemia do Corona Vírus(SARS-Cov 2)²⁹ em que haverá um surto de enterramentos.

Figura 13 - Joana D'Arc (1412-1431)



Fonte: Jules Lenepveu (1819-1898) Domínio Público.

3.1 A CIDADE DOS MORTOS PROJETADA PELOS VIVOS

Em nossa cultura estabeleceu-se um senso comum de que o patrimônio cultural está presente somente em cidades históricas consagradas pelo tempo ou pelo poder público, ou em locais muito distantes de nós, tornando o acesso difícil, nessa

²⁹ A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. Esses sintomas geralmente são leves e começam gradualmente. Algumas pessoas são infectadas, mas apresentam apenas sintomas muito leves. A maioria das pessoas (cerca de 80%) se recupera da doença sem precisar de tratamento hospitalar. Uma em cada seis pessoas infectadas por COVID-19 fica gravemente doente e desenvolve dificuldade de respirar. As pessoas idosas e as que têm outras condições de saúde como pressão alta, problemas cardíacos e do pulmão, diabetes ou câncer, têm maior risco de ficarem gravemente doentes. No entanto, qualquer pessoa pode pegar a COVID-19 e ficar gravemente doente.

concepção idealista e elitista uma grande parcela da população seria excluída da possibilidade de acessar estes patrimônios.

Com base nesse pensamento, torna-se mais difícil aceitar o conceito de patrimônio cultural e a patrimonialização de espaços do cotidiano, como por exemplo o cemitério. Mesmo que este espaço não seja o mais convencional no trato do patrimônio, ele é dotado de sentimento e identidade únicas para todas as comunidades em que ele está inserido. Como já definido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) patrimônio compreende no seu sentido mais amplo:

A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, substituindo a denominação Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial. A Constituição estabelece ainda a parceria entre o poder público e as comunidades para a promoção e proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro, no entanto mantém a gestão do patrimônio e da documentação relativa aos bens sob responsabilidade da administração pública.

Enquanto o Decreto de 1937 estabelece como patrimônio “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”, o Artigo 216 da Constituição conceitua patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Nessa redefinição promovida pela Constituição, estão as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (IPHAN-2021)

No caso do cemitério Público Municipal de Cruz Alta, a valorização acontece, por várias características, pelo tempo em que ele está inserido na cidade, pela sua representatividade no processo de secularização, pela participação na história do desenvolvimento do traçado urbano da cidade, pela presença na narrativa histórica e cultural do município dentre outras várias que podemos explorar, e que já fora abordado por outros autores.

Apesar de legislação existente, própria dos cemitérios, a nível local e estadual “Conforme ANEXO-A, LEI MUNICIPAL Nº. 2344/13”, inclusive na Carta Magna de 1988 e, apesar de tratados e convenções internacionais – todo esse precedente não impede a descaracterização e mesmo a destruição de patrimônios culturais, mas algo

que também devemos levar em conta, se já estabelecemos tal bem, imóvel, lugar ou modo de fazer como sendo relevante a uma comunidade, ou porquê ele não teve a proteção devida?

Sabemos que os interesses econômicos superam os sociais no mundo capitalista, mas também sabemos que se não há vínculo ou interesse da sociedade o processo de desaparecimento de um bem tido como patrimônio muitas vezes não é sentido no âmbito social, por assim dizer, apenas uma certa classe da sociedade irá sentir seu desaparecimento ou descaracterização.

Então como podemos unir o processo de patrimonialização de um patrimônio, com a devida proteção? Com a devida sensibilização da sociedade que se apropria desse patrimônio, através da educação, do sentimento de pertencimento. Este, cremos ser o caminho ideal para que os passos já construídos tenham eficácia. Como aponta Horta:

Um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (Horta et all, 1999, p. 6)

Pensar esse processo de apropriação da memória e sua valorização é algo muito inerente ao ser humano, a algo que vai dialogar do indivíduo ao grupo social, pois se quisermos evitar que um grupo se deligue ou cometa o esquecimento pelo desapego como cita Halbwachs, precisamos propiciar momentos, ícones e locais para que essa memória seja coletivizada, mesmo que no caso haja, uma reunião de memórias pessoais reunidas num espaço como o caso dos Cemitérios.

Estes espaços serão ainda mais complexos pois irão dar conta de fenômenos do pessoal ao social, passando por diferentes épocas, acompanhando a evolução da sociedade. É bem verdade que a tecnologia, as mudanças nos hábitos da sociedade principalmente da socialização das pessoas, e dos enterramentos atuais, muito devido a superpopulação e ao espaço ocupado pelos cemitérios convencionais, tem transformado inclusive aquela memória coletiva conhecida dos ritos funerários.

A individualidade está mais presente, o foco é no “eu”, porém o “eu” não sobrevive sem fazer parte do coletivo, e assim também suas memórias, por mais que

os hábitos e rituais passem por modificações temporais ou forçadas como no caso da pandemia atual do Covid-19. Nos apoiamos mais uma vez em Halbwachs, quando ele afirma que:

Assim, um homem muito piedoso, cuja vida foi simplesmente edificante, e que foi santificado após sua morte, se espantaria muito, se retornasse à vida, e pudesse ler sua legenda: esta foi composta, entretanto, com a ajuda de recordações preciosamente conservadas, e redigidas com fé, por aqueles com quem passou parte de sua vida. Nesse caso, é provável que muito dos acontecimentos recolhidos, e que o santo não reconheceria, não tivessem acontecido;(HALBWACHS, 1990)

O espaço urbano é público, podendo ser desfrutado por todos os cidadãos, e vamos presenciar também neste espaço público o cemitério oitocentista que a *priori* vai ser concebido afastado da malha urbana na expressiva maioria dos casos, pois nessa época já saíra do espaço da Igreja por conta de uma questão higienista, os miasmas estavam a adoecer a população.

Porém com o aumento da população a malha urbana se alastra, o chamado progresso se estende, e isso faz com que as cidades dos vivos alcancem a cidade dos mortos. Neste cenário vamos presenciar o fenômeno do espaço criado para o exílio dos mortos, a morte tratada como prática alheia à vida.

E nestes espaços inseridos em meio aos centros urbanos consagra-se um *exílio dos mortos*, criado para diferentes práticas religiosas, inúmeras práticas e rituais, promovendo a possibilidade de que classes superiores pudessem expor seu poder e suas riquezas através de suas construções majestosas ou pela assinatura de artistas da época, além desses túmulos ocuparem espaços privilegiados nos cemitérios.

Não podemos negligenciar que a morte como fenômeno social e conseqüentemente seu enterramento, deixa aos menos abastados espaços e condições de construções mais singelas, causando discrepância com os túmulos e mausoléus, sem mencionar as covas rasas e túmulos de aluguel (gavetas).

E ao vivenciarmos hoje no século XXI, uma pandemia mundial, isto torna-se mais evidente e muitas vezes iminente, e com tal situação nos percebemos com um problema recorrente dentro dos cemitérios, o de falta de proteção a estes espaços que guardam não só os corpos inumados de nossos entes, mas também a história

das comunidades e dos povos ao longo do tempo³⁰, e preservá-los é preservar a memória coletiva, morremos mas com nossos corpos não morre a história a menos que nossos feitos não deixem rastros, e estes permanecem inclusive nos cemitérios.

Assim como afirma HALBWACHS (1968):

Assim se explica como as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva. O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras. Como a imagem do quadro evocaria aquilo que nele traçamos. Já que o quadro é indiferente aos signos, e como, sobre um mesmo quadro, poderemos reproduzir todas as figuras que se quiser? Não. Todavia, o lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa.

Mas há uma pergunta muito pertinente a ser respondida, os cemitérios poderiam ser tratados como espaços de memória a exemplo dos museus? Qual seu valor patrimonial? Na forma de concepção destes espaços, todos os dois são concebidos num contexto social, forjados em determinados momentos da sociedade na esperança que seus feitos possam ser espaços de lembranças através dos tempos.

A morte e seus ritos gradativamente abandona sua condição de simples legado para ser discutido, estudado, compartilhado, e neste caso, reivindicado. Excederam-se os limites da monumentalidade, excepcionalidade e até mesmo da materialidade como parâmetros de proteção, para abarcar características como a vernaculidade, a trivialidade, a imaterialidade, sem abrir mão da preservação de objetos de arte e monumentos consagrados. O patrimônio cultural, considerado em toda a amplitude e complexidade, impõem-se em alguns casos como um dos principais componentes no processo de planejamento e ordenação de crescimento da cidade e como um dos itens estratégicos na afirmação de identidade de grupos e comunidades, transcendendo a ideia fundadora da nacionalidade em um contexto de globalização (FONSECA, 1997).

Contudo, mesmo com as semelhanças, teriam os cemitérios potencial para serem espaços de memória? Com este olhar, e a possibilidade de discutir a função social e histórica ao longo dos tempos, os cemitérios tem muito a oferecer neste aspecto, conforme NORA nos explica,

³⁰ Grifo da Autora

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 1984)

Sempre que há envolvimento do pesquisador com a comunidade, a tendência é de que a retribuição seja proporcional ao nosso esforço. Há de se ressaltar que alguns artigos já foram escritos sobre o cemitério de Cruz Alta, e muitos deles bem escritos, sobre alguns aspectos, arte, personalidades sociais, e até sua relação com a construção com a cidade, mas para quem estes textos foram direcionados? Quem teve acesso? Quando se critica a falta de preservação de um espaço, seja ele público ou privado, devemos nos perguntar, a quem ele se destina e se há sentimento de pertencimento?

No caso de um cemitério, lidamos com fatores que vão além do pertencimento, ou julgamos pertencimento, a necessidade. Durante a transição dos espaços cemiteriais do espaço da Igreja para os chamados Campos Santos ou Abertos (Cemitérios Murados) individualização das sepulturas, que passaram a ser nominais, demonstrando grande preocupação em demarcar o espaço onde se inumava o ausente, também demonstrou algo presente até os dias de hoje, a gritante diferença socioeconômica, onde pudemos presenciar mausoléus sendo erguidos como forma de homenagem e afirmação social e covas rasas que pelo tempo desapareceram, e ainda sepulcros simples em que não se identifica o nome do falecido pois o material foi desgastado com o tempo, pouco tempo.

Ainda tratando das transformações no modo como a morte passou a ser vivida pela sociedade, estava a resignificação do luto, que, neste momento, aparece em novas formas. Após a secularização, as famílias tomam a decisão quase que total sobre o corpo do falecido, até mesmo dos ritos religiosos e funerários, o que mais uma vez torna o espaço cemitério um lugar de inúmeras escolhas e culturas, e assim, muitas possibilidades de pesquisas, não só mais a genealógica como era visto, fora o local de pesar.

Se temos um cemitério municipal como no caso estudado de Cruz Alta, e este reflete a sociedade local, é natural que em vários momentos desperte o interesse de

alguns pesquisadores por variados temas, mas é a comunidade³¹ que utiliza o espaço, como cuida deste patrimônio? Não poderia ela também usufruir deste espaço como espaço de memória para além de espaço destinado a dor?

Neste sentido, a conscientização, aproximação e trabalho de educação patrimonial, servirá de alerta à população para o valoroso patrimônio disponível em sua cidade, e que não precisa ser visto apenas como fonte de dor. Esta aproximação população X cemitério criará um vínculo, gerando um senso de pertencimento que na maioria dos casos resulta numa melhor preservação do espaço. Sabendo da utilização do espaço, e de várias outras propostas em espaços semelhantes pelo Brasil e em outros países, o objetivo de começar a vincular uma educação com a população local, dando prioridade aos visitantes e a grupos escolares, seria num primeiro momento através de um ***Guia de Visitação das Artes Tumulares***³².

Ao incluir temas não convencionais no centro das discussões que abordam a questão patrimonial, devemos olhar sob uma nova perspectiva em que o objeto cultural, neste caso, que desloca a atenção exclusiva dos bens de valores excepcionais, entendidos pela monumentalidade e valor histórico, para o campo das atribuições de novos sentidos e valores.

O ato de apreender referências culturais pressupõe não apenas a captação de determinadas representações simbólicas, como também a elaboração de relações entre elas e a construção de sistemas que “falem” daquele contexto cultural, no sentido de representá-lo. (FONSECA, 2000:113, grifos do autor)

O cemitério e suas “Obras de Arte” serão abordados através dessa nova concepção de referência cultural, entendendo, como fio condutor, as relações que o homem mantém com esse espaço em diferentes culturas, esse será o princípio da relação mais íntima educacional da necrópole com os estudantes e seu público em geral.

3.2 CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CRUZ ALTA, COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA

Sabe-se que a morte é um tabu, e não deveria ser, afinal ela é por si a antítese do nascimento, e estamos no século XXI, com acesso a muita informação de como

³¹ Grifo da autora.

³² Grifo da autora.

várias culturas trataram e tratam um dos fatos inevitáveis de se estar vivo- o morrer-. Valladares (1971) explica, de uma forma bem didática que além da questão higiênica, a ostentação também motivou o sepultamento extramuros, “uma razão metade empírica e metade científica, da sociedade oitocentista; se apenas por isso acontecesse, os cemitérios católicos em descampados teriam permanecido sóbrios, padronizados, como os que se erigiram para as irmandades, em mausoléus coletivos, ou como os de outras religiões” (p. 279).

No entanto, se observarmos bem, ao analisar a sociedade vamos perceber que os cemitérios são vitais para a compreensão da história e da memória. A exemplo de das cidades dos vivos, nos cemitérios, vemos as distinções sociais, informações, arquiteturas e obras de arte, além de informações genealógicas que dizem muito sobre os personagens, seu tempo e a própria sociedade.

A memória coletiva é caracterizada por Halbwachs como um fenômeno social que deve ser compreendido como resultado de um processo estritamente social. Sendo assim, a memória coletiva só vai ser entendida se estruturada coletivamente, ou seja, grupos e/ou instituições que proporcionam múltiplas e diferentes memórias.

Pensar sobre a dimensão da memória, e no seu emprego nas construções de identidades institucionais também se torna necessária na área cemiterial pois é um lugar de múltiplas memórias. Segundo Pierre Nora, há uma obsessão pela memória e pela guarda desta, devido à intensa mudança do mundo, e a este fenômeno o autor chama de “aceleração da história” (NORA, 1993).

A consequência imediata disto é a proliferação da construção desses lugares de memória, dada a velocidade da perda das características particulares ao homem moderno, pois, a memória contemporânea é diversa daquela espontânea, ocorrida no dia-a-dia das sociedades tradicionais. Parecemos carecer da construção de lugares de memória com o objetivo de não esquecer (Idem, 1993).

Nas Necrópoles Coexistem inúmeras memórias coletivas. Ao serem eternizadas em monumentos – documentos – (LE GOFF, 1990), ou seja, registros permanentes, essas memórias não perdem seu caráter específico e sua vinculação ao grupo que as produziu. No caso do Cemitério de Cruz Alta, o objetivo principal talvez não seja transformá-lo em um Museu à Céu Aberto, mas num **Espaço de Memória Constituído**³³.

³³ Grifo da autora.

Nesse sentido as tipologias apesar de diferentes, apresentam semelhanças na constituição de acervos, e visitantes, e é por isso que seguimos mostrando como a *Necrópole Municipal de Cruz Alta* pode ser um espaço de memória, se houver a adoção da população e incentivo do Poder Público.

Num museu convencional, ou mesmo nas tipologias mais modernas apresentadas hoje, ainda temos uma estrutura a ser reconhecida para tal configuração em sua função e descrição, que segundo o *International Council of Museums (ICOM)* é:

"Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade". ICOM, 2001.

Tomando o cemitério como um espaço passível de patrimonialização oficial, talvez na comparação à um Centro de Memória ou Um Museu a Céu Aberto, e seguindo o conceito de Museus do *ICOM*, conseguiríamos inserir a necrópole municipal de Cruz Alta neste conceito? Vejamos os pontos básicos:

1. **Instituição Permanente:** O cemitério tem caráter permanente, além de possuir alguns túmulos de caráter perpétuo, que não podem mais ser destituídos de seus proprietários, jazigos perpétuos.
2. **Sem Fins Lucrativos³⁴:** Como toda instituição pública, esta segue as mesmas características sendo normatizada pelo Poder Público Municipal e tendo espaços vendidos, sendo inteira responsabilidade dos proprietários, como nas cidades e espaços locados temporariamente³⁵ pelo município como no caso dos Lóculos (gavetas) não perpétuos para as famílias que não possuem jazigo próprio.
3. **A Serviço da Sociedade e do seu Desenvolvimento:** A prática de sepultamentos nas igrejas foi muito contestada por médicos higienistas, sanitaristas e até mesmo governantes que, desde a segunda década do século

³⁴ Sem Fins Lucrativos aquelas que tem sua origem no direito privado, que é dotada de personalidade jurídica e que se institui em busca de um objetivo em comum. É importante frisar que o lucro não pode ser o objetivo dessa instituição.

³⁵ Caso não haja pagamento ou renovação do contrato, há a remoção dos restos mortais para o ossuário* após os três anos de sepultamento.

XIX, defendiam o fim dessa prática por considerá-la insalubre e nociva à saúde pública, era o um dos pretextos para a secularização. Esse foi um direito inviolável o do sepultamento digno, exercida por essas instituições, conforme narra ARIÈS,

...a ostentação ao mesmo tempo profana e mística das pompas fúnebres tornara às exéquias dos ricos mais diferentes do que as exéquias dos pobres. Nas comunidades rurais, mesmo os pobres podiam ter certeza da presença de amigos e vizinhos em seu cortejo, segundo os costumes mais antigos. Mas nas cidades, de onde o êxodo foi de tal forma acentuado na segunda fase da Idade Média, o pobre ou o solitário não mais dispunha, entre as liturgias da morte, nem da antiga solidariedade do grupo, nem da nova assistência dos que distribuía indulgências e méritos ... O costume tradicional, deteriorado, tornava-se então intolerável solidão e abandono da alma. Por essa razão o grande movimento da caridade do fim da Idade Média estendeu-se aos enterros dos pobres. (ARIÈS, 2012, p. 127).

Com isso os cemitérios murados passaram a servir as comunidades como espaços propícios para consagração da morte e morada eterna de nossos entes queridos, porém assim como os séculos passaram, as cidades se desenvolveram, as guerras dizimaram populações e coube aos cemitérios abrigarem esta população perpétua, refletindo uma organização social moderna.

4. Aberta ao Público e que Adquire, Conserva, Investiga, Difunde e Expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno: Neste tópico a aquisição e conservação das peças esculturais, bem como jazigos é compartilhada entre os munícipes e o Poder Público. De forma sucinta, sem a ação humana até mesmo o perpétuo, se desfaz na memória e no tempo, pois pertencimento nos liga ao sentimento de carinho pelo objeto. E neste caso, é necessário uma interpretação diferenciada, pois estamos aqui lidando com um acervo que interage com elementos físicos e psicossociais, que envolverá o emocional do visitante, e o direito íntimo do ser humano- o *luto*³⁶ em momentos que a visita a este espaço de memória cruzar com o momento do luto do outro, assim como o faz no espaço cidadão.

³⁶ O **luto** é uma emoção que paira sobre o “Homem” quando ele perde alguém, ou seja, assim que uma ruptura o distanciam do ser querido, o qual parte através da morte. Um profundo sentimento de tristeza ou compaixão nasce desta carência, a qual se revela mínima ou de grande intensidade, de natureza positiva ou negativa. Ele é expresso de formas distintas conforme o viés cultural adotado por cada povo. Em diferentes comunidades, por exemplo, recorre-se à utilização de trajes com variadas colorações, as quais apontam a existência do luto. Uma nação pode igualmente recorrer ao estado de luto quando alguém famoso morre.

5. Educação e Deleite da Sociedade: Este é o tópico a ser explorado e estudado no conceito de Educação Patrimonial, no meio escolar primário, secundário, universitário e principalmente social. É no cemitério que manifestações culturais ancoram, e percebemos as evidências alegóricas que convulsionam dramaticidade; por desempenharem uma espécie de eficácia simbólica da conservação e da memória, materializada na monumentalidade arquitetônica de seus túmulos individualizados e adornos diversos em torno dos quais se desenvolveram práticas e reproduções simbólicas de naturezas diversas.

E porque associar o cemitério, a necrópole a um espaço de memória como o museu? Porque, museus nos contam, mostram e nos fazem sentir das mais diversas formas, com os mais variados sentidos o que foi de nosso passado, de nosso povo, suas glórias, alegrias, criações, dores e sofrimentos, punições, maus tratos, de nosso presente.

Explorar as sensações do nosso tempo, e, também do que podemos esperar de um futuro, na esperança que este chegue, e ele certamente chegará, senão para nós para nossos descendentes, tem sido assim através dos tempos, mesmo depois que pestes assolaram o planeta. E POLLAK (pág 7,1987) foi muito sábio ao dizer que “Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta. ”

Na medida em que os antigos cemitérios não se renovam, tendem cada vez mais a se tornar vestígios arqueológicos, atrativos de curiosidade museológica, lugar de memórias residuais, o que já há algum tempo atrás metaforizava Marcel Proust ao comparar um livro a um grande cemitério, no qual sobre a maior parte de seus túmulos não se pode mais ler os nomes apagados. Talvez por isso, para muitos, a descontinuidade na cadeia geracional represente ainda hoje uma constante ameaça, como a situação vivida por uma mulher, já bastante idosa, que no São João Batista, no Rio de Janeiro, costuma dedicar horas semanais a cuidar do túmulo de seu único filho, morto na juventude. Entretanto, lastima que não lhe restando muitos dias pela frente, nem laço algum de família, pois todos os seus já se foram, o nome do filho pouco a pouco perderá os contornos na pequena lápide, e sem nervuras, como uma grande mancha impalpável, não tardará a alcançar por completo toda a superfície lisa da pedra, juntando-se a outros nomes apagados (MOTTA, 2009:86-87).

E agora, em nosso presente, aguardando surgir pós pandemia que assola o mundo, precisaremos mais do em qualquer outro momento falar sobre o que aconteceu no mundo no século XXI, o que foi o COVID-19 (pandemia de 2020, 2021

do Corona vírus) e quantas vidas ele ceifou no Brasil e no mundo? Na realidade até o presente momento, qualquer que seja o agente, e a área do conhecimento que se envolva na narrativa da atual pandemia, o faz do tempo presente e isso como já afirmava Eric Hobsbawm na perspectiva de leitura do século XX, no seu livro Era dos Extremos – o breve século XX – 1914 – 1991, o fazemos do olhar local para o global no instante,

Meu objetivo é compreender e explicar por que as coisas deram no que deram e como elas se relacionam entre si. Para qualquer pessoa de minha idade que tenha vivido todo o Breve Século XX ou a maior parte dele, isso é também, inevitavelmente, uma empresa autobiográfica. Trata-se de comentar, ampliar (e corrigir) nossas próprias memórias. E falamos como homens e mulheres de determinado tempo e lugar, envolvidos de diversas maneiras em sua história como atores de seus dramas – por mais insignificantes que sejam nossos papéis –, como observadores de nossa época e, igualmente, como pessoas cujas opiniões sobre o século foram formadas pelo que viemos a considerar acontecimentos cruciais. (HOBSBAWM, 1995, p. 13)

Entretanto, podemos diferenciar a produção/construção da informação tida como realidade no cotidiano vivenciado, em que as mídias e instituições públicas e privadas têm papel de destaque, e a historiografia. Em tempos atuais, a mídia tanto pode ser aliada, como uma ferramenta extremamente nociva.

Já a historiografia, resulta do ofício do historiador que, ao apoderar-se dos registros documentais estudando-os e relacionando-os ao presente/passado, no qual está inserido e com o qual interage, realiza seu trabalho através de, textos releituras e análises.

Portanto, é importante perceber os momentos atentarmos para questionamentos que nos nortearão neste processo, como por exemplo: Como a humanidade está lidando/lidou com a pandemia e suas perdas e como ela oi enfrentada? No intuito de não repetirmos erros, não mais dos que já estão sendo repetidos, pois reconhecendo a história como cíclica, reconhecemos algumas fragilidades humanas também.

Outro questionamento de extrema relevância é: Qual o melhor cenário posterior para interpretar esses dados, visualizar esses rostos, dar voz ao lamento dos que ficaram sofrendo pelos seus entes que os centro de memória, os museus e os cemitérios, que guardarão eternamente os corpos dos milhares de “seres humanos”³⁷

³⁷ Grifo da autora

que estão perdendo suas vidas e todos nós que estamos a sofrer e abreviar as nossas, percebendo que o tempo é dono de si.

No que tange aos cemitérios por uma questão de respeito e claro de direito não se menciona na lápide, tumba ou nas epígrafes, pois a *causa mortis* é sempre notificada no certificado de óbito que também é registrado no Cartório de Registro Civil.

Mas para homenagear tantas vidas ceifadas por conta do COVID 19, que até agora setembro de 2021, somente no Brasil já fez quinhentos e noventa mil e setecentos e cinquenta e dois óbitos (590.752,00), e assim surgem projetos digitais como “inumeráveis”³⁸ que guardam as memórias das muitas vidas perdidas, mas não em um espaço “físico”, mas virtual! Outra iniciativa de preservar a memória das vítimas do Covid-19, em especial, pela ausência de ritual fúnebre, seja ele da religião a que o falecido pertencia é o Memorial das Vítimas do Coronavírus no Brasil³⁹, também um memorial virtual vinculado à Rede de Apoio às Famílias e Amigos de Vítimas Fatais de Covid-19 no Brasil⁴⁰

³⁸ <https://www.instagram.com/inumeraveismemorial/> ou <https://inumeraveis.com.br/>

³⁹ https://www.facebook.com/memorialcoronabrazil/posts/133783131601224:0?tn__=K-R O Memorial das Vítimas do Coronavírus no Brasil é uma das iniciativas da “Rede de Apoio às Famílias de Vítimas Fatais de Covid-19” no país, uma rede emergencial formada por vários voluntários, profissionais e pessoas solidárias às famílias de vítimas fatais da pandemia de coronavírus no território nacional, à qual já aderiram mais de 60 organizações da sociedade civil se somando à sua formação, manutenção e fortalecimento permanente - em prol das famílias. A rede se coloca alinhada ao recém lançado “Pacto pela Vida e pelo Brasil”, proposto pela Comissão Arns de Direitos Humanos, e se organiza diante da aceleração dos milhares de mortes confirmadas por covid-19 no País bem como as inúmeras com sintomas suspeitos da doença. Isso ocorre ao mesmo tempo em que a capacidade do Sistema Único de Saúde (SUS) vai sendo pressionada.

⁴⁰ <https://redeapoioicovid.com.br/> **Rede de Apoio às Famílias e Amigos de Vítimas Fatais de Covid-19 no Brasil**, uma iniciativa cidadã e independente, suprapartidária, ecumênica e fundamentalmente humanitária construída por várias organizações da sociedade civil, profissionais e demais pessoas voluntárias e solidárias. Nosso objetivo nesse espaço é reunir e promover gratuitamente o acolhimento dos enlutados, oferecendo materiais e endereços de instituições de saúde mental e da atenção psicossocial, o qual chamamos de **“Mutirão de Acolhimentos e Repertórios de Possíveis Cuidados para as Pessoas Enlutadas em Tempos de Covid-19”**.

Figura 14 – *Printscreen* do site Inumeráveis

Fonte: Site Inumeráveis⁴¹, 2021.

Figura 15 – *Printscreen* do Instagram Inumeraveis Memorial

Fonte: Instagram Inumeraveis Memorial⁴², 2021.

⁴¹ <https://inumeraveis.com.br/>.

⁴² <https://www.instagram.com/inumeraveismemorial/>

Figura 16 – Printscreen da Página do Facebook Memorial das Vítimas do Coronavírus no Brasil



Fonte: Facebook do Memorial das Vítimas do Coronavírus no Brasil⁴³, 2021.

Figura 17 – Printscreen do site Rede de Apoio Covid-19



Fonte: Site Rede de Apoio Covid-19⁴⁴, 2021.

O patrimônio é construído sempre através de uma seleção do que se deseja preservar para as próximas gerações, ou seja, é uma construção social ou cultural, por caracterizar o consenso de um grupo. E neste tempo, com a consciência atual, podemos escolher criar mecanismos para preservar a memória dos que foram atingidos pela pandemia do início deste século XXI, como a de seus descendentes, sem que nos desfaçamos da memória social anterior. Essa é uma escolha de

⁴³ https://www.facebook.com/memorialcoronabrazil/posts/133783131601224:0?tn__=K-R

⁴⁴ <https://redeapoiocovid.com.br>

pertencimento, que deve ser discutida, pois como já mencionado, a história é cíclica, a memória deve preservá-la afim de proteger patrimônios e nos livrar de fenômenos indesejados.

É preciso que o tempo se esvazie pouco a pouco da matéria o que permitiria distinguir suas partes umas das outras, para que possa servir a um número crescente de seres completamente diferentes. O que orientaria os pensamentos neste esforço, no objetivo de ampliar e universalizar o tempo, seria a representação latente de um meio inteiramente uniforme, muito próximo da representação do espaço, se até mesmo não se confundir com ela. (HALBWACHS, 1968)

Em realidade, o museu (o museu-lugar, a instituição) é uma expressão do museu fenômeno; são, portanto, duas acepções que convergem em um mesmo conceito. Pois se pensarmos no conceito social da formação do processo há necessidade de formação vai além do lugar, e nada se forma *in loco*, mesmo no cemitério.

Vejamos o exemplo do Museu da Pessoa, é uma salvaguarda de histórias pessoais, de diferentes personalidades que saíram do anonimato para tornarem-se referência de uma sociedade plural, mas as pessoas em si, não são objetos do Museu, e sim suas histórias, assim como temos algumas representações em Museus que não são propriamente as pessoas ou animais ou comidas etc... mas as formas de preparo, as vivências e a contribuição e suas obras para a sociedade.

Mas e o caso dos Cemitérios? Eles podem ser Museus/Espaços de Memória? Eles têm caráter e valor museográfico? E se tem potencial, como transformá-los e continuar com sua rotina original? São perguntas mais que pertinentes quando se trata de promover em um espaço que lida com a arte e a dor tão profundamente.

No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que. Aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade. Voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social. (HALBWACHS, pág 34, 1968)

Sabemos que a arte desperta os mais variados sentimentos, mas nem sempre é a dor. No caso dos Cemitérios “Museus a céu aberto” ou “espaços de memória” a arte pode auxiliar a transformar estes espaços, ajudar-nos a compreendê-los e desmistificar o estigma de depósito de corpos inumados.

Um dos elementos que mais justifica a existência de um centro e memória ou um museu é o público, ele é essencial para o desenvolvimento das atividades dessa instituição, sendo a razão de ser da sua própria existência.

Guarnieri (2010 [1981]) aprofunda-a ao admitir que os museus são locais criados pelos sujeitos sociais, e para o usufruto destes; não havendo a menor possibilidade de viver num mundo sem essas instituições. “O museu tem sempre como sujeito e objeto o homem e seu ambiente, o homem e sua história, o homem e sua ideia e aspirações. Na verdade, o homem e a vida são sempre a verdadeira base do museu [...]” (GUARNIERI, 2010 [1981], p. 125).

Desta forma, podemos entender que da mesma maneira que os museus, os cemitérios podem ser também lugares de memória, e de acordo com Nora (1993). São espaços que buscam conservar as memórias bem como reafirmar e fortalecer as identidades dos indivíduos e grupos que os visitam ou frequentam.

Memória, história: longe de serem sinônimos tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente: a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem: que ela é; por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é absoluta e a história só conhece o relativo. (NORA, 1984)

As pessoas, nesses lugares, buscam reencontrar-se e muitas vezes reconciliar-se com o passado, tendo como referência o presente, pois é este quem o projeta e modela, segundo Lenclud (2013).

Cabe aqui, nos voltarmos ao quarto item analisado do conceito de Museus do ICOM. Será que um museu que expõe sem ocupar-se com a apropriação e geração de sentidos, estará cumprindo sua função de agentes transformadores? Seria o cemitério um espaço assim? Será necessário viabilizar um espaço de aprendizagem, ou propício para a evocação de memórias e de afirmação identitária dos diferentes públicos dentro do cemitério para que ele seja reconhecido como museu?

De partida, responde-se não. Fica evidente que, nem todos os públicos que visitam um determinado museu ou espaço de memória irão se identificar com seu acervo ou coleção. Assim como nem todas as pessoas que provam determinadas comidas pela primeira vez, gostam.

Mas, a narrativa aqui, é de que um museu que não gere conhecimento, não evoque ou provoque memórias, ou não ajude na afirmação de identidades pelo público que interage com suas coleções, esse museu não existe em sua função plena.

Talvez, nesse momento, a sua existência possa ser questionada, mas esse questionamento se diluirá quando os roteiros guiados, os diversos temas possíveis forem abordados dentro do espaço cemitério.

O museu precisa ser reconhecido; valorizado; ter uma importância para o público com quem dialoga, tanto no presente quanto para as gerações vindouras. Percebe-se, então, que os museus contemporâneos têm por missão não apenas o abrir de suas portas, mas uma interação, a quebra de barreiras, e o abrir de caminhos (GUIA DOS MUSEUS BRASILEIROS, 2011). Da mesma forma que permitir ao público a possibilidade de ampliar suas conexões por meio de novas experiências - sejam elas emotivas, cognitivas, sociais e educacionais (BOTALLO, 1995)

Não imagino espaço mais emotivo e com inúmeras possibilidades de exploração de conhecimentos históricos através de roteiros de personalidades de guerra, ou mesmo literária, através de personalidades literárias, ou sociais, através dos tipos de enterramentos e mesmo as práticas funerárias que ainda restam, ou ainda sociais e culturais os enterramentos maçônicos e seus rituais, todo o sincretismo religioso das diversas religiões, e outras tantas possibilidades.

Sendo assim, os cemitérios podem ser compreendidos como o espaço onde a recusa pelo esquecimento é singular, este é um desejo do sujeito vivo: o sujeito não

quer ser esquecido depois de morto e, por isso, “constrói” espaços que transcenderam a morte levando sua memória à perpetuação. É um espaço construído pelos vivos, para que os feitos dos mortos sejam relatados e perpetuados pelos vivos a fim de dar forma e significado a memória, fazendo com que ela faça parte ou não da história da humanidade.

4 NO LABIRINTO DA MEMÓRIA: UM GUIA PARA VISITAR O CEMITÉRIO PÚBLICO MUNICIPAL DE CRUZ ALTA

Nada mais polêmico, e doloroso nos dias atuais, no imaginário popular ainda mais por conta da atual pandemia do que a palavra cemitério e seu significado. A imagem que se tem deste espaço: tristeza, desolação, angústia, perda, dor, local de reverência a nossos entes queridos, lugar onde muitos vão “*uma vez na vida e outra na morte*” geralmente na data de 2 de novembro⁴⁵.

Ainda temos o lado mais negativo, ou seja, a imagem de que o espaço está relacionado ao medo, pavor, morbidez, lugubridade, e ainda em casos muito pontuais a ligação a rituais macabros e à uma distorção do movimento gótico.

O cinema e a literatura alimentam esse imaginário popular, imortalizando muitas vezes uma imagem negativa criada e reforçada pela arte, sobretudo no gênero filmes de terror⁴⁶, nos quais os cemitérios são cenários perfeito para enredos assustadores de almas penadas ou de acontecimentos inexplicáveis, que estão “além da imaginação e explicação”.

Mesmo com alguns aspectos que inspirem um certo temor a estes espaços é inegável que os cemitérios geram fascínio na população, seja pelo medo ou pela admiração, pela beleza do local, ou pelo sentimento que o mesmo gera em cada um, o cemitério é um local de sentimento díspares.

Mas e se para além dos muros do campo santo, pudéssemos vencer a categoria comum dos temores, tabus e preconceitos, e pudéssemos mostrar a um grande público através de práticas que atrás desses muros, por entre caminhos silenciosos, há muitas vozes querendo serem ouvidas.

Todo cemitério é um local de memória, e como tal, esses espaços nos revelam histórias, que representam as dores, medos e sensações individuais, mas que

⁴⁵ Dia de Finados- Dia dos Mortos aqui no Brasil. Mas, o a escolha do dia 2 de novembro como a data oficial para celebrar o Dia de Finados só foi feita mesmo no século 13. Os responsáveis pela Igreja escolheram o dia por suceder o Dia de Todos os Santos, comemorado em 1º de novembro. A data é inspirada em diversas tradições da Antiguidade. "A relação com quem morreu está presente em quase todas as culturas antigas. O cristianismo herdou esse costume principalmente do judaísmo", afirma Volney Berkenbrock, professor de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

⁴⁶ O gênero de Terror, a exemplo de “Pet Sematary-Stephen King/ filme e livro); A Noite dos Mortos Vivos 1968 / Terror; Cemitério Maldito 1, 2 e 3; Uma Noite Alucinante 1, 2 e 3; A Profecia; Nosferatu e tantos Outros

também refletem o simbolismo dos grupos sociais, mas para ouvir estas histórias que agora serão contadas por vozes mudas precisamos de outros artifícios.

Se pudermos dissociar a totalidade da ideia negativa dos cemitérios, é possível descobrir que outra associação pode ser feita, esta sim com uma carga mais leve: um local para admirar obras de arte, conhecer a história, descobrir curiosidades e, por que não, contemplar a beleza de jardins, ruas, alamedas e os mais diferentes jazigos por lazer.

A dor não deixará de estar presente, afinal o local é o centro de referência ao inumado e a visita ao local de descanso eterno, local de oração, é um local que observamos o trato de cada cultura com seus entes e sua civilização, ainda hoje, apesar do *post mortem* hoje ter outras possibilidades além da cremação e do enterramento.

O patrimônio cultural material, principalmente os monumentos, exprime uma das funções essenciais do espírito: a memória, que está impregnada nos edifícios, nas representações, nos símbolos urbanos e rurais que evocam, perpetuam e recordam o passado (Carrasco, 2009), vamos pensar o patrimônio cemiterial como tal.

Hoje, a Europa já concebe uma tradição de visita aos cemitérios feita tanto pelos habitantes locais como por turistas desejosos de conhecer túmulos de celebridades, poetas, escritores e astros da música, além da curiosidade de ir além do que é comum em qualquer roteiro cultural, como visitas a museus, teatros, exposições etc.

Como ponto turístico consolidado nos mais diferentes países do mundo, os cemitérios são ainda vistos como locais por onde se podem percorrer jardins arborizados, alamedas floridas e desfrutar de momentos de paz e tranquilidade como numa ilha no meio do caos urbano das grandes cidades, não raro pode ser um espaço para descanso.

Figura 18 - Espaço de Lazer do Cemitério Bunhill Fields Reino Unido



Fonte: The Guardian, 2019.

Desta forma, os cemitérios podem ser considerados equipamentos não-específicos de lazer na classificação de Requiza (1980) e Camargo (1992). Estes autores denominam assim as instalações que são construídas com outras funções que não a de lazer, mas que podem e “devem” servir no tempo livre ao livre aproveitamento da população.

Figura 19 – Túmulo do *William Blake* no Cemitério de *Bunhill Fields* Reino Unido



Fonte: Daniela Almeida, 2014.

Estes aparatos podem ser visitados pelas pessoas, por prazer, onde podem ser vivenciados alguns valores do lazer como o relaxamento e o desenvolvimento, o espaço do *Bunhill Field*⁴⁷ por exemplo fica em meio a um complexo de prédios comerciais e na hora do almoço lanche e/ou lazer as pessoas aproveitam o espaço arborizado e calmo para relaxar, lanchar, ler ou apenas estar num ambiente calmo longe do estresse, ali também a fauna se sentiu cômoda para existir, a exemplo dos esquilos.

Nos cemitérios o lazer cultural ou artístico - em que se busca o contato com a beleza - pode ser vivenciado na contemplação das obras de arte dos túmulos e igrejas, na arquitetura das construções dos túmulos ou mausoléus, nos vitrais, nas poesias das epígrafes.

Pensando nestas possibilidades de utilização destes espaços que podem servir tanto ao seu propósito originário inumação dos corpos, quanto ao de patrimonialização à serviço da memória, foi que seguindo a premissa da exploração do espaço através de roteiros de visitação. Esses roteiros serão acompanhados de um guia de visitação impresso onde o visitante poderá seguir o trajeto percorrendo o tema escolhido, acompanhado ou não de um profissional que complementar as informações.

4.1 O ROTEIRO TURÍSTICO: UM GUIA PARA A ARTE

O interesse pela visitação a túmulos e mausoléus de mortos ilustres é recorrente em quase todos os cemitérios do mundo, especialmente nos mais famosos.

É inteiramente desnecessário explicar a função primária dos cemitérios, contudo, o foco deste trabalho baseia-se na peculiaridade do acervo multifacetado e suas possibilidades de interação com o público. Nestes espaços descobrimos acerca dos hábitos que foram e que são característicos da sociedade em que seus moradores estão inseridos.

Com o necroturismo, as necrópoles são admiradas pela sua arquitetura, arte e iconografias tumulares e são tornam-se possibilidades viáveis de movimentar os espaços fúnebres, podendo contribuir, assim, com sua conservação. Turisticamente, muitos espaços já estão consolidados.

⁴⁷ **Bunhill Fields** (Bunhill Fields Burial Ground), 38 City Rd, London EC1Y 2BG, Reino Unido-
Telefone: +44 20 7374 4127

Dentre os espaços que não são especificamente necrópoles públicas, temos o Taj Mahal, as pirâmides egípcias, os panteões Greco romanos, e claro, os cemitérios em si transformam-se em atrativos turísticos há muitas décadas. O cemitério da Consolação, em São Paulo; o Recoleta, na Argentina, O Père Lachaise e Montematre, na França, são alguns exemplos de campos santos com grande visitação de turistas.

Pensar nesses espaços e nas inclinações possíveis do turismo cemiterial é importante neste momento, especialmente pela grandiosidade das transformações que estão ocorrendo no setor funerário e nestes espaços por conta do cenário atual pandêmico do século XXI. Hoje no Brasil e no mundo, mesmo após a criação da vacina contra o COVID 19, e sua aplicação ainda em andamento devido ao início tardio no Brasil, temos um número de mortes exponencial, são muitas mortes e com elas a destinação dos cadáveres e o trato do luto que durante o tempo de pandemia está em suspenso devido a interrupção dos ritos de passagem, mais fortemente no início da pandemia.

A pandemia e o próprio processo evolutivo do tempo atual, vem modificando drasticamente as configurações cemiteriais e também o pensamento e estruturas e processos consolidados, durante muito tempo, mais uma vez, primeiramente antes da pandemia pela questão ambiental e higiênica e agora pela ocupação dos espaços. |claro que todas essas ações terão consequências para o turismo praticados nos espaços cemiteriais, o que pode significar drásticas mudanças de mentalidade para as destinações turísticas envolvidas.

É extremamente normal que em casos de pandemias, que os espaços fúnebres mudem suas rotinas em virtude da necessidade de conter o avanço das doenças. No século XIV por exemplo, a Peste Bubônica, e no início do século XX a gripe espanhola, são alguns exemplos de pandemias que alteraram a rotina e os hábitos frente aos ritos de morte nos cemitérios e a vida da sociedade, toda essas informações hoje também acessamos através de visitas aos cemitérios, só depende de que olhar queremos ter deste espaço. Nestas pandemias, os sepultamentos em covas coletivas e a separação de espaço fúnebre, para os corpos infectados pelas doenças, foram algumas das medidas tomadas frente à situação pandêmica.

A morte causada pela doença silenciosa e altamente contagiosa, e o risco que ela representa, tem movimentado contingentes de pessoas e estruturas de prestação de serviços no mundo todo. Ao mesmo tempo, sua eficácia em fazer vítimas tem colocado os cientistas de vários países, com excelência em séculos de

desenvolvimento de processos científicos em saúde, numa busca incansável de vacinas e medicamentos desenvolvidos especificamente para a COVID 19.

Nessa complexa relação de morte e vida, de um modo geral, e levando em consideração o crescimento da urbanização e consequente aproximação da área urbana dos cemitérios, era inerente a necessidade de repensar as relações do cotidiano, no modo como se percebe e se utiliza o cemitério.

O que ocorre agora é que estamos, simultaneamente, diante de uma explosão populacional cemiterial sem precedentes neste século, associada a uma imediata proibição de circulação, a não ser por extrema necessidade, também nesses espaços. Isso significa que, no momento em que houver o arrefecimento da condição pandêmica, tudo terá que ser repensado e reinventado.

O período histórico, nos mostra que isso já vinha acontecendo, e que apesar da explosão populacional, mesmo com algumas famílias optando por outras técnicas que não a inumação, apesar desta ainda ser inacessível a maioria dos brasileiros, práticas como a visita aos cemitérios não deixarão de existir ainda por um bom tempo. Se tomarmos por base a data específica de visita aos cemitérios, a exemplo o dia 02 de novembro- dia dos mortos (dia de finados), mesmo em período pandêmico com restrições alguns cemitérios tiveram índices de público bem altos.

Figura – 20 *Printscreen* matéria Dia de Finados

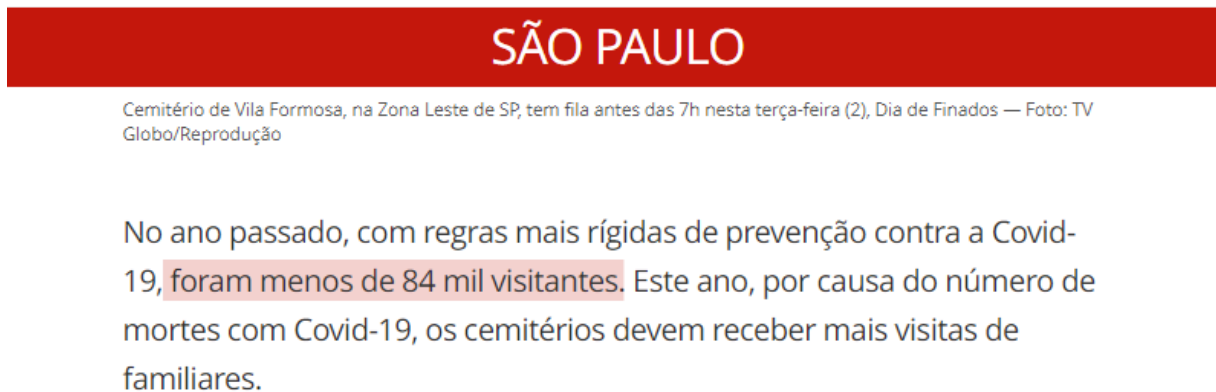
Dia de Finados: Cemitério de Vila Formosa, na Zona Leste de SP, tem filas; 100 mil pessoas são esperadas em cemitérios

Maior cemitério da América Latina teve esquema especial de trânsito e medição de temperatura na entrada. Com protocolos menos rígidos de prevenção contra a pandemia, número de visitantes deve crescer quase 20% este ano na capital. No ano passado foram menos de 84 mil visitantes.

Fonte: Site G1⁴⁸, 2021.

⁴⁸<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/11/02/dia-de-finados-cemiterio-de-vila-formosa-na-zona-leste-de-sp-tem-fila-antes-das-7h-100-mil-pessoas-sao-esperadas-em-cemiterios-municipais.ghtml>

Figura 21 – Printscreen sobre a fila antes das 07:00h da manhã



Fonte: Site G1⁴⁹, 2021.

4.2 O GUIA

Assim como não são todos os principais cemitérios das cidades brasileiras que possuem um público voltado à visitação turística, menos presente ainda temos guias de visitação ou Guias Turísticos para nos auxiliarmos nesta área.

E não deixemos relegados a *Dia de Finados* a visitação a este espaço que pode nos propiciar um atrativo arquitetônico cultural e histórico riquíssimo, existente na região central de Cruz Alta.

Evidenciar o cemitério como um espaço de utilidade pública, que abriga um relevante acervo de monumentos, esculturas, arte e religiosidade, à disposição do público, além de alavancar sua potencialidade no campo do turismo e do lazer a ser bem explorado. É de interesse cultural colocá-lo em evidência nos sites turísticos da cidade de Cruz Alta e região ou mesmo no site oficial do município, pois já temos exemplo de outras cidades que assim o fazem.

O Brasil é um país que possui uma arte tumular extremamente rica e exuberante em simbologia e alegorias, com assinaturas de vários artistas nacionais e internacionais, que em nada deixa a desejar à arte fora do Brasil, a citar Europa e América do Norte. Entretanto, na questão cultural e de cunho educacional o Brasil está aquém destes países no trato, conservação e divulgação dessas obras, estejam

⁴⁹ <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/11/02/dia-de-finados-cemiterio-de-vila-formosa-na-zona-leste-de-sp-tem-fila-antes-das-7h-100-mil-pessoas-sao-esperadas-em-cemiterios-municipais.ghtml>

elas em museus, galerias de arte ou nos próprios cemitérios, pois os mesmos escultores que assinavam grandes obras para Museus e galerias, ou particulares, também as faziam para ornamentarem jazigos, túmulos e mausoléus de quem dispusesse de interesse e condições financeiras para tanto.

Percebendo toda esta riqueza cultural e toda a simbologia atrelada a este patrimônio é de extrema importância trabalhar a educação patrimonial, em várias frentes, pois o que se observa é uma cultura do esquecimento e um recorrente sentimento de não apreciação das obras nacionais. Algo que podemos observar no Brasil mais recentemente, é um ligeiro aumento das visitas à túmulos de personalidades, políticos e santos e milagreiros, este também é um caminho que pode levar as pessoas a reconhecerem este patrimônio como seu, um elo entre suas lembranças e a história da localidade em que estes patrimônios materiais ou imateriais estão presentes. E neste objetivo é que a educação patrimonial através de um guia de visita oferecido à população com possibilidade de uma visita guiada, alcançaria a base que seria

E desta forma fazer com que os apreciadores das artes plásticas, da história, da política, da música, da literatura e do turismo possam encontrar nos cemitérios antigos de nossas cidades muitas surpresas e uma oportunidade para apreciar esses roteiros. E, assim, como ocorre em muitos lugares do mundo, os nossos cemitérios possam também se tornar em espaços turísticos, contribuindo para a compreensão de nossa cultura e de nossa história.

Pensando em localizar o visitante no espaço do Cemitério Municipal de Cruz Alta, um guia para visita que trace um circuito e estabeleça uma temática é o ideal para que o público se familiarize com o espaço e aos poucos se aproprie da história do local, associando-a à cidade. Lembramos sempre que o acompanhamento de um guia no percurso é fundamental e só evidencia o respeito ao espaço originalmente de dor e tristeza, mas que pode ganhar olhares de arte e história.

Em locais que num primeiro momento não podem contar com um profissional designado, seja ele contratado ou voluntário pelo Cemitério, um guia auxiliará a visita destes visitantes que com olhar mais aguçado, seja por meio de pesquisa, seja pela educação patrimonial, ou pela visita turística terão um norte, um guia de por onde começar, uma informação de orientação sobre o espaço- O Guia de Visita.

Os roteiros possíveis de exploração no cemitério Municipal de Cruz Alta, assim como na grande maioria dos cemitérios centrais das cidades do período Imperial, são vastos, aqui destaco alguns possíveis roteiros para o Guia de Visitação do Cemitério Municipal de Cruz Alta:

- 1- A história do cemitério e sua relação com a história da cidade;
 - 2- A história da arquitetura e suas diversas manifestações na cidade enfatizando arquitetura tumular;
 - 3- As diversas manifestações dos modelos e estilos arquitetônicos e estilísticos que se cristalizam na construção tumular;
 - 4- As personalidades políticas que habitam o espaço cemiterial;
 - 5- Os túmulos devocionais e os espaços de peregrinação e manifestação religiosa;
 - 6- Os túmulos que guardam a memória dos artistas e personalidades voltadas para o universo das artes na cidade e região;
 - 7- As manifestações religiosas e suas diversas vertentes presentes no interior do cemitério e presente na decoração tumular;
 - 8- Os relatos antropológicos que exaltam o mágico e o misterioso envolvido no cemitério e seus habitantes.
 - 9 – Os túmulos que abrigam a memória cívica e política de personalidades que viveram e participaram da vida política da cidade e da Região.
 - 10- Os enterramentos Judeus dentro do Cemitério Público Municipal de Cruz Alta- Cemitério Judaico particular murado e privado dentro do Cemitério Público
- Todas essas abordagens são de extrema importância para compreensão da configuração da cidade, e por temáticas a serem apresentadas ao público ficariam da seguinte forma:

- ❖ Imigrações
- ❖ Medicina e Saúde
- ❖ Arte e Cultura- Arte Tumular
- ❖ Profissões e Ofícios
- ❖ Militares
- ❖ Política
- ❖ Ciclos Econômicos- Históricos
- ❖ Devoções e Crenças- Curiosidades

Quando compreendemos que, através da recuperação da memória voluntária, estabelecemos os laços afetivos de pertencimento. Na medida em que cada túmulo, obra de arte ou elemento constitutivo de um túmulo, nos possibilite acionar a memória voluntária e compartilhar com os visitantes a possibilidade da compreensão da história da cidade, dos personagens que nela habitaram e hoje habitam a cidade dos mortos.

Estaremos nesse sentido, interconectando memórias individuais e memórias coletivas e, claro pensando na memória como categoria, nesse caso como memória social:

[...] a memória é um esforço organizado de intervenção na própria conjuntura, implicando intencionalidade sobre o modo de constituição simbólica, relacional e discursiva de realidades por meio do Estado, de movimentos sociais, de saberes, institucionais ou não, e de interesses socioeconômicos. A memória social deve ser pensada em seu contexto e produção sócio-históricos. Considerada à luz de seu sentido plural, é a expressão partilhada de um sentimento e de um modo de compreender e de se relacionar no mundo, uma singularidade social, bem como um campo de lutas simbólicas, discursivas e relacionais: lembranças, silêncios e esquecimentos. Por meio de um discurso, a memória institui uma cena [...] (MORAES, 2005, p.97)

Neste primeiro momento o foco será a Arte Tumular, ou seja, o roteiro da **Arte Tumular**, todos os outros roteiros são de equivalente importância para a divulgação do espaço e para o projeto de Educação Patrimonial.

Porém o trabalho de pesquisa e levantamento de dados, bem como prospecção no momento, encontrou no caminho uma pandemia mundial (COVID-19) e apenas a pesquisadora na coleta de dados. As orientações jurídicas acerca do registro e divulgação de imagens das obras e epitáfios tiveram o auxílio de documento jurídico produzido pelo departamento jurídico da ABEC – Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais “Conforme ANEXO – B, Documento”. Tendo esta Informação em mãos, partiremos para o Guia de Visitação do Cemitério Municipal de Cruz Alta “Conforme APÊNDICE – A, Guia”, sua apresentação se dará da seguinte forma:

Figura 22 – Guia de Visitação

Parte Externa - MEIO	Parte Externa - CENTRO	Parte Externa - FRENTE
<p align="center">Cemitério Municipal Cruz Alta - RS</p> <p>O Cemitério Municipal de Cruz Alta foi criado em 1865, nele encontram-se verdadeiras obras de arte em forma de arquitetura e escultura. Nela, o material utilizado nos túmulos, mausoléus, e nas capelas mais vistosas, criadas do final do século XIX até meados do século XX, era em grande parte o mármore, vindo da Europa de navio até o porto de Rio Grande. Desta cidade, as esculturas já viajavam prontas, e eram transportadas por carroças ou carrretas até seu destino. Quanto à expressão artística, analisando a arquitetura dos túmulos e esculturas, o patrimônio artístico do Cemitério Municipal da cidade de Cruz Alta, podemos observar um conjunto eclético de elementos plásticos inspirados na tradição greco-romana, românica, gótica, renascentista e neoclássica, estilos esses que evidenciam através de arcos barrocos, cúpulas com filigranas e alegorias, formando um conjunto harmônico e articulado que, com o tempo, foi desgrenhado, transformado, portanto o trânsito tornou-se outro. A dimensão do poder aquisitivo também tem elaborado para esta transfiguração em uma gama de estilos reinterpretados. Observando a questão histórica, o período abordado - primeira fase da República no Brasil - momento em que se observa uma sensível modificação na paisagem do cemitério cruz-altense no que tange à arte, houve uma forte tendência à materialização de construções no cemitério. Falar do cemitério, inclusive em falar de uma paisagem que vai nos falar de discursos socioeconômicos, políticos ou culturais. No Brasil nesta mesma época, ocorreram acontecimentos importantes, como, mudança do sistema governamental monárquico para a república, ocasionando o despojar de novos políticos e uma ideologia positivista que o sustentou, tudo isso refletiu no espaço dos mortos. Em Cruz Alta, o primeiro sepultamento no Cemitério Público ocorreu em 20/08/1865.</p> <p>Porém encontra-se registro de uma Ata da Assembleia Legislativa o pedido para que o cemitério público fosse abençoado e, portanto, oficializado só foi feito quase três meses após o referido sepultamento, em 10 de novembro de 1865.</p> 	 <p align="center">Projeto Museu a Céu Aberto</p> <p>O projeto Museu a Céu Aberto visa a promoção de um olhar cultural, histórico, educativo, patrimonial e turístico em relação aos espaços cemiteriais. Tendo como foco o Cemitério de Cruz Alta/RS, propomos, entre nossas ações, visitas guiadas gerais, temáticas e trabalhos de educação patrimonial valorizando este importante espaço cidadão. Assim, em decorrência do levantamento dos dados biográficos dos sepultados no Cemitério Municipal, poderão ser elaborados roteiros temáticos com diferentes enfoques, como por exemplo: história artística, história cultural e/ou política, ciclos econômicos, religiosidade, diversidade étnica, imigração, revoluções, relações familiares e de compadrio, hierarquias sociais, práticas de sepultamento, dentre outras abordagens, não esgotando suas possibilidades. Nas palavras de Philippe Ariès, o cemitério reúne a todos em um mesmo recinto...</p> <p>Para mais informações, agendamentos e contato: cemiteriocruzalta@gmail.com ou j.khryscan@gmail.com</p> <p>Facebook: @museuacruabertocruzalta WhatsApp: 55-xxxxx-xxxx Ingresso: gratuito</p> <p>Data(s): Horário(s): Público Dirigido: não Classificação: livre</p>	 <p align="center">GUIA DE VISITAÇÃO Cemitério Municipal Cruz Alta - RS</p>  <p align="center">Projeto Museu a Céu Aberto Cemitério Municipal Cruz Alta - RS</p>

Fonte: Autora

4.2.1 Do conteúdo do guia de visitação

Figura 23 – Frente da Parte Externa do Folder



Fonte: Autora

Parte Externa-VERSO

Figura 24 – Desenho da cruz com ramo de acácia.



Fonte: Internet domínio público

O projeto Museu a Céu Aberto visa à promoção de um olhar cultural, histórico, educativo, patrimonial e turístico em relação aos espaços cemiteriais. Tendo como foco o Cemitério de Cruz Alta/RS, propomos, entre nossas ações, visitas guiadas gerais, temáticas como trabalho de educação patrimonial valorizando este importante espaço cidadão. Os roteiros dentro do espaço no Cemitério Municipal, a ser explorados são de inúmeras temáticas com diferentes enfoques, como por exemplo: história artística, história cultural e/ou política, ciclos econômicos, religiosidade, diversidade étnica, imigração, revoluções, relações familiares, hierarquias sociais, práticas de sepultamento, dentre outras abordagens, não esgotando suas possibilidades. Nas palavras de Phillippe Ariès, o cemitério reúne a todos em um mesmo recinto...

Para mais informações, agendamentos e contato:

cemiteriocruzalta@gmail.com ou j.khryscan@gmail.com

Facebook:

WhatsApp:

Ingresso: Gratuito

Data(s):

Horário(s):

Público Dirigido: não

Classificação: livre

Cemitério Municipal de Cruz Alta- RS

Parte Externa – MEIO

Cemitério Municipal de Cruz Alta – RS

O Cemitério Municipal de Cruz Alta- RS foi criado em 1865, nele encontram-se verdadeiras obras de arte em forma de arquitetura, vitrais e esculturas. O material utilizado nos túmulos, mausoléus e nas capelas mais suntuosas, criadas do final do século XIX, era em grande parte confeccionado em mármore, vindo da Europa, que chegava na cidade através do porto de Rio Grande e deste através de carretas de boi ou de muares.

Destas cidades as esculturas já vinham prontas, eram transportadas com muito cuidado devido ao seu valor e suas expressões artísticas. Analisando a arquitetura dos túmulos e esculturas, o patrimônio artístico do Cemitério Municipal da cidade de Cruz Alta, podemos observar um conjunto eclético de elementos plásticos inspirados na tradição greco-romana, românica, gótica, renascentistas e neoclássica.

Estilos esses que evidenciam através de anjos barrocos, cúpulas com filigranas e alegorias, formando um conjunto harmônico e articulado que com o tempo, foi desagregado, transfigurado, portanto o trânsito tornou-se outro.

A diminuição do poder aquisitivo também tem colaborado para esta transfiguração em uma gama de estáticas reinterpretadas. Observando a questão histórica, o período abordado- primeira fase da República no Brasil- momento em que se observa uma sensível modificação na paisagem do cemitério cruz-altense.

No que tange à arte, houve uma forte tendência a materialização de construções no espaço, incorre em falar de uma paisagem que vai nos falar de discursos socioeconômicos, políticos ou culturais.

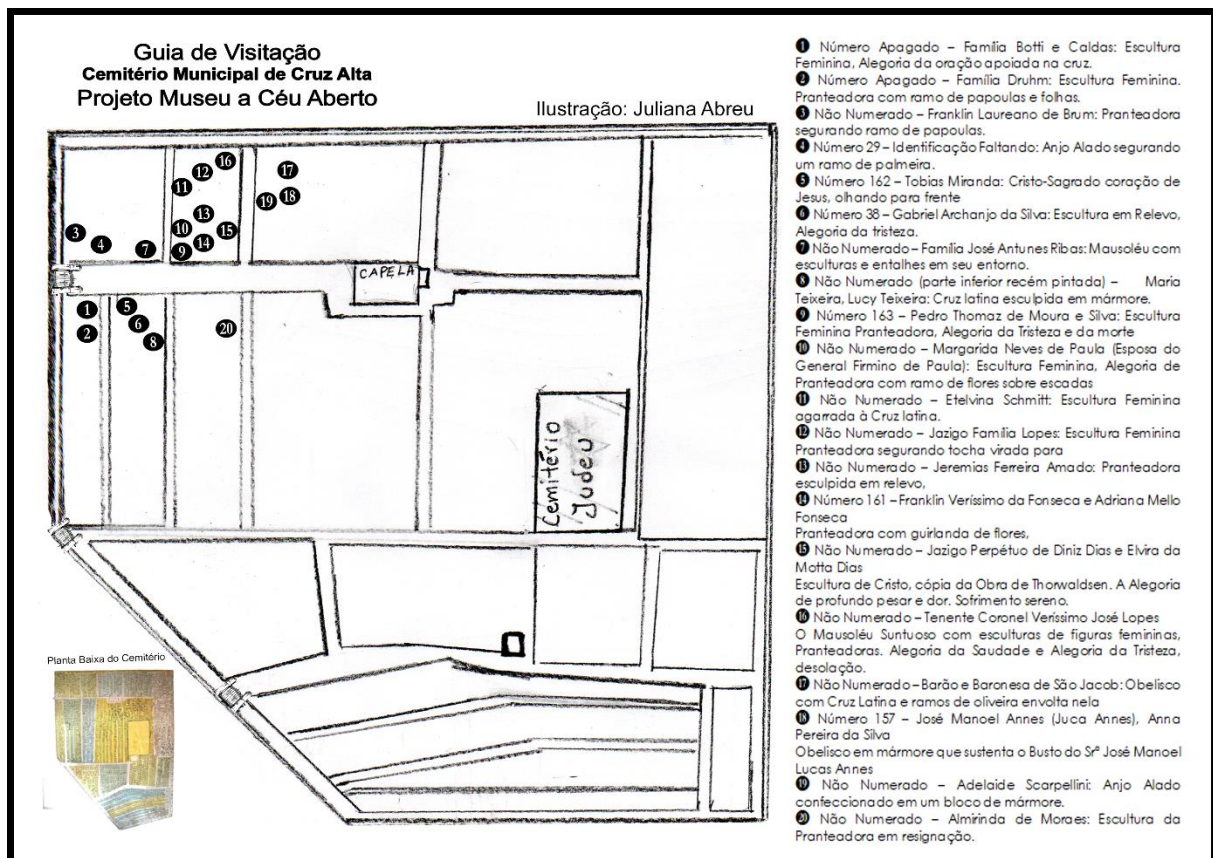
No, Brasil nesta mesma época, ocorreram acontecimentos importantes, como mudanças do sistema governamental monárquico para a república, ocasionando o despontar de novos políticos e uma ideologia positivista que o sustentou, tudo isso refletiu no espaço dos mortos. Em Cruz Alta, o primeiro sepultamento no Cemitério Público ocorreu em 20/08/1865. Porém conforme registro de uma das Atas da Assembleia Legislativa o pedido para que o cemitério público fosse abençoado, no entanto, a oficialização só foi feito quase três meses após o referido sepultamento, em 10 de novembro de 1865.

Figura 25 – Silhueta de um cemitério



Fonte: Internet domínio público

Figura 26 – Parte interna do guia



Fonte: Autora, 2020.

Neste Primeiro Roteiro do Guia de Visitação do Cemitério Municipal de Cruz Alta, com tema Arte Tumular, serão exploradas 20 obras dos quadrantes iniciais da entrada principal, com foco na arte. Pensar um limite de obras e um roteiro sequencial é projetar um tempo, muitas outras foram deixadas para outro momento pensando no conforto do visitante e seu melhor aproveitamento da visita, pois cada pessoa terá um olhar diferenciado da mesma. A seguir as obras escolhidas para este primeiro roteiro:

Figura 27 – 1 Jazigo Perpétuo da Família Botti e Caldas

1 - Jazigo: Número apagado
Jazigo Perpétuo da Família Botti e Caldas



Descrição Obra:

Figura Antropomórfica Feminina, alegoria da oração apoiada em cruz.

Escultura em bloco único de mármore, em base de mármore ornamentada, com a inscrição familiar:

Jazigo Perpétuo da Família Botti e Caldas

Carmella Jaime Botti

Nasc: 11/2/1866

Falec: 11/2/1925

Cercado por grades de ferro, assentados em solo de concreto, com placas de epígrafes soltas ao pé do túmulo.

Fonte: Autora, 2021.

Figura 28 – 2 Jazigo Família Drumm

2 - Jazigo: Número apagado
Família Drumm



Descrição Obra:

Figura feminina, alegoria de uma pranteadora segurando ramo de papoulas e folhas.

Escultura em mármore em base de mármore sobre base de granito.

Inscrição Familiar: Família Drumm

Luiza Leontina Drumm

Nasc:24/1/1808

Falec:28/12/1886

Carlos W. Frederico Drumm

Nasc:11/2/1902

Falec:24/5/1988

Fonte autora, 2021.

Figura 29 – 3 Jazigo Franklin Laureano de Brum

3 - Jazigo: sem número
Franklin Laureano de Brum



Descrição Obra:

Figura Feminina, alegoria de uma pranteadora segurando ramo de papoulas.

Estela com escultura em mármore em base de mármore sobre túmulo de granito, com tampo com quatro argolas em ferro fundido.

Jazido:

Franklin Laureano de Brum

Datas gravadas e apagadas pelas intempéries do tempo.



Fonte: Autora, 2021.

Figura 30 – 4 Jazigo 29

4 - Jazigo: 29

**Descrição Obra:**

Escultura de um Anjo alado, olhando para cima segurando um ramo de palmeira. Aqui o mensageiro de Deus, está com a expressão de Ingenuidade, e o ramo de palmeira em sua mão esquerda pode representar a Pátira no caso Alemã.



A escultura em mármore apoia-se em uma Cruz também de mármore e está fixada num pedestal de mármore, ornamentado com uma guirlanda de papoulas, que tem como base o túmulo de granito, e ao redor gradis de ferro, sustentados por pequenos pilares de concreto, sobre uma base de mármore.

Há a presença da inscrição de:

Jazigo Perpétuo da Família...

Porém o brasão ou foto da família foi retirado do local.

Fonte: Autora, 2021.

Figura 31 – 5 Jazigo Tobias Miranda

5 - Jazigo 162 - Tobias Miranda

**Descrição Obra:**

Estela com escultura do Cristo- Sagrado Coração de Jesus, olhando para frente e ao seu redor uma guirlanda de flores.

A ferida aberta está relacionada com a contemplação. "Contemplarão aquele que transpassaram". Jo 19, 37 Contemplar é olhar com amor. Olhando o Coração Sagrado aberto pela lança, descobrimos o quanto somos amados a ponto de Jesus morrido por nossa causa. "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus irmãos". Jo 15,13 O que indica a religiosidade e devoção.



Fonte: Autora, 2021.

Figura 32 – 6 Jazigo Gabriel Archanjo da Silva

6 - Jazigo 38- Gabriel Archanjo da Silva

**Descrição Obra:**

Estela em mármore com o relevo de uma figura feminina esculpida em alto relevo, representando a Alegoria da Tristeza, ela olha para a fotografia do falecido em referência à ele, em sua mão segura uma papoula, símbolo do sono eterno. Na estela há adornos de flores. A base é ornada com flores e apoia-se em mármore, sobre o túmulo em concreto, que é cercado por um gradil de ferro enferrujado, porém com as lanças pintadas.

Gabriel Archanjo da Silva

Nasc. 30/8/1852

Falec. 5/7/1919



Fonte: Autora, 2021.

Figura 33 – 7 Mausoléu Família José Antunes Ribas

7 - Família José Antunes Ribas

**Descrição Obra:**

O Mausoléu não apresenta apenas uma escultura, mas algumas pequenas esculturas e entalhes em seu suntuoso mausoléu.

Colunas, Guirlandas, Tochas, Papoulas e Palmas, além da própria fotografia de José Antunes pintada no frontão do Mausoléu.

Todo revestido em mármore, com colunas em mármore, portas duplas em ferro, vitrais ornamentados.

Aqui algumas considerações:

Papoula: Flor do sono e da morte, é a planta que dá o ópio e pode simbolizar o esquecimento da dor.

Palma: É considerado o símbolo da vitória, ascensão, ressurreição ou mesmo imortalidade da alma. Inúmeras culturas e cultos trazem esse simbolismo seja em seus emblemas.

Tocha: A tocha simboliza a iluminação e esperança. Na simbologia tumular, a tocha virada para baixo, simboliza a morte, enquanto uma tocha levantada (para cima) simboliza a vida, iluminação, a verdade e a força regeneradora da chama.

Anjos alados: **Anjos:** É o que cuida da alma da pessoa e garantirá também uma boa travessia.

Fonte: Autora 2021

Figura 34 – 8 Jazigo de Maria Teixeira e Lucy Teixeira

8 - Jazigo de Maria Teixeira e Lucy Teixeira

**Descrição Obra:**

Cruz latina esculpida em mármore, envolvida por uma coroa de flores, contendo rosas, lírios e ramo de videira., presas por um laço, sobre base de mármore em três níveis e túmulo de alvenaria com pintura recente na cor cinza.

CRUZ LATINA: Simboliza o cruzamento entre mortos e vivos. É considerado um divisor entre a vida e a morte, o principio e o fim. É a maior representação da paixão e fé cristã.

LAÇO: união a fé cristã

ROSAS: Expressa a esperança do renascimento após a morte, representa também um forte elo do falecido com alguém que ficou.

LÍRIOS: Representa a inocência e a pureza.

VIDEIRA: Imortalidade e renascimento, na parte vertical da cruz (trepadeira).

Maria Teixeira

Nasc: 19/3/1906

Falec: 20/9/1912

Lucy Teixeira

Nasc: 4/2/1915

Falec: 2/12/1915

Fonte: Autora, 2021.

Figura – 35 – 9 Jazigo de Pedro Thomaz de Moura e Silva

9 - Jazigo de Pedro Thomaz de Moura e Silva-
163**Descrição Obra:**

Estela em mármore com a escultura feminina da Alegoria da Tristeza e da morte representadas pela tocha acesa virada para baixo, acima da estela há uma urna com uma guirlanda de flores envolta nela e um lenço caído sobre a alça. A estela está apoiada numa base de dois níveis sobre o túmulo de chão que foi recoberto de ladrilhos hidráulicos e cercado por gradis de ferro que delimita o terreno.

Pedro Thomaz de Moura e Silva

Nasc: 29/6/1827

Falec: 1º/5/1912

Fonte: Autora, 2021.

Figura 36 – 10 Jazigo Margarida Neves de Paula (Esposa do General Firmino de Paula)

10 - Jazigo Margarida Neves de Paula- Esposa do General Firmino de Paula



Descrição Obra:

Escultura em mármore de figura feminina, Alegoria de Pranteadora segurando ramo de flores sobre escadas a lamentar-se sobre o túmulo. Esta escultura não tem assinatura, mas é possível que seja da Casa Aloys, a escultura está sobre túmulo semi-plano de um degrau, recoberto de ladrilhos hidráulicos e cercado de gradis de ferro.

Margarida Neves de Paula
Nasc: 1/8/1854
Falec: 15/6/1922



Fonte: Autora, 2021.

Figura – 37 – 11 Jazigo de Etelvina Schmitt

11 - Jazigo de Etelvina Schmitt



Descrição Obra:

Escultura em mármore de figura feminina agarrada à Cruz latina de representativa de madeira, envolvendo seu manto, que ao contrário das demais representações esculturais, esta mantilha é pesada assim como seu vestido, e a maneira que o faz cair por sobre a Cruz, bem como a forma em que a outra mão agarra a cruz, indicam que a pranteadora está sofrendo e em penitência pelo falecido.

Alegoria Pranteadora
Jazigo de Etelvina Schmitt
Nasc: 20/12/1870
Falec: 25/4/1914

Fonte: Autora, 2021.

Figura 38 – 12 Jazigo da Família Lopes, Manoel Lopes Netto

12 -Jazigo da Família Lopes- Manoel Lopes Netto

**Descrição Obra:**

Túmulo de Chão com suporte de Estela em três níveis em mármore, escultura feminina Pranteadora segurando tocha virada para baixo acesa na mão direita, repousando suavemente a mão esquerda sob a face em sinal de tristeza. Atrás da escultura também em mármore há uma coluna e acima da coluna uma simulação de cobertura com platibanda e eira, e sobre a cobertura um vaso coberto com lenço.

Jazigo da Família Lopes

Manoel Lopes Netto

N: 6/6/1854

F: 9/6/1911

Antonio Lopes da Silva

N: 14/11/1855

F: 8/4/1911

José Lopes

N: 8/9/1894

F: 8/10/1989

Fonte: Autora, 2021.

Figura 39 – 13 Jazigo de Jeremias Ferreira Amado

13 - Jazigo de Jeremias Ferreira Amado

**Descrição Obra:**

Estela em Mármore com escultura de Pranteadora esculpida em relevo, sobre base dupla de mármore, em túmulo de chão de ladrilho hidráulico, cercado de gradis de ferro.

Rosa: É a pureza e também representa o caminho espinhoso traçado durante a vida até a glória maior.

Jeremias Ferreira Amado

F: 2/10/1910

Fonte: Autora, 2021.

Figura 40 – 14 Jazigo Franklin Veríssimo da Fonseca e Adriana de Mello da Fonseca

14. Jazigo 161- Franklin Veríssimo da Fonseca e Adriana de Mello da Fonseca



Descrição Obra:

A escultura em mármore de uma Pranteadora segurando em sua mão esquerda uma guirlanda de flores, e, na a mão direita sustenta suavemente o rosto em lamento, apoiando seu cotovelo esquerdo em um vaso que está parcialmente coberto com parte do véu que envolve sua cabeça e pescoço, mas deixa o rosto desnudo, o véu é bastante pesado. Suas vestes não são singelas, ao contrário parecem de um tecido grosso, porém deixam seus braços e pés desnudos à mostra.

A escultura está sustentada por uma base de mármore que tem ao seu redor quatro pilares bem ornamentados, e a frente traz a Foto do Sr^o Franklin Veríssimo (avô paterno de Erico Veríssimo), e um nível abaixo também em mármore, a fotografia da Sr^o Adriana Veríssimo (avó paterna de Erico Veríssimo), o túmulo é no chão e cercado de gradis de ferro já enferrujados.

Não há datas no túmulo.

Fonte: Autora, 2021.

Figura 41 – 15 Jazigo Perpétuo de Diniz Dias e Elvira da Motta Dias

15. Jazigo Perpétuo de Diniz Dias e Elvira da Motta Dias

Não apresenta datas somente Fotografias



Descrição Obra:

Escultura de Cristo, cópia da Obra de Thorwaldsen.

A Alegoria de Cristo representada nesta figura representa, segundo os Cânones o bem, espiritualidade e santidade, profundo pesar e dor. Sofrimento sereno.

Imagens cristãs sacras não são incomuns de se encontrar na estatutária cemiterial.

Sobre a Escultura:

A escultura é em mármore branco, sobre bloco de grês, e trás na parte de trás da escultura um bloco de apoio de basalto mais largo na base, que vai afunilando perto do fim da estátua, o túmulo é no chão revestido com mármore.

Fonte: Autora, 2021.

Figura 42 – 16 Jazigo do Tenente Coronel Veríssimo José Lopes

16. Jazigo do Tenente Coronel Veríssimo José Lopes

**Descrição Obra:**

O Mausoléu é todo revestido em placas de mármore, cercado por um gradil baixo de ferro, e em cada canto do Mausoléu há um vaso, ao lado do frontão há duas esculturas de figuras femininas. São duas Pranteadoras. A da esquerda, a alegoria da Saudade. A da Direita a alegoria da Tristeza, desolação. Na parte de trás, estão as gavetas.

Não há datas visíveis.



Fonte: Autora, 2021.

Figura 43 – 17 Jazigo do Barão de São Jacob Diniz Dias e Josephina Lucas Annes

17. Jazigo do Barão e Baronesa de São Jacob Diniz Dias e Josephina Lucas Annes

**Descrição Obra:**

Obelisco em Mármore dividido em quatro partes, em cima do por uma cruz latina imitando madeira com ramos de oliveira envolta nela. Na frente da

Coluna do Obelisco é possível encontrar gravado no mármore alguns símbolos como: arabescos, a Coroa Imperial. O túmulo é no solo, sem presença de cobertura, apenas resquícios de cimento. Ele não é cercado e na base há a presença de um pequeno vaso quadrado para plantio de flores, além das fotografias do Barão e da Baroneza na parte mais inferior nos níveis do Obelisco.



Jazigo do Barão e Baronesa de São Jacob

Diniz Dias

N: 3/9/1825

F: 15/2/1892

Josephina Lucas Annes

N: 8/6/1832

F: 25/6/1893

Fonte: Autora, 2021.

Figura 44 – 18 Jazigo José Manoel Lucas Annes e Anna Ferreira da Silva

18. Jazigo 157- José Manoel Lucas Annes e Anna Ferreira da Silva

**Descrição Obra:**

Túmulo de Chão com ladrilhos hidráulicos cercados de gradis de metal à um metro (cem centímetros) do solo. Possui um Obelisco em mármore com uma pequena base em dois níveis, que sustenta o Busto do Sr^o José Manoel Lucas Annes, o Busto fica a uma altura considerável do solo, mas parece ser do mesmo material do obelisco, portanto mármore. Na base do obelisco há uma ornamentação que recebe a fotografia do casal.

Jazigo de José Manoel Lucas Annes (Juca Annes)

N: 3/4/1796
F: 9/11/1880

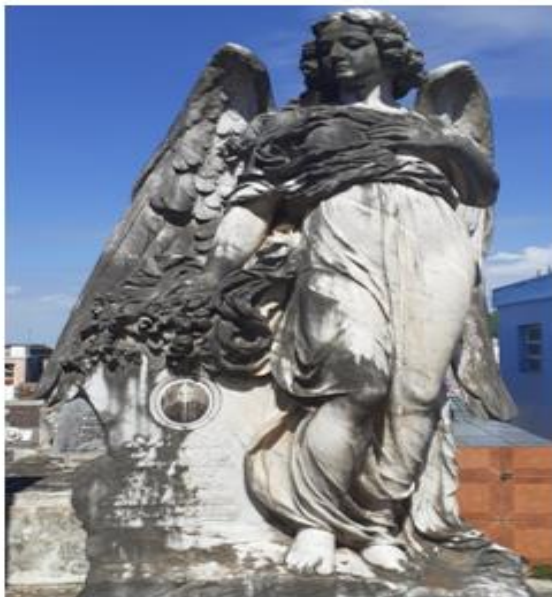
Anna Pereira da Silva

N: 29/9/1798
F: 25/1/1893

Fonte: Autora, 2021.

Figura 45 – 19 Jazigo Adelaide Scarpellini

19. Jazigo Adelaide Scarpellini

**Descrição Obra:**

A Escultura deste túmulo é um Anjo confeccionado em um bloco de mármore. O anjo está a fitar a fotografia da falecida, num olhar contemplador,

porém não triste. Alegoria do Anjo com cabeça para baixo:



CABEÇA PARA BAIXO: Quando a cabeça está ligeiramente curvada para a frente significa a dor, lamento, pelo momento. O

túmulo é de chão com uma pequena elevação do solo, recoberto de cerâmica, no centro há uma placa de mármore com duas argolas de metal.

Jazigo de Adelaide Scarpellini

N: 11/7/1940
F: 25/9/1924

Fonte: Autora, 2021.

Figura 46 – 20 Jazigo de Amirinda de Moraes Ribas

20. Jazigo de Almirinda de Moraes Ribas

**Descrição Obra:**

A estela em mármore cinza, ladeada por duas colunas esculpidas em mármore com flores estilizadas, arredondadas no topo, flores de acanto na base com palmetas. A base que sustenta a escultura da pranteadora é em forma de um pequeno pedestal. A pranteadora tem seus olhos semicerrados a olhar para baixo, e suas mãos entrelaçadas na altura do baixo ventre em resignação. Há a inscrição PAX no topo da Estela.

O túmulo é no solo e coberto por ladrilhos hidráulicos, cercado de gradis pintados de cinza, com um portão de acesso. Em cima dos ladrilhos há dois vasos para plantio de flores com terra. E uma placa de mármore com o nome dos falecidos, na base da escultura há uma fotografia esmaecida.

Alegoria da Tristeza

Jazigo Almirinda|de Moraes Ribas

N: 14/7/1874

F: 5/1/1918

Fonte: Autora, 2021.

Seguindo o contexto higienista o cemitério municipal de Cruz Alta foi planejado e construído longe da malha urbana, do leito de lagos, e seguindo a principal exigência da época que era reclamação dos munícipes, completamente murado para proteção dos corpos contra os animais domésticos, algo que naturalmente ocorria em quase todos os lugares do mundo.

Pois, para alguns autores essa normativa era comum às necrópoles:

Neste contexto, a medicina social determinava um moderno projeto de necrópole com uma ordenação interna própria, além de novas localizações. Deveria ser situada em áreas afastadas do núcleo urbano, com muros altos a fim de se evitar a transposição de animais domésticos, longe de cursos fluviais e de áreas inundáveis. (RODRIGUES, 1997; COSTA, 2003; REIS, 2004; JOHNSON, 2008).

Mas cabe aqui reiterar, algo que se desvelou principalmente pós Revolução Industrial e claro já mencionado neste texto, se fosse apenas pela questão higienista, nada de incomum ocorreria nos enterramentos, e seguindo a lógica das normativas até haveria uma regularidade e indistinção entre classes, mas isto não ocorreria.

Quando analisamos a questão presente dos túmulos e da arte tumular, ou mesmo das fotografias de um modo geral dos cemitérios, percebemos os quão ímpares eles puderam ser num determinado período ostentando símbolos, estátuas, cenários e construções diversas.

Cabe ressaltar que na construção de um guia que orientasse o visitante, no sentido de instiga-lo a conhecer o espaço, afim de despertar seu interesse pelas inúmeras possibilidades que o espaço se propõe, deve de início atraí-lo.

Sempre ressaltaremos ao poder público que administra o local sobre a importância de capacitar os profissionais que ali trabalham, e acima de tudo de ter um profissional habilitado para que realize as visitas guiadas com as pessoas interessadas.

Num primeiro momento o guia serve no sentido de apoio na Educação Patrimonial, pensando principalmente no espaço educacional das escolas. A confecção em si deste guia, a busca por bibliografia especializada foi de um todo bem dispersa. Até o momento não contamos com uma bibliografia específica considerável, na realidade a existente é tímida e numerável, o que se está produzindo são artigos e monografias e dissertações, e com base nestas fontes de vários cursos de áreas diversas é que fomos buscar referências.

Além claro de referências cruzadas de guias de visitação de Museus e Casas já consagrados a exemplo dos Guias de Visitação do Museu Nacional- RJ⁵⁰, da Pinacoteca de São Paulo- SP⁵¹, Museu Casa Kubitschek⁵², Museu de Arte Moderna do Rio Grande do Sul⁵³, Cemitério da Consolação- SP (é um aplicativo)⁵⁴ dentre páginas e blogues pesquisados.

A pesquisa envolveu, também análise de documentos. Os documentos numa pesquisa historiográfica são materiais indispensáveis, na (re) construção histórica de uma determinada temática. Dessa perspectiva o historiador se baseia para constituir o objeto de sua pesquisa. É sempre bom lembrar que para um historiador/pesquisador

⁵⁰ https://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/guia_MN.pdf

⁵¹ <http://pinacoteca.org.br/produto/acervo-guia-de-visitacao/>

⁵² <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/2020/guia-de-visitacao-museu-casa-kubitschek.pdf>

⁵³ <https://www.margs.rs.gov.br/wp-content/uploads/2020/10/GUIA-DE-REGRAS-PARA-ACESSO-E-VISITAC%cc%a7A%cc%83O.pdf>

⁵⁴ https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/servico_funerario/arte_tumular/index.php?p=3560

o documento não é o ponto de partida, mas as indagações que ele suscita, o que deste documento podemos extrair através de perguntas ou observação.

Dúvidas, questionamentos, este é o combustível para uma pesquisa, enquanto este combustível estiver presente em maior ou menor grau ele vai nortear a pesquisa e o interesse de seu pesquisador.

Mas há sempre de ressaltar que no caso desta pesquisa em especial, estamos lidando com alguns pontos nevrálgicos, e que além da questão moral, temos de nos atentar para questão legal, pois quando cruzamos o portão do cemitério, estamos adentrando um espaço igualmente regido pelo direito⁵⁵ dos homens, dos vivos.

Tendo esta questão clara a Constituição Brasileira de 1988 vigente, em seu artigo 5^o⁵⁶ esclarece sobre o direito do indivíduo, porém como no Brasil temos uma vasta legislação e é cabido interpretações também temos outros códigos a nos guiar. A ABEC (Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais) Instituição que se dedica ao estudo de temas voltados aos temas ligados aos cemitérios e suas vertentes, como morte e luto, da qual a pesquisadora em questão faz parte, através de seu corpo jurídico elaborou um documentos para que possa auxiliar os pesquisadores, quando em pesquisa de campo, pois essa já era uma solicitação reiterada e mais que necessária, diante disto no final de novembro de 2021, a equipe jurídica elaborou o presente documento que segue em anexo(ANEXO 1).

No âmbito municipal também se pesquisou as legislações vigentes acerca do processo de uso do espaço e trato com os corpos inumados que constam em anexo (ANEXO2), as legislações municipais e locais dizem mais acerca do espaço, metragens, formas de sepultamento, questões ambientais, etc.

É importante frisar que para este produto em si, além da bibliografia sobre o *locus* que já é conceitual sobre o assunto cemitério, morte e luto, os materiais pesquisados foram se desenhando ao decorrer da confecção do guia, pois como especificado em linhas anteriores, guias são muitos e de variados temas, mas específicos e com bibliografia própria para os espaços cemiteriais, ainda são bem

⁵⁵ A referência de direito aqui se dá no sentido jurídico da Palavra.

⁵⁶ Refere-se aqui, ao inciso X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação, que encontra-se no TÍTULO II DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS/CAPÍTULO I DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS, Art. 5º. **GOVERNO FEDERAL**. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em: 24 dezembro 2021.

restritos e genéricos, como base auxiliar foram utilizados mapas, fotografias, textos e quadros como material de apoio.

5 ESCULPINDO OLHARES: O TURISMO NO CEMITÉRIO- NECROTURISMO OU DARK TURISMO

O turismo é uma atividade global e bem complexa, envolve vários setores tem de estar em constante atualização e investigação. É interessante notar que mesmo após certa flexibilização da pandemia, no mundo e no Brasil, com abertura parcial de parques, cinemas, teatros e espetáculos dentre outros, as pessoas sentiram-se ávidas a voltarem para essas atividades.

Talvez um dos aspectos se deva a sensação de normalidade, da vida cotidiana, e outro aspecto talvez seja o sentido do proibido, aquilo que é negado é muitas vezes intolerado. De qualquer forma há um aspecto interessante de se ressaltar. Ao visitar sites de cemitérios e verificar a possibilidade de agendamentos de visitas guiadas à cemitérios tradicionais e tidos como atrativos turísticos no meio do necroturismo do Brasil a exemplo do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia-RS; Araçá- SP; São Paulo -SP; Perus-SP; Cemitério São Francisco de Paula-PR e Consolação-SP⁵⁷, além dos cemitérios famosos do exterior, Recoleta- AR, Arlington-EUA; Père Lachaise- FRA e outros, pode-se notar que há um interesse considerável.

Em alguns casos, devido ao espaço das ruas entre os túmulos, a capacidade dos grupos foi diminuída, o que ocasionou listas de espera, ou agendas pré-programadas.

Figura 47 – *Printscreen* de convite para visita guiada ao Cemitério Consolação

Início > Secretarias > Subprefeituras > Serviço Funerário > Arte tumular

Arte tumular

- ACESSO À INFORMAÇÃO
- PARTICIPAÇÃO SOCIAL
- VISITAS GUIADAS
- VOCÊ PRECISA SABER

Agências Funerárias

Boletim Informativo

Cemitérios

Certidão de Óbito

Cremação

Declaração de Óbito

Exumação

Falecidos IML/SVO

Normas Legais

Sepultamento

VACINA SAMPA

Com o e-saúdeSP, você também garante o seu Passaporte da Vacina! Baixe o app.

saiba mais

e-saúdeSP

Faça uma visita guiada no Cemitério Consolação

Saiba como agendar uma Visita Guiada na necrópole que é considerada internacionalmente como um museu a céu aberto. Confira as orientações para autorização de trabalhos religiosos, acadêmicos, escolares e profissionais nos cemitérios municipais de São Paulo.

09:30 29/06/2021

Facebook Twitter

Fonte: Site Prefeitura de São Paulo, 2021.

⁵⁷https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/servico_funerario/arte_tumular/indic.php?p=3560 acessado em 27 de dezembro de 2021.

Figura 48 – Printscreen do site da prefeitura de São Paulo de como agendar a visita guiada

COMO AGENDAR A VISITA GUIADA

Desde 2014, o **Programa Memória & Vida** reorganizou o passeio num roteiro, em dias e horários fixos, para atender a toda população, possibilitando a visita de alunos, turistas, fotógrafos e demais interessados.

AS VISITAS SÃO TOTALMENTE GRATUITAS, AGENDADAS MEDIANTE DISPONIBILIDADE

Para orientações sobre visita de grupos envie e-mail com nome e telefone para contato para a Assessoria de Imprensa assessoriaimprensa@prefeitura.sp.gov.br

- Visitas Guiadas - grupos escolares

- Quartas-feiras, 10h e às 14h - Para melhor aproveitamento da visita, há um limite máximo de 40 alunos por grupo.

- Visitas Guiadas - demais interessados

- Sextas-feiras, às 14h - Grupos de turistas, trabalhos escolares, acadêmicos e profissionais.

ATENÇÃO: Devido a pandemia da COVID-19, as visitas guiadas estão sendo realizadas APENAS às SEXTAS-FEIRAS, 14 HORAS e o número de pessoas para está REDUZIDO PARA 10.

Fonte: Site Prefeitura de São Paulo⁵⁸, 2021.

Como sabemos, o conceito de turismo está em constante mutação, transformando-se conforme o ambiente a ser explorado e principalmente ao grupo social a que vai servir. Não é nossa pretensão definir em poucas palavras o que é turismo, mas como efeito, vamos trazer à tona um questionamento cerne desta pesquisa. Porque a necessidade de um guia de visitação para o cemitério público de Cruz Alta?

Cemitérios tem visitação, todos têm circulação de pessoas, e nem sempre são só pelos motivos essenciais aos quais imaginamos, é cada vez mais comum esses espaços serem usados como espaços para turismo, o chamado necroturismo ou dark turismo, são dois nomes que estão sendo utilizados para denominar o turismo a espaços antes tidos como sombrios, não considerados convencionalmente exploráveis pelo setor turístico, como os cemitérios.

Mas há uma sutil diferença nas denominações, entre o necroturismo e o dark turismo, ainda é difícil associar autores específicos a esses temas pois eles estão

58

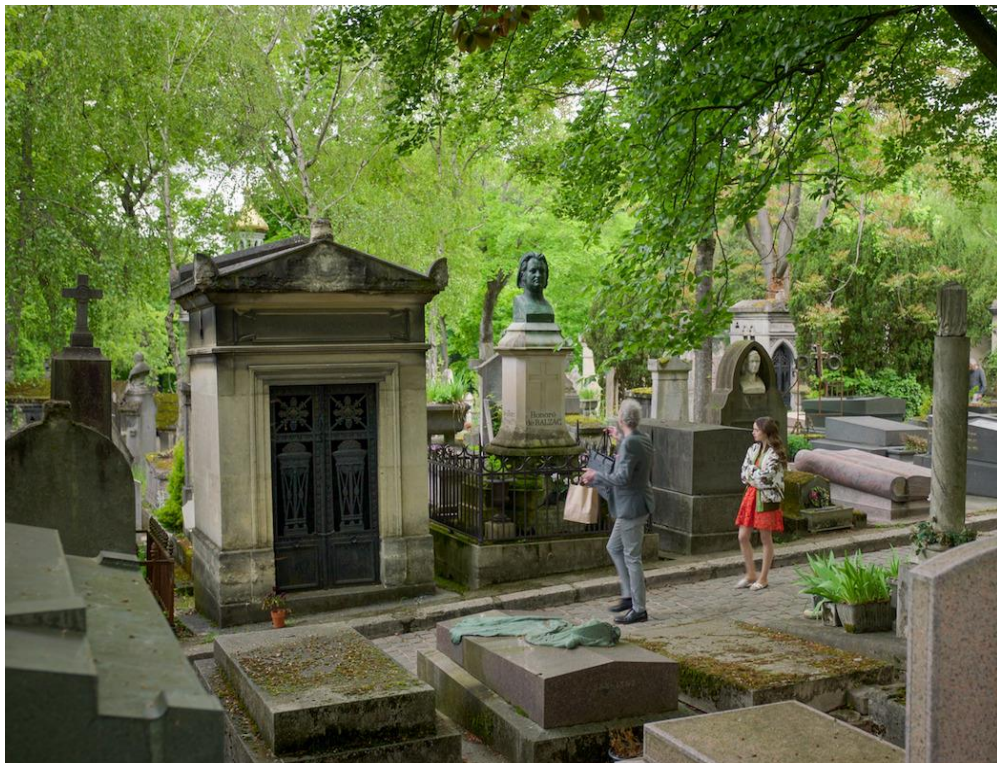
https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/servico_funerario/arte_tumular/index.php?p=3560 acessado em 27 de dezembro de 2021.

sendo forjados como alguns adventos da internet, podemos aqui citar o exemplo dos memes⁵⁹.

Portanto necroturismo se aplicaria mais ao espaço cemiterial, por ser associado à espaços de morte como cemitérios, já em contra partida dark turismo é um termo mais amplo e serviria a turismo em áreas em que envolvessem acidentes, desastres, rituais reais ou imaginários, como fantasmagóricos e locais em que não há restos mortais apenas retratam histórias catastróficas.

Para exemplificar como o turismo nos cemitérios é popular em certas partes, e considerado algo tão natural que até chega a ser um presente, ou um convite para um lanche ou almoço, segue aqui uma narrativa da trama “Emily em Paris” em exibição na Netflix em sua 2ª temporada, o trecho é do episódio T2 Episódio 3 (15:46)

Figura 49 – Cemitério Père Lachaise



Fonte: Série Emily em Paris, Temporada 2, Episódio 3 (15:46min) Netflix, 2021.

⁵⁹ O termo é bastante conhecido e utilizado no "mundo da internet", referindo-se ao fenômeno de "**viralização**" de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc, que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade.

“Luc: Emily?
 Posso levar você para almoçar no seu aniversário?
 Emily: Que gentileza sua Luc. Obrigada.
 (os dois andam pelas ruas do Père Lachaise ao som de gaita Francesa)
 Emily: Vamos almoçar aqui?
 Luc: (Carregando uma sacola).
 Oui. Père Lachaise. Meu Cemitério favorito
 Olhe.
 É Balzac.
 Gosto de sentar perto do Balzac, porque ninguém senta perto dele.
 Todo mundo vai atrás do Chopin, Gertrudes Stein, Oscar Wilde.
 Além disso, gosto da cabeçona dele.
 Emily: Você costuma vir aqui?
 Luc: Sempre no meu aniversário.
 Para mim, pensar sobre a vida, é contemplar a morte.
 Emily: Ahhh
 Luc: Pensamos que a vida real é aqui
 Mas vamos a maior parte da eternidade lá embaixo.
 Emily: Acredita em vida após a morte?
 Luc: Ahh Vida após a morte!
 Não. Emily. Vida após a morte não é nada.
 Esquecimento. Uma escuridão inconcebível.
 Emily: Há
 Luc: Então cada aniversário, aprecio cada minuto que estou vivo.
 Não perca tempo com culpa.
 Nem pensando na primeira Marianne, nem na segunda Marianne.
 Emily: Quem são essas Mariannes?
 Luc: Não importa.
 Não penso nelas. Nunca namore uma mulher chamada Marianne.
 Emily: Certo
 Luc: nunca”
 (Emily em Paris-NETFLIX- 2ª Temporada- 2021)

Vale aqui destacar, que este fato de visitar cemitérios para comemorações pessoais, como forma de presentes artísticos, ou opções de locais tranquilos de lanche, almoço ou descanso não é uma prerrogativa da narrativa de seriados ou filmes, que romantizam a vida real. Como já citado neste texto o espaço em meio à *Bunhill Field*, cemitério Londrino que acabou cercado pela cidade, se transformou num espaço de lazer e como opção de praticidade os trabalhadores fazem suas refeições em meio ao espaço.

Cabe aqui pensar de um modo que se afaste de padronizações, o que seria uma armadilha para a constituição do turismo na atualidade, haja visto que tudo e todos estão em constante mudança e nesse contexto o turismo torna-se complexo, com características subjetivas e que não existe apenas em função da geração de divisas ou de sua operacionalização. Moesch afirma que:

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com

base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico (Moesch, 2002, p.9).

Pensar o turismo nos cemitérios, é pensa-los através de uma base sociocultural, pois eles são duais sendo por um lado objetivos e subjetivos, conforme vem sendo exposto nesta pesquisa.

Sabemos das limitações do patrimônio material dentro dos cemitérios, mas quando pensamos e exploramos os usos sobre eles e toda a subjetividade acerca dele, todos os caminhos que podemos percorrer no trato deste patrimônio intangível, percebemos que o lugar perpassa o físico.

...o embate entre o novo e o inesperado produz um processo de “[...] mobilização subjetiva que levaria a re-olhar, a repensar, a reavaliar, a ressignificar não só a situação, o ambiente, as práticas vivenciadas naquele momento e naquele lugar, mas de suas experiências passadas” (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 17-18).

Comparado com toda a estrutura, organização e gestão que requer o turismo nos determinados espaços, a experiência turística a qual somos submetidos pesará mais e poderá guiar o rumo do turismo em determinados locais, senão do turismo no geral.

É inegável a importância e relevância destes projetos, mas acredito que a reflexão sobre a construção turística transcende as questões que envolvem apenas o mercado. Esta compreensão da transcendência do mercado é a base para a compreensão das atividades e também a base para a compreensão do turismo num viés educacional e conscientizador.

A experiência que o turista tem ressignifica os locais visitados, por isso mesmo que pensemos no turismo somente como atividade econômica, o que é impróprio, pois o próprio fazer turístico é algo dinâmico e que deve ser trabalhado de forma a pensar os espaços e interações muito mais de forma subjetiva do que de formas estanques, já caracterizadas. Um roteiro, é um guia, serve para nortear a entrada dos sujeitos naquela experiência que será única a cada ser que vivenciá-la.

Não se trata buscar novos conceitos, mas entende-los, adaptá-los para a realidade da atividade turística, de tal modo que possamos perceber que conexões

inter e transdisciplinares são naturais se observarmos os percursos naturalmente e os favorecermos com outros campos de conhecimento.

Assim Boiteux e Werner (2009), acreditam que a atividade turística não seja meramente pela questão financeira e consumista a qual estamos acostumados, pelo lado comercial, propiciando um produto a quem pode deste disfrutar, mas sim um aparato que pode promover um desenvolvimento pessoal.

[...] o indivíduo se converte em turista, rompendo os estilos e assumindo um perfil físico e mental diferenciado. Assim, podemos concluir que o turismo é uma experiência hedonística, uma forma de alienação e construção, que, com o avanço da tecnologia e acelerada urbanização, rompe barreiras elementares de consumo rotineiro [...] (BOITEUX, WERNER, 2009, p.127).

Ainda que pensemos todos os aspectos da atualidade, todos os elementos tecnológicos disponíveis, e tudo que podemos usufruir de sistemas inteligentes, o turismo ainda é uma das relações humanas que envolvem a subjetividade. Pensamos a pandemia do COVID 19, ela não impediu o turismo de acontecer em muitos lugares e ao contrário parece ter instigado as pessoas a aguardarem agendamentos em espaços por conta do distanciamento social que a prevenção da doença impôs.

Se pensarmos que os cemitérios são como representações da vida social nas cidades, ou seja, sua estrutura estilizada como arquitetura, sociedade e tudo mais...; a iconografia destes espaços vai ajudar a destacar a memória das personalidades ali sepultadas e num olhar profissional mais sensível a falta desta ou mudanças na constituição tumular decorrente das eras, vai indicar igualmente as mudanças sociais dos sepultados

O que torna uma necrópole um destino turístico? Como saber se a visita vai corresponder a expectativa do turista ou mesmo do curioso.

O turismo no meio cemiterial está ganhando adeptos no Brasil, e não apenas pelas características tidas obscuras, sim cemitérios ainda são associados à morbidez, mas aos poucos com trabalhos sérios e bem difundidos conseguiremos dissociar a imagem dos cemitérios apenas do aspecto mórbido.

O cemitério pode sim ter vários aspectos, não há nada de errado nisso, mas nele principalmente nos cemitérios oitocentistas existem uma variada gama de esculturas que foram importadas e/ou produzidas por artistas que expunham nos Museus do Mundo inteiro, então porque os homenageamos visitando suas obras em

museus e galerias, e quando elas estão disponíveis à céu aberto e com visitação gratuita às desprezamos? A resposta é simples, desconhecimento.

O turismo nos cemitérios abrange muitas questões, e algumas delas tem significativas relevâncias perante outras. Por exemplo, a questão patrimonial, educacional e humana, se sobressaem às questões comerciais, ainda que estas estejam ou sejam necessárias.

Nesse contexto o turismo ganha um aspecto mais humano e não exclusivamente comercial. Não desacreditamos no potencial do turismo como gerador de renda e mercado. Acreditamos que a atividade do turismo deve ser explorada de forma a potencializar o perfil de cada espaço, principalmente o perfil que gere reflexão socioambiental na comunidade que dele desfrute.

Pensar nesse viés mais reflexivo e opções com dimensões mais complexas, exploram visões empreendedoras e também contraditórias sobre o viver e morrer na atualidade. Os recursos patrimoniais disponíveis, os cuidados éticos, as práticas fúnebres, os cuidados com os inumados, o próprio cuidado com a memória do povo, o individual e o coletivo.

Todas essas perspectivas em torno do turismo cemiterial não são meras críticas, são reflexões acerca do pensar a memória do próprio povo. Pensar esse turismo e esses espaços é uma forma de pensar e falar sobre um tema que no nosso século se afastou dos vivos e virou stigma, e talvez seja essa uma das formas de pensar a reaproximação novamente de ambos espaços, que sempre estiveram conectados, porém por um certo tempo negados.

A ideia mercadológica do turismo no cemitério ainda não é uma prática no Brasil, aqui as visitas são quase que exclusivamente gratuitas, o que em raras exceções acontece é de algum guia ser vendido, mas a visita em si é de acesso gratuito, mesmo nos maiores cemitérios das capitais, mesmo pela logística e mão de obra disponível.

Então a ideia principal neste primeiro momento em que o Brasil está se inserindo é a de desbravar o turismo nos cemitérios com um viés mais educacional, voltado para as artes, assim o público pode ir familiarizando-se com o espaço ao contrário temê-lo, que é o que acontece com uma parcela dos cidadãos.

Os cemitérios são lugares de vivências, integradores e como tal podem contribuir com a relação dos sujeitos na relação social das cidades. Assim o turismo seria um elemento integrador não somente entre as gerações, como uma ação que

contribuiria no aspecto de amenizar o abandono em que a grande maioria das necrópoles brasileiras se encontram, ao menos a relação de cuidados desses túmulos e mausoléus oitocentistas e seus responsáveis.

Oportunizar essas visitas e dinamizar o processo de cuidado desses espaços é uma forma de cuidado principalmente com a memória do espaço e dos ritos. Motta (2008) nos fala que é importante fortalecer esses laços em torno dos membros da família, pois a história da herança familiar passa por ali.

O que se vê nas versões mais elaboradas desses túmulos é o desejo de unidade e continuidade que se impõe face à segmentação e dispersão depois da morte, com isso, evitando que os sepultamentos fossem realizados separadamente. Neles não importa o indivíduo isolado do seu grupo de filiação, mas o sujeito social genérico, constituído a partir da referência a um antepassado ou herança comum à qual se liga através de relações com seus ascendentes e descendentes. (MOTTA, 2008, p. 111)

Até hoje predomina o conceito de que esses espaços são ligados ao sagrado e, portanto, devem servir para tal propósito. Mas está em prática tanto na literatura quanto nas abordagens uma visão mais dual, a que podemos conjugar o turismo no cemitério. A ideia do cemitério como um lugar turístico não é inovadora, aliás é de longe algo inovador, se pensarmos do ponto de vista histórico chega a ser arcaico, porém a história é cíclica, e dentre o atual ciclo, temos a essa barreira a vencer a de que tornamos o cemitério distante, obscuro e sagrado e que ao adentrá-lo que não para rituais fúnebres estaríamos profanando-o.

Nesse sentido, revisitar neste tempo a atividade turística transforma-se em um importante meio para compreender a relação entre o turismo e o cemitério. Estamos caminhando em um terreno em exploração aqui no Brasil, nossas propostas se assemelham, e muito tem a ver com experiências bem-sucedidas no exterior, adaptações serão necessárias logicamente. Mas com as adequações necessárias é perfeitamente possível tornar essas experiências com características regionais.

O Brasil é um país extenso, e, extremamente miscigenado culturalmente e muito populoso, o que nos tornou um país com muitas regiões de características ímpares, em um mesmo estado podemos ter vários dialetos e termos sofrido diferentes interferências culturais de colonização, o que interfere diretamente nos ritos de passagem e enterramentos, levando-nos a entender o local através dos cemitérios e vice e versa.

O turismo irá proporcionar não só a preservação como em algumas situações a restauração dos bens fúnebres e suas características, é claro que a escolha de qual cemitério, necrópole ou túmulo/mausoléu dependerá do sentimento de pertencimento da população ou interesse social desses elementos que serão preservados.

Do ponto de vista comercial, o turismo é visto quase sempre como uma prática rentável, que gera lucros à cidade e seus comerciantes e muitas vezes de forma direta aos cofres públicos, uma vez que de forma indireta sempre gera renda aos cofres públicos através do consumo no comércio. Em contrapartida, para alguns olhares o turismo pode ser um vilão, que espolia e não gera retorno ao seu local de origem.

No caso do turismo cemiterial, em que o foco seria a educação patrimonial como incentivo à descoberta do patrimônio material do local e preparação para a descoberta do patrimônio imaterial, o “lucro” gerado por esse turismo no espaço seria indireto, neste espaço, porém todas as pessoas precisam deslocar-se, comer e pernoitar, bem como usufruir dos demais espaços da cidade, e isso dependerá do que a cidade tem a oferecer, sendo que uma coisa leva à outra.

Não é o propósito desta pesquisa, a contribuição do turismo neste caso é pensando no patrimônio, na história no desenvolvimento humano, na capacidade que pode ser desenvolvida de pensar os valores da arte, dos sepultados, dos ritos, da sociedade em geral.

Mas sabemos que em alguns espaços se pensa o turismo cemiterial em todos os âmbitos, inclusive o financeiro, e se funciona como forma de manutenção do espaço, é uma forma de administração do turismo no local, mas não nos compete este tipo de discussão neste exato momento da pesquisa, essa digressão é apenas para conhecimento do fato.

5.1 PEQUENOS ESPAÇOS, GRANDES SAUDADES: TURISMO EM CEMITÉRIOS

Você já visitou um cemitério? Certa vez fiz essa pergunta à minha classe do 3º ano do Ensino Médio, de uma escola popular aqui de minha cidade, e a resposta foi uníssono, não.

Confesso que fiquei surpresa e sem reação por um segundo, pois toda a minha fala não estava preparada para tal resposta, claro que esperava que a grande maioria nunca tivesse adentrado um cemitério, mas todos, foi um choque. Os

cemitérios polêmicos “por natureza”, são locais obscuros, envoltos em magia, exercem repúdio e também fascínio.

Todos esses sentimentos permeiam o imaginário social, e habitam a mente das pessoas tão logo o nome cemitério seja mencionado num diálogo, muito disso se deve ao cinema e à literatura. Esses dois fizeram um trabalho tão vigoroso, que agora qualquer outra associação que se pretenda fazer levará o dobro do tempo e esforço. Um dos aliados no pensar a visitação ao espaço cemiterial, pode ser a devoção das pessoas aos Santos Populares e à Fé, esta também é uma das estratégias utilizados em locais em que há muitas peregrinações à túmulos dos chamados Santos Milagreiros, ou Santos Populares⁶⁰, usar este viés para o turismo é uma das discussões apresentada por Boullón (2002, p.77), onde “há possibilidade de destinar um espaço real a algum uso diferente do atual”, esta já é uma prática comum de locais específicos, mas utilizar os cemitérios também como território do turismo pode ajudar a descaracterizá-lo somente como local sinistro, do oculto.

Para quem vive da morte este assunto causa pouca estranheza, ainda que algumas coisas ainda causem desconforto. Mas para a grande maioria da população a morte ainda é um grande tabu⁶¹, não estamos acostumados a relacioná-la com a vida com o natural, e se criou um eterno ciclo de tentar perpetuar a vida e afastar a morte do seio familiar em nosso século.

Talvez esse seja um dos fatores que torne as pessoas mais relutantes em ver o espaço do cemitério como algo que possa ser visto como um espaço turístico, pois ele é considerado um espaço em separado da vida, algo a ser deixado de lado, visitado em datas marcadas, ou de extrema saudade.

Associar este espaço, o cemitério, como algo a ser utilizado naturalmente quando se tem vontade ou quando se quer relaxar, gera desconforto uma vez que pelo senso comum, este lugar é um lugar de morte, dor, se torna o contrário de tudo que buscamos.

⁶⁰ No cemitério de Cruz Alta, há o túmulo do “Santo Acorrentado”, ou Armando Cruz seu nome de Batismo, já descrito nesta pesquisa.

⁶¹ O significado de tabu geralmente se refere a uma proibição da prática de qualquer atividade social que seja moral, religiosa ou culturalmente reprovável. Dizer que algo é um tabu pode significar que é sagrado e por isso interdito qualquer contato. Ou pode também significar algo perigoso, imundo ou impuro. Cada sociedade possui os seus próprios padrões morais. Tabus existentes em uma cultura podem não existir em outras. Os tabus são criados por convenções sociais, religiosas e culturais. São meios de preservar os bons costumes da sociedade limitando a prática de determinados atos ou evitando falar de assuntos polêmicos.

Mas como vem sendo defendido nesta pesquisa, o cemitério não abriga apenas a morte, ele nasce com este objetivo, mas ao ser criado já o é por quem o faz com intenção de imortalizar a vida. As inscrições, a iconografia, os ritos, a circulação, tudo que flui no cemitério o modificou e nele criou e o transformou orgânico, onde vida e morte se expressam.

A arte, através das representações presentes nos túmulos e mausoléus, proporcionam um clara reflexão não somente de quem era o(s) indivíduo(s) sepultado(s) naquele espaço, como também do responsável pela confecção do espaço, sua família, época, lugar, epígrafe e ainda o tempo da obra e do artista- seus materiais, estilos- todos estes pontos geraram contrapontos que nos dirão quem era aquela sociedade e o que esperavam não apenas da morte, mas da vida também como nos sugere Valladares: “é a interpretação e construção leiga, das pequenas comunidades. É nesses que temos encontro marcado com um texto ético e um nível estético de razoável autenticidade e, por isso, de valor universal” (VALLADARES, 1972, p. 281).

Destaco aqui que a arte e o tipo de construção das famílias de maior expressão e mesmo personalidades tendia sempre a preservar sua identidade no *post mortem*, ou seja, uma vida abastada um túmulo que igualmente o enaltecesse, por isso Valladares ressalta que: “[...] pomposidade dos cemitérios das cidades europeias, centros industriais e mercantis e sede de fortunas individuais” (VALLADARES, 1972, p. 280).

Toda a pomposidade das esculturas do primeiro quadrante do Cemitério de Cruz Alta, foi em sua grande maioria importada da Europa, e outra parcela confeccionada pela Casa Aloys Ltda⁶², a intenção era cultivar a lembrança do indivíduo e da herança de seu sobrenome ou cargo/patente que carregava em vida e ainda em alguns casos validar o quão valiosa era a pessoa em vida.

Nesse primeiro momento o foco desta pesquisa é a inserção do visitante no espaço para educação sobre o mesmo, mas como deixar de lado o olhar dos espaços que não foram ou não puderam ser construídos com tal pompa? Sim houveram, e sempre existiram estes espaços, a diferença social é uma constante. E logo mais

⁶² A marmoraria Casa Aloys estava localizada em Porto Alegre. Todavia, seu alcance compreende os principais cemitérios do Rio Grande do Sul, e assim, não seria diferente na cidade de Pelotas. Fundada em 1884 pelo alemão Miguel Friederich, a firma passou por várias fases e sociedades, até que em 1891 foi vendida ao irmão de Miguel, Jacob Aloys Friederich, que empenhou todos os seus esforços em desenvolver a empresa e alça-la a uma das maiores do Estado (CARVALHO, 2015, p.51).

teremos de lidar com o fato de explicarmos as covas coletivas por conta do Corona Vírus, e essa é uma das inserções que a educação patrimonial deveria ser preparada antes de se adentrar os portões do cemitério.

Muitas das covas rasas do século XIX, já não são mais possíveis de se acessar ou visualizar, muitos dos túmulos simples foram engolidos ou vendidos por falta de reclamantes, e todas essas questões são questões que podem ser debatidas de acordo com o interesse do público de acordo com o tema do roteiro, e podem ser propostos, afinal é de interesse da educação patrimonial também esta proposta como aponta Bourdieu:

É assim que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Se pensarmos o turismo voltado apenas a iconografia nos cemitérios podemos pensar nas artes feitas em bronze, mármore, madeira, vitrais, ferro fundido, agora temos um novo material sendo introduzido que é o cimento misturado ao acrílico, as ações culturais realizadas, a fé, etc.

O turismo em cemitério⁶³ também é conhecido como turismo fúnebre, turismo macabro, necroturismo, além de dark turismo. Mas essas nomenclaturas acabam atrapalhando a visibilidade do turismo cemiterial mais do que auxiliando no geral. Num grupo muito restrito, o necroturismo é bem difundido, e faz jus ao nome.

Essa pesquisa está primando por uma abordagem mais condizente com o campo turístico patrimonial, portanto, os termos mais adequados nesse caso em específico seriam além do turismo cemiterial ou turismo no cemitério, o necroturismo também poderia ser adotado, já que está sendo adotado no resto do mundo como prática de visitação aos cemitérios.

A contradição perante esta pesquisa seria o dark turismo⁶⁴, que abrange outros locais em que envolvem sinistros⁶⁵, locais de morte e dor, como Campo de

⁶³ Muito mais que o último lugar de descanso passa a ser um museu a céu aberto, repleto de significados e representações que nutrem a imaginação daqueles que o visitam. (ISMERIO, Clarice, 2013)

⁶⁴ Turismo *dark* é um termo utilizado para definir o turismo a lugares que possuem alguma relação com a morte (reais ou recriados), com o sofrimento, com a desgraça ou, de alguma forma, macabros.

⁶⁵ **Série Netflix-Turismo Macabro** 2018 | 16 | 1 temporada | Viagem e aventura

Concentração de Auschwitz, Pompeia na Itália, Chernobyl, Memorial Nyamata, Ruanda, Hiroshima e Nagasaki, Japão, Memorial de 11 de setembro, Estados Unidos, Chelsea Hotel, Estados Unidos, esses locais e outros são associados ao *dark tourism*.

O público dos espaços também pode diferir, fazendo com que as experiências sejam completamente diferentes, isso se deve ao interesse óbvio da pessoa. Quando estamos realizando um trabalho de educação patrimonial dentro do cemitério e conscientizando acerca da vida, utilizando experiências passadas, epígrafes por exemplos, será muito difícil abranger um público que busca um espaço especulando se existe vida após a morte ou tentando se comunicar com fantasmas, que já ouvimos relatos de turistas que buscam esses espaços para tais experimentos.

Um fator interessante de se observar, é que a morte não ocorre no cemitério, apesar de ele ser o guardião dos corpos inumados, o findar da vida se dá em outros espaços, o cemitério é só um local de inumação de corpos e receptor de histórias e vidas, o que o torna tão interessante e para alguns tão intrigante.

Diferentemente do hospital, em que as pessoas se dirigem à ele para nascerem e morrerem, o cemitério é só um local em que os vivos deslocam seus entes queridos quando não há vida existente. Então porque as pessoas temem tanto o cemitério a ponto de considera-lo obscuro, de mau agouro e de contrapartida só veem o hospital com bons olhos se na passagem do século XIX para o século XX afastamos a morte de nossos lares destinamos como lugar o hospital, o lugar higiênico de se morrer.

Essa abordagem, a de que nem sempre somente o viés da morte, estará presente na visitação, poderá auxiliar na (re) aproximação do visitante ao cemitério como turista. O local não abriga apenas sofrimento e dor, ele abriga arte, histórias, manifestações de desejos, cultos, amores rompidos, prolongamento de vidas, superações, atos heroicos do dia a dia que só sabemos por ter contato com suas lápides, há todo um esforço de quem vive o cemitério que merece ser ouvido, como ouvimos os nossos contadores de história.

Essa simbologia presente subjetivamente no local, já é apontada há muito por Bourdieu: “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7).

O que entendemos sobre morte passa pela vida, e é decisivo para constituirmos o turismo nos cemitérios. Atrair turistas para os cemitérios, é ressignificar atividades sociais num espaço criado para abrigar atividades que envolvem vida e morte numa concepção social e natural.

A Educação Patrimonial é uma das prerrogativas desta pesquisa e com isso, assume a importância de tornar o cemitério um espaço duplamente desafiador, e nas palavras de Ismerio,

A educação patrimonial configura-se como um importante instrumento para a formação de cidadãos conscientes e participativos. Possibilita a construção de um novo capital social e de uma mudança significativa na mentalidade regional, pois o conhecimento da identidade e da cultura local propicia o reconhecimento dos ativos endógenos (recursos locais) possíveis de serem desenvolvidos. (ISMÉRIO, Clarisse; 2016)

Entendendo o cemitério como um espaço social, cultural, religioso e totalmente inserido no meio urbano e constituinte dele, com significados e objetivos a sua inserção no turismo será bem mais acessível e natural.

Estaremos apenas utilizando uma engrenagem que já existe, e possibilitando que o estigma do mórbido seja aos poucos dissipado, e talvez com algumas décadas a normalização desse espaço como espaço de lazer dentro de um contexto sanitário viável e seguro aconteça.

Jamais podemos deixar de pensar que neste tempo estamos a mercê de uma pandemia não controlada e que desta, estão se dissipando outras variantes de vírus, sei que não é o foco desta pesquisa, mas seria irracional não pensar a segurança sanitária num momento como este.

A única certeza que temos no momento é que estamos inseguros sobre os dados e sobre como o mercado turístico irá proceder, a melhor defesa ainda é o distanciamento, embora não seja uma regra cumprida em muitos locais de muitos países.

Por ora, pode-se dizer que não há turismo na forma e fluxo habitual. A atividade turística diminuiu drasticamente, devido à orientação de distanciamento feita pela Organização Mundial da Saúde. Segundo a Organização Mundial do Turismo [OMT], agência da Organização das Nações Unidas, há a previsão de um retrocesso entre 20 e 30% do turismo internacional em 2020, em comparação com o ano anterior. Segundo a OMT (2020) isto significa "entre 300 e 450 bilhões de dólares, quase um terço do 1,5 trilhão de dólares gerados em 2019" (s/p). Tais perdas equivalem ao crescimento dos últimos 5 e 7 anos, mais do que a crise econômica de 2008,

com queda de 4% nas viagens de turistas internacionais em 2009 e 0,4 % na epidemia da SARS em 2003 (Presse, 2020)

Quando pensamos estes dados, percebemos que apesar das incertezas do turismo cemiterial iminente, a certeza que temos é de que o inchaço nos campos santos estão ocorrendo a galopes, chegamos a presenciar quase três mil (3.000) mortes diárias somente no Brasil, hoje esse número é mais baixo não chegando a mil (1.000), mas os especialistas da OMS, e agencias internacionais especulam um novo *boom*⁶⁶ de casos referente às aglomerações.

Este cenário mudou logicamente os rituais fúnebres, a maneira como é visto o setor funerário, o espaço do cemitério, até mesmo o luto teve de ser reconicionado, e as consequências de tais atos, ainda não as sentimos por completo, talvez esta geração só as sinta no decorrer de suas vidas.

O tabu morte, acaba ganhando novas configurações, novos afastamentos, e a tecnologia adentra este espaço com muita frequência e propriedade. É preciso adequá-la para que saibamos lidar com todas essas mudanças e não apenas nos acostumemos com algo que não conseguimos compreender e passemos a temer mais ainda, como é o caso da morte em muitas culturas.

⁶⁶ Explosão

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É correto pensar no encerramento desta pesquisa, mais como um hiato do que como um final propriamente dito, pois como é dito ao longo de todo o texto o fim não pode ser definitivo, pois defendemos que o percurso é mais gratificante e educador do que a finalização, e o fim neste contexto seria definitivo.

Para algumas culturas o fim da vida- a morte- significa uma passagem, uma condição, vamos pensar a conclusão desta etapa nesse sentido de finalização. Findada esta etapa, o final é uma passagem de condição, de um modo de estar em vida.

Termina-se a etapa, ficam as lembranças, de todo o percurso que existiu, é assim com a pesquisa também, ela acompanhou o início da eclosão de uma pandemia mundial, as incertezas, o medo, o isolamento, as arbitrariedades, as negligências pessoais, sociais, governamentais, as perdas, a criação de covas coletivas por falta de espaço e tempo em decorrência da pandemia em nossa era- uma era digital- que em se tratando de enterramentos o humano é que fez a diferença.

Todos esses aspectos moldaram o decorrer da escrita, e o produto também, se antes do início da pandemia pensávamos em um produto extenso, em função do produto ser objeto direto do cemitério este teve de ser reduzido, e vale lembrar encerramos este texto ainda em período pandêmico, porém acreditamos que aprendemos a conviver com o vírus.

Desta forma podemos concluir que alguns objetivos primordiais da pesquisa foram cumpridos atendendo a proposta inicial. O cemitério Municipal de Cruz Alta comporta visitas turísticas, é claro que como a maioria dos cemitérios brasileiros, ele necessita passar por algumas intervenções para maior fluidez do passeio e do turismo.

Limpeza dos túmulos, principalmente das obras de arte, vitrais, placas interpretativas, ordenação na indicação dos túmulos. Todas essas melhorias são indicativos de que o espaço está disposto a receber as pessoas com a perspectiva do turismo, e a medida que o cemitério é utilizado não somente para a finalidade de sua criação, as potencialidades se multiplicam.

Pensar o espaço fúnebre como um espaço de olhares sensíveis, de possibilidade turística, onde podem ocorrer eventos assim como em um museu por

exemplo, é repensar a perspectiva da vida ante a morte, toda sua simbologia e nossas vivências.

À essa altura já é notório que sabemos que os cemitérios não são espaços restritos da morte, pelo contrário abrigam resquícios de vida, e toda essa dualidade é uma maneira muito singular da sociedade se expressar.

E como poderíamos dar voz a estes espaços? Através de um guia que estimulasse o turismo, de visitas ao cemitério com olhares mais sensíveis. Pensando em guias impressos ou virtuais e claro acompanhamento que possibilitasse às pessoas explorar recortes do espaço, dialogar e refletir sobre nossa maneira de ver o espaço.

Visitar o Cemitério Municipal de Cruz Alta é uma maneira de conhecer a sociedade riograndense e brasileira e sua relevância histórica, não é só a morte que está exposta ali, são muitos signos e valores que hoje temos a chance de ressignificá-los.

Vencer o preconceito e a resistência frente ao cemitério e tudo que ele representa é o maior desafio deste trabalho, mesmo assim é consenso que na contemporaneidade esses espaços já são entendidos como patrimônios, seja por completo ou as obras que dele fazem parte, portanto há neles duas categorias os patrimônios materiais, tudo que é tangível e os patrimônios imateriais, tudo que podemos explorar no campo da subjetividade.

Talvez ainda esteja, um pouco distante de transformar estes espaços em lugares de lazer, a exemplo do cemitério de *Bunhill Fields* em Londres UK, ainda mais por conta da pandemia que não sabemos como serão as restrições por conta do uso do solo e todas essas ações, porém adentrar estes espaços com visitas e torná-los turísticos já será considerado a vitória no campo turístico funerário ou no necroturismo.

Não podemos esquecer que para alcançar a atual geração e pensar a geração que está nascendo, o uso da tecnologia vai se tornar um excelente aliado e nesse quesito o Guia de Visitação é o start para uma ação de utilização desse espaço.

Para finalizar este trabalho, eu gostaria de lembrar aqui a pessoa que o inspirou, o espírito da criança que sem saber das inúmeras possibilidades, acompanhava sua avó Laurentina obrigada ao cemitério no início é bem verdade, e depois descobriu mais que um playground e várias casinhas de boneca, descobriu

que ali moravam histórias de pessoas que ela nunca conhecera, mas que anos mais tarde entenderia seria parte da vida da cidade em que nasceu.

Um espaço aparentemente de morte, que pareceu ter mais sentido nas suas brincadeiras vivas, e muita relevância nas conversas dos adultos que frequentemente sua avó encontrava nas ruelas do cemitério e para conversar alguns minutos.

Naquelas ruelas e espaços a morte era reverenciada, enquanto uma potência de vida era esquecida, e esta potência que busco agora com este trabalho, este é parte de minha homenagem a quem partiu e meu legado, mais que a simples escolha de um tema a ser defendido, é um propósito, não é obstinado claro, mas é um tema que não passou despercebido durante muitos anos.

A pandemia deixou marcas em todos, de uma forma ou outra, salvo extrema insensibilidade, há de se ressaltar a necessidade pensar os usos de espaços públicos após a pandemia, e os cemitérios com toda certeza devem ser vistos e pensados para uma maior integração social.

Todos os setores devem ser envolvidos neste debate, comunidade, setor público, academia, setor educacional para que pensemos qual a melhor forma de uso desse que é um bem patrimonial e já sofreu alterações na sua concepção, mas não no seu uso.

Como vamos usufruir do necroturismo em espaços em que ele ainda é possível, sabemos que em alguns lugares por conta de espaço, culturas e crenças as opções de enterramentos ou não enterramentos estão mudando, então como tratar os espaços fúnebres?

Como enxergaremos estes espaços na contemporaneidade? Se ainda podemos usufruir destes espaços e aprender sobre a sociedade de nosso tempo com eles, que o façamos, afinal este é o legado de nossos bens patrimônios

REFERÊNCIAS

ACEMBRA, **Site da Associação de cemitérios e Crematórios do Brasil**. Disponível em: <http://www.acementra.com.br> Acesso em: 10 de nov. 2014.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.

AFONSO, Liliâne Rosa Gomes. Turismo Cemiterial: **O cemitério como espaço de lazer**. Monografia (Curso de Turismo). Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ASCE - **Association of Significant Cemeteries in Europe**. Disponível em: <http://www.significantcemeteries.org>. Acesso em: 10 de mar. 2015.

Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, **Blog da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais**. Disponível em: <http://abecbrasil.blogspot.com.br/>. Acesso em: 06 de nov. 2014.

AFONSO, Liliâne Rosa Gomes. **Turismo Cemiterial: O cemitério como espaço de lazer**. (Monografia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010). Disponível em: Acesso em: 31 ago. 2018.

ARIÈS, P.; CHARTIER, R. (org.) (1991). **História da vida privada III: Da renascença ao século das luzes**. São Paulo: Cia das Letras.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ARIÈS, P.; CHARTIER, R. (org.) (1991). **História da vida privada III: Da renascença ao século das luzes**. São Paulo: Cia das Letras.

ARIÈS, Philippe. **O Homem Diante da Morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, pp. 612-613.

ARIÈS, P. (1977). **O homem perante a morte I**. Tradução de Ana Rabaça. Mira Sintra/ Mem Martins Portugal: Publicações Europa-América.

_____. (2003). **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro.

ARIÈS, P. (1977). **O homem perante a morte I**. Tradução de Ana Rabaça. Mira Sintra/ Mem Martins Portugal: Publicações Europa-América.

_____. (1982). **O homem diante da morte II**. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves.]

_____. (2003). **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**.

Tradução Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro.

AYMONINO, Carlo. **O significado das cidades**. Lisboa: Editora Presença, 1975.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. A Subjetividade nos Estudos de Recepção. In: IV Encontro Iberoamericano de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. **IV Encontro Iberoamericano de Ciências da Comunicação**, 1997.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Psicocomunicação: A Trama de Subjetividade. In: **II Colóquio Brasil- Itália de Ciências da Comunicação**, 2001, Firenze. II Colóquio Brasil- Itália de Ciências da Comunicação, 2001.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Comunicação, Amorosidade e Autopoiese**. In: VII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - ALAIC, 2004, La Plata. Comunicação dos Sindicatos: Pai Metáfora Lei. São Paulo: ANGELLARA, 2004. p. 351-372.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Rosa dos Ventos**, v. 6, p. 342-355, 2014b.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Interfaces teóricas em la constitución de una investigación transdisciplinar, 1999. **Revista Latina de Comunicación Social**, 16. Disponível em: <http://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999iab/109luiza.htm>. Acesso em: 8 de mar. 2015.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. *Psicomunicación y Trama de Subjetividades. Interfaces Teóricas en la Constitución de una Investigación Transdisciplinar*. **Revista Latina de Comunicación Social**, Revista On line, v. 01, n.16, p. 01, 1999.

BARBOSA, Maria de Lurdes de Azevedo. Turismo de Excentricidades. In: PANOSSO NETO, Alexandre; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Segmentação de Mercado Turístico: Estudos, Produtos e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2009. Cap. 20. p. 329-348.

BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido Oculto dos Ritos Funerários: morrer é morrer?** São Paulo: Paulus, 1996.

BENI, Mário Carlos. **“Turismo: Planejamento Estratégico e Capacidade de Gestão”**. Documentação temática. Caxias do sul, 12, 13 de novembro de 2014. Blog Pesquisas Cemiteriais. **Interditus**. Disponível em: <https://elisianacastro.wordpress.com/interditus/>. Acesso em: 25 mar. 2015.

BOITEUX, Bayard do Couto; WERNER, Maurício. **Introdução ao Estudo do Turismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

BORGES, Maria Elizia. Imagens Devocionais nos Cemitérios do Brasil. In: **XI Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, 2001, São Paulo. *ANPAP na Travessia das Artes* - São Paulo: ANPAP, 2001. v.01. p. 10-15.

_____. **Arte funerária no Brasil (1890-1930):** ofício de marmoraristas Italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: Editora C/ARTE, 2002.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BRASIL. Portal Brasil. **Colônia.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/governo/2010/01/colonia>. Acesso em: 25 out. 2014.

BRASIL, I. B. G. E. **Instituto Brasileiro de geografia e Estatística.** Cidades: Cidade de São Paulo, 2016 Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=355030&search=sao-paulo|sao-paulo>. Acesso em: 01 abr. 2016.

BRASIL. INSTITUTO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

BRUNO, Maria Cristina. **Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória.** In: MILDÉR, Saul Eduardo S. (Org.). *As Várias Faces do Patrimônio.* Santa Maria: Pallotti, 2006. p. 119-140.

Caino, Thaissa de Castro Almeida. **A materialização da melancolia no Cemitério Municipal de Cruz Alta-RS: um estudo sob o viés da arqueologia da imagem /** Thaissa de Castro Almeida Caino ; Pedro Luís Machado Sanches, orientador ; Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho, coorientadora. — Pelotas, 2018.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Santos, Alemães e o Cemitério Protestante: Colônias estrangeiras e Patrimônio cultural.** In: Patrimônio: lazer e turismo, Revista eletrônica, UNISANTOS, São Paulo, out. 2006. Disponível em: http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=83&bibliografia=1&#bibliografia_ancora. Acesso em: 12 jul. 2006.

CAMINO SANTIAGO. Disponível em: <http://www.caminosantiagoencadiz.org/index/CodexCalixtinus/GuiadelPeregrino.html>. Acesso em 12 de dez. 2014.

CAMUS, Albert. **A queda.** 3. Ed. Rio de Janeiro, Record, c1960. 144p.
Candy Chang. Disponível em <http://candychang.com/work/before-i-die-in-nola/>. Acesso em: 12 fev. 2016.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. ENTRE A LEMBRANÇA E O ESQUECIMENTO: implicações do descaso patrimonial para arte funerária do Rio Grande do Sul. in: **Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas** “entre territórios”, 19, 2010, Cachoeira. Anais do Encontro da ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Cachoeira, BA, 20 a 25 de setembro de 2010. Salvador: Edufba, 2010. p. 540 - 553.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **O CEMITÉRIO DA SANTA CASA:** Contribuições para história da arte funerária em Pelotas. 2005. 81 f. Monografia (Especialização) - Curso de Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui também jaz um patrimônio**: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008). 2008. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura & Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CASTRO, Elisiana Trilha. Um chão para cair morto: os cemitérios de imigrantes Protestantes em Santa Catarina no século XIX. In: II SIEPEA, 2009, Santiago.

CAVALARI, Rossano Viero. **A Gênese da Cruz Alta** – Unicruz 2004.

CAVALARI, Rossano Viero. **Dicionário de Cruz Alta: Histórico e Ilustrado**. Ed. Martins Livreiro – Porto Alegre, 2011.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. (1996). **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. 5.ed. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes.

CHAGAS, Mário. **Cultura, patrimônio e memória**. In: Ciências & Letras, Porto Alegre, nº 31, jan - jun. 2002, p. 15-29.

CHAGAS, Mário S. **Museália**. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

CHARÃO, Egiselda Brum. Representações do mundo do trabalho nos cemitérios: Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre/RS. **Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS**, Porto Alegre, v. 2, n. 4, novembro de 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2000.

II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDANTES DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS AMERICANOS. Santiago, 2009.

CHEVRAKADISHA. **Site da Associação Cemitério Israelita do Rio de Janeiro**. Disponível em <http://www.chevrakadisha.com.br/>. Acesso em: nov. 2014.

COELHO, Liliane. Cristina. Desvendando a Tumba 10A: formas de enterramento e enxoval funerário no início do Reino Médio. In: **I Encontro Internacional e II Nacional de Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo e IX Jornada de História Antiga**, 2010, Rio de Janeiro. Anais do I Encontro Internacional e II Nacional de Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo e IX Jornada de História Antiga. Rio de Janeiro.

Comunidad Iberoamericana de Amigos del Patrimonio Funerario (CIAPAFU). Disponível em: <http://ciapafu.blogspot.com.br/>. Acesso em: 16 mar. 2015.

Conama. **RESOLUÇÃO CONAMA nº 335, de 3 de abril de 2003 Publicada no DOU no 101.** 2003. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=359>. Acesso em: 2 abr. 2014.

Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico - CONDEPHAAT. Disponível em: http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.9e39945746bf4ddef71bc345e2308ca0/?vgnnextoid=300d6ed1306b0210VgnVCM1000002e03c80aRCRD&IdCidade=ca54e181d893c010VgnVCM1000001c01a8c0____&Busca=Busca. Acesso em: 8 fev. 2016.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente.** Belo Horizonte: Vozes, 1994. 373p.

DUARTE, Nathália. **Ex-coveiro se torna 'guia' no Cemitério da Consolação**, em SP. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/01/ex-coveiro-setorna-guia-no-cemiterio-da-consolacao-em-sp.html>. Acesso em: 13 nov. 2014.

ECO, U. (2005). **Como se faz uma tese.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva.

Ésquilo, **Os sete contra Tebas**, 1013. Sófocles, Antígone, 198. Eurípides, Fen., 1627-1632. — Cf. Lísias, Epitáf., 7-9. Todas as cidades antigas acrescentavam ao suplício dos grandes criminosos a privação da sepultura.

FARIA, Sheila de Castro. **Viver e morrer no Brasil Colônia.** São Paulo: Moderna, 1999.

FERREIRA, Liciane Rossetto. Turismo de Fait Divers: Morbidez ou Nekrophilia. In: PANOSSO NETO, Alexandre; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Segmentação de Mercado Turístico: Estudos, Produtos e Perspectivas.** Barueri: Manole, 2009. Cap. 21. p. 349-364.

FIORATTI, C. **“Sim, o coronavírus veio da natureza – e não de um laboratório”.** Revista Superinteressante [20/03/2020]. Disponível em: Acesso em: 31 mar. 2020.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Orgs). **Turismo e Patrimônio cultural.** São Paulo: Contexto, 2005.

GARCIA, Glaucia. **Os Santos populares paulistanos.** Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/santos-populares/>. Acesso em: 15 nov. 2014.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka Martini. **Turismo, Políticas Públicas e Cidadania.** São Paulo, Aleph, 2007.

GOOGLE MAPS Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-23.5508615,->

46.6578519,674m/data=!3m1!1e3. Acesso em: 07 de março de 2016.

GONÇALVES, José Reginaldo S. **Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2007.

Guia Folha. Disponível em:

<http://guia.folha.uol.com.br/passeios/ult10050u470383.shtml>. Acesso em: 12 mar. 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990. *International Council of Museums (ICOM)*, na sua 20.^a Assembleia Geral, em 6 de julho de 2001.

HIPÓLITO, Paulo. **Uma breve história dos cemitérios**. 2011. Disponível em: http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=148#_ftn8. Acesso em: jun. de 2013.

ISMÉRIO, Clarisse. **Preservando o patrimônio cultural dos cemitérios: estudo sobre os cemitérios de Porto Alegre e Bagé**. *Revista Memória em Rede*, v. 3, p. 1-15, 2013.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORTA, M. L.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia Básica de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

International Council of Museums (ICOM), na sua 20.^a Assembleia Geral, em 6 de julho de 2001.

(IPHAN). **Patrimônio Imaterial**. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginalphan>. Acesso em: 27 fev. 2015.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12238&sigla=Legislacao&retorn o=paginaLegislacao>. Acesso em: 09 abr. 2008a.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=12577&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>. Acesso em: 09 abr. de 2008b.

IPHAN - **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12238&sigla=Legislacao&retorn o=paginaLegislacao>. Acesso em: 09 abr. 2019a.

IPHAN - **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=12577&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>. Acesso em: 09 abr. de 2019b.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. **Público, o X da questão? A construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil**. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 1, n. 1, p. 209-235, jan./jul. 2012.

LA ROCHEFOUCAULD, François. **Máximas e reflexões**: texto integral. São Paulo: Escala, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MARQUETTI, Flávia; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Ritos e representações do paleolítico: uma leitura semiótica. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 1, n. 16, p.154-180, jan. 2011.

MARTINS, José de Souza. **A Morte e o Morto: tempo e espaço nos ritos fúnebres da roça**. In: _____. (Org.). **A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1983. p. 258-269.

MARTINS, José de Souza. Serviço funerário de São Paulo. **História e Arte no Cemitério da Consolação**. São Paulo, s/d. Folder para divulgação da história e arte do Cemitério da Consolação.

MATOS, Alderi Souza de. **O Cemitério dos protestantes de São Paulo**. Instituto Presbiteriano Mackenzie, São Paulo, 2011. Portal Mackenzie. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/10221.html>. Acesso em: 09 mai. 2015.

Memoriall. Disponível em: <http://www.memoriall.com.br/post.asp?post=1>. Acesso em: 12 nov. 2015

Memorial Virtual publicado em 2018. Disponível em: <http://centrosclandestinos.com.ar/V5/campo-mayo.php> Acesso em: 20 de mai. 2020.

MOESCH, Marutschka Martini (2002). **A produção do saber turístico** (2. ed.). São Paulo: Contexto

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. Cap. 17. p. 369-379.

MORIN, Edgar. (2002) **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. 4 ed. São Paulo: 1998. M. Fontes. 741p.

MOTTA, Antonio. **À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2008.

NATAL, Lilian. **Top 10 Pontos Turísticos**. 2014. Disponível em: <http://www.cidadedesao Paulo.com/sp/br/noticias/3847-top-10-pontos-turisticos>. Acesso em: 26 mar. 2015.

NOGUEIRA, Luiz Fernando Veloso. **Expectativa de vida e mortalidade de Escravos: Uma análise da Freguesia do Divino Espírito Santo do Lamim – MG (1859-1888)**. 2011. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao51/materia01/>. Acesso em: 22 mar. 2015.

NOGUEIRA, Renata de Souza. **Quando um cemitério é patrimônio cultural**. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Memória Social e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: Projeto História, n. 10, p. 07-28, dezembro de 1993. São Paulo: PUC, 1993.

Observatório do Turismo da Cidade de São Paulo, **Site do Observatório do Turismo**. Disponível em: <http://www.observatoriodoturismo.com.br/> Acesso em: 19 mar. 2015.

OTOBELI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. **Benedictus: Os Cemitérios de Flores da Cunha: Arte, História e Ideologia**. Flores da Cunha: Seculum, 2007. 288 p.

PANOSSO NETTO, Alexandre. O que é turismo. São Paulo: Brasiliense, 2010.

PREFEITURA DE SÃO PAULO: Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico_funerario/noticias/?p=203205. Acesso em: 12 out. 2015.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico_funerario/noticias/?p=208078. Acesso em 12 jan. 2016.

POLLAK, Michael. **Memoria, olvido, silencio. La producción social de identidades frente a situaciones límite**. Ed. Al Margen.

QUEIROZ, Francisco. **Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal**. 2007. Disponível em: <http://21gramas.pt/Uploads/17480711200709.pdf>. Acesso em: Maio de 2012.

RAHMEIER, Clarissa Sanfelice. Terra, poder e sociedade na organização espacial do Rio Grande do Sul oitocentista: o contexto estancieiro da região de Cruz Alta, RS. In: **26ª Reunião da SBPH**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: sbph.org/reuniao/26/trabalhos/Clarissa_Rahmeier/. Acesso em: 22 de mai. 2008.

Red Iberoamericana de Cementerios Patrimoniales. Disponível em: <http://redcementeriospatrimoniales.blogspot.com.br/> Acesso em: 12/03/2015

Red Testimonio-Memoria Valparaíso. Disponível em: <https://redmemoriavalpo.wordpress.com/about/>. Acesso: 10 mar. 2015.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Cia das Letras, 1991. 357p.

REIS, João José. **O cotidiano da morte no Brasil oitocentista.** In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org). **História da Vida Privada no Brasil/Império.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 95-141.

REIS, Lucas. **Rabino morto em 1910 atrai devotos católicos em Manaus.** Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/174263-rabino-morto-em-1910-atrai-devotos-catolicos-em-manaus.shtml#_=_. Acesso em: 03 mar. 2015.

REZENDE, Eduardo Coelho M. **Cemitérios.** São Paulo: Necrópolis, 2007.

RIBEIRO, S.I.G.T. (2000). **Caracterização da história hoje: uma abordagem historiográfica.** Revista de História Regional, vol. 5, n.2, inverno. Disponível em <http://www.rhr.uepg.br/v5n2/sarah.htm>. Acesso em 9 jan. 2006.

ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. **Transformações nas Práticas de Enterramento – Cuiabá, 1850-1889.** Mato Grosso: Central de Texto, 2005.

SÃO PAULO. CLARA LOBO. (Comp.). **Historia e Arte no Cemitério da Consolação.** São Paulo: Secretaria de Cultura, Secretaria de Serviços, Serviços Funerário, [20--], 20 Folder, color, 105mmX210mm

SÃO PAULO. PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Cemitérios Municipais.** Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico_funerario/enderecos/index.php?p=3572. Acesso em: 13 mar. 2015.

SCHIMITT, Jean Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval.** São Paulo: Cia. Das Letras, 1999. 300p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007. 304p.

SINCEP, **Site do Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil.** Disponível em: <http://www.sincep.com.br/portalpt/> Acesso em: 7 de novembro de 2014.

T1 - TURISMO CEMITERIAL: **proposta de roteirização a partir das potencialidades turísticas impressas no cemitério civil de Santa Vitória do Palmar, RS, Brasil**

TEDESCO, Mariane. **Turismo e lugar de memória: o cemitério como Expressão cultural.** 2014. 84 f. TCC (Graduação) - Curso de Turismo, Universidade Caxias do Sul, Bento Gonçalves, 2014.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar. História, memória e política.** Título original: *Le passé, modes d'emploi: histoire, mémoire, politique.* Autor: Enzo Traverso. Tradução: Tiago Avó. Revisão: Unipop. Capa: Ana Mary Bilbao. Paginação: Unipop. Impressão: SpeedMedia. La fabrique 2005, Unipop para a presente edição. 1ª Edição fevereiro de 2012.

The Association for Gravestone Studies. Disponível em: <https://www.gravestonestudies.org/>. Acesso em: 11 mar. 2015.

Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: <http://www.ucs.br/site/posgraduacao/formacao-stricto-sensu/turismo-e-hospitalidade/linhas-de-pesquisa/>. Acesso em: 03 nov. 2014.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros.** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura / Departamento de Imprensa Nacional, 1971.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros.** Brasília: MEC-RJ, 1972.

VECCHIOLI, Virginia et al. **Memorial virtual às vítimas da tragédia de Santa Maria**

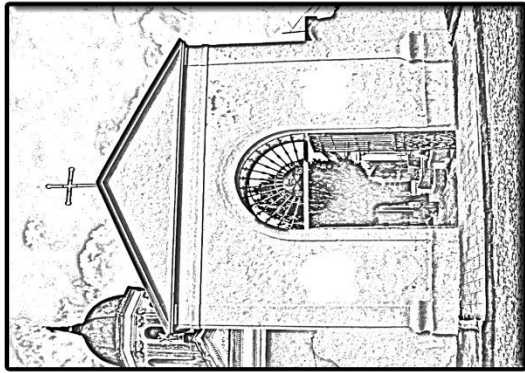
VISSIÈRE, Séverine Fargette. **Os animados cemitérios medievais**, 2013. Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/os_animados_cemiterios_medievais.html. Acesso em: jul. 2013.

VISSIÈRE, Séverine Fargette. **Os animados cemitérios medieval.** Disponível em: <http://historianovest.blogspot.com/2009/05/os-animados-cemiterios-medievais.html>. Acesso em: ago. 2021.

VISITE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.visitesaopaulo.com/dados-dacidade.asp>. Acesso em: 20 mar. 2014.

VOVELLE, Michel. **Imagens e Imaginários na História: Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX.** São Paulo/SP: Editora Ática, 1997.


APENDICE A – FOLDER GUIA DE VISITAÇÃO



GUIA DE VISITAÇÃO

Cemitério Municipal

Cruz Alta - RS

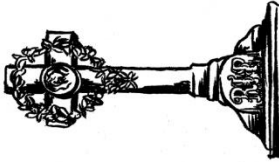


Projeto Museu a Céu Aberto
Cemitério Municipal
Cruz Alta - RS

DOBRA

DOBRA

DOBRA



Projeto Museu a Céu Aberto

O projeto Museu a Céu Aberto visa a promoção de um olhar cultural, histórico, educativo, patrimonial e turístico em relação aos espaços cimiteriais. Tendo como foco o Cemitério de Cruz Alta/RS, propomos, entre outras ações, visitas guiadas gerais, temáticas e trabalhos de educação patrimonial valorizando este importante espaço cidadão. Assim, em decorrência do levantamento dos dados biográficos dos sepultados no Cemitério Municipal, poderão ser elaborados roteiros temáticos com diferentes enfoques, como por exemplo: história artística, história cultural e/ou política, ciclos econômicos, religiosidade, diversidade étnica, imigração, revoluções, relações familiares e de compadrio, hierarquias sociais, práticas de sepultamento, dentre outras abordagens, não esgotando suas possibilidades. Nas palavras de Philippe Ariès, o cemitério reúne a todos em um mesmo recinto...

Para mais informações, agendamentos e contato: cemiteriocruzalta@gmail.com ou [j.khryscan@gmail.com](https://www.j.khryscan@gmail.com)

Facebook: @museuaceuabertocruzalta
WhatsApp: 55-xxxxx-xxxx
Ingresso: gratuito

Data(s):
 Horário(s):
 Público Dirigido: não
 Classificação: livre

DOBRA


DOBRA

DOBRA

Cemitério Municipal

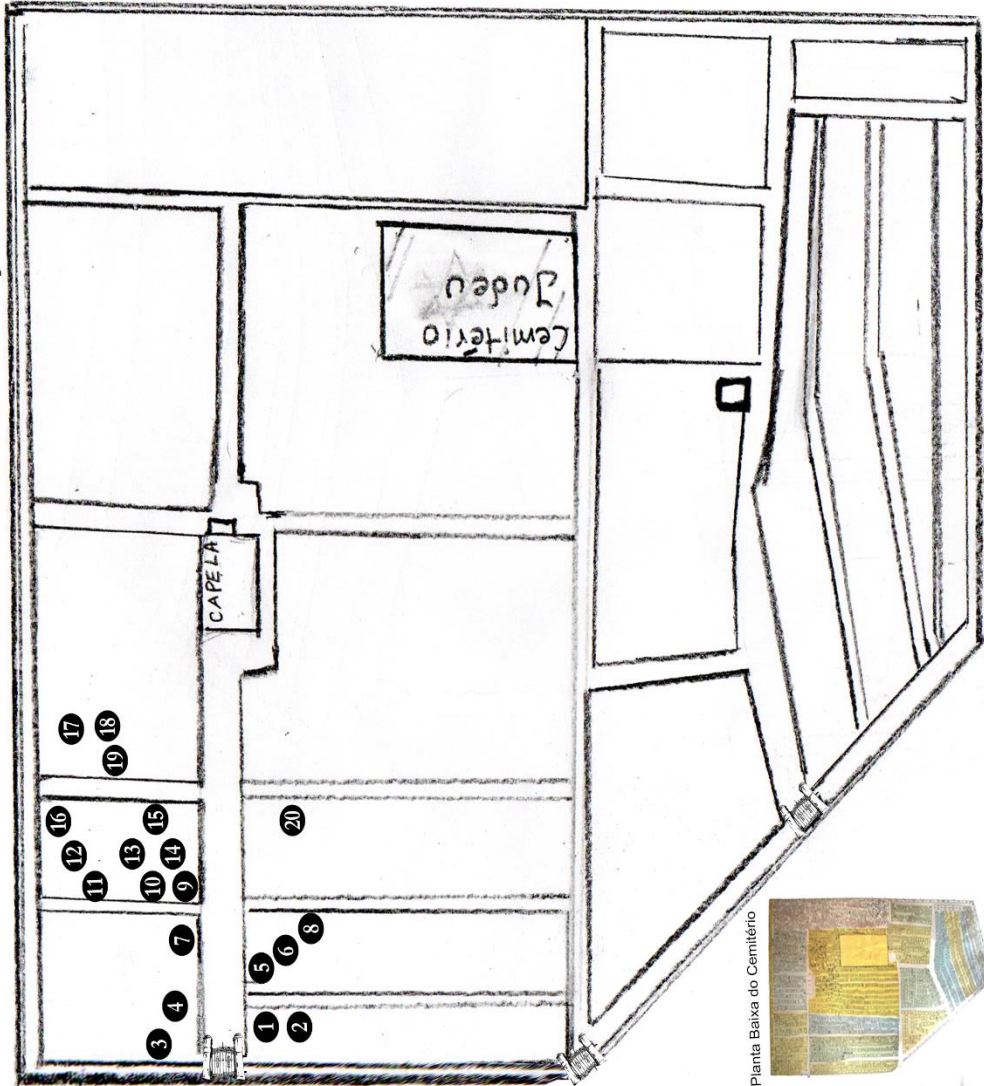
Cruz Alta - RS

O Cemitério Municipal de Cruz Alta foi criado em 1865, nele encontram-se verdadeiras obras de arte em forma de arquitetura e escultura. Nele, o material utilizado nos túmulos, mausoléus, e nas capelas mais suntuosas, criadas do final do século XIX até meados do século XX, era em grande parte o mármore, vindo da Europa de navio até o porto de Rio Grande. Desta cidade, as esculturas já vinham prontas, e eram transportadas por carroças ou carretas até seu destino. Quanto à expressão artística, analisando a arquitetura dos túmulos e esculturas, o patrimônio de Cruz Alta, podemos observar um conjunto eclético de elementos plásticos inspirados na tradição greco-romana, românica, gótica, renascentista e neoclássica, estilos esses que evidenciam através de anjos barrocos, cúpulas com filigranas e alegorias, formando um conjunto harmônico e articulado que, com o tempo, foi desagregado, transfigurado, portanto o trânsito tornou-se outro. A diminuição do poder aquisitivo também tem colaborado para esta transfiguração em uma gama de estéticas reinterpretadas. Observando a questão histórica, o período abordado- primeira fase da República no Brasil-momento em que se observa uma sensível modificação na paisagem do cemitério cruz-altense no que tange à arte, houve uma forte tendência à materialização de construções no cemitério. Falar do cemitério, incorre em falar de uma paisagem que vai nos falar de discursos socioeconômicos, políticos ou culturais. No Brasil nesta mesma época, ocorreram acontecimentos importantes, como, mudança do sistema governamental monárquico para a república, ocasionando o despatronar de novos políticos e uma ideologia positivista que o sustentou, tudo isso refletiu no espaço dos mortos. Em Cruz Alta, o primeiro sepultamento no Cemitério Público ocorreu em 20/08/1865. Porém conforme registro de uma da Atas da Assembleia Legislativa o pedido para que o cemitério público fosse abençoado e, portanto, oficializado só foi feito quase três meses após o referido sepultamento, em 10 de novembro de 1865.



Guia de Visitação
Cemitério Municipal de Cruz Alta
Projeto Museu a Céu Aberto

Ilustração: Juliana Abreu



Planta Baixa do Cemitério

- 1 Número Apagado – Família Botti e Caldas: Escultura Feminina, Alegoria da oração apoiada na cruz.
- 2 Número Apagado – Família Druhm: Escultura Feminina. Pranteadora com ramo de papoulas e folhas.
- 3 Não Numerado – Franklin Laureano de Brum: Pranteadora segurando ramo de papoulas.
- 4 Número 29 – Identificação faltando: Anjo Alado segurando um ramo de palmeira.
- 5 Número 162 – Tobias Miranda: Cristo-Sagrado coração de Jesus, olhando para frente
- 6 Número 38 – Gabriel Archanjo da Silva: Escultura em Relevo, Alegoria da tristeza.
- 7 Não Numerado – Família José Antunes Ribas: Mausoléu com esculturas e entalhes em seu entorno.
- 8 Não Numerado (parte inferior recém pintada) – Maria Teixeira, Lucy Teixeira: Cruz latina esculpida em mármore.
- 9 Número 163 – Pedro Thomaz de Moura e Silva: Escultura Feminina Pranteadora, Alegoria da Tristeza e da morte
- 10 Não Numerado – Margarida Neves de Paula (Esposa do General Firmino de Paula): Escultura Feminina, Alegoria de Pranteadora com ramo de flores sobre escadas
- 11 Não Numerado – Etelvina Schmitt: Escultura Feminina agarrada à Cruz latina.
- 12 Não Numerado – Jazigo Família Lopes: Escultura Feminina Pranteadora segurando tocha virada para
- 13 Não Numerado – Jeremias Ferreira Amado: Pranteadora esculpida em relevo.
- 14 Número 161 – Franklin Veríssimo da Fonseca e Adriana Mello Fonseca Pranteadora com guirlanda de flores.
- 15 Não Numerado – Jazigo Perpétuo de Diniz Dias e Elvira da Moita Dias Escultura de Cristo, cópia da obra de Thorwaldsen. Alegoria de profundo pesar e dor. Sofrimento sereno.
- 16 Não Numerado – Tenente Coronel Veríssimo José Lopes O Mausoléu Suntuoso com esculturas de figuras femininas, Pranteadoras. Alegoria da Saúde e Alegoria da Tristeza, desolação.
- 17 Não Numerado – Barão e Baronesa de São Jacob: Obelisco com Cruz Latina e ramos de oliveira envolta nela
- 18 Número 157 – José Manoel Annes (Juca Annes), Anna Pereira da Silva Obelisco em mármore que sustenta o Busto do Sr José Manoel Lucas Annes
- 19 Não Numerado – Adelaide Scarpellini: Anjo Alado confeccionado em um bloco de mármore.
- 20 Não Numerado – Almiranda de Moraes: Escultura da Pranteadora em resinação.

ANEXO A - LEI MUNICIPAL Nº. 2344/13, DE 09 DE MAIO DE 2013

LEI MUNICIPAL Nº. 2344/13, DE 09 DE MAIO DE 2013

DISPÕE SOBRE OS SERVIÇOS DE INUMAÇÃO E EXUMAÇÃO NO ÂMBITO DO MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL, faço saber que a Câmara Municipal de Vereadores decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

CAPÍTULO I

Das Disposições Gerais

Art. 1º - O serviço funerário de Cruz Alta, realizado pelo Cemitério Público Municipal reger-se por esta lei.

Das Definições

Art. 2º - Para os efeitos desta lei são adotadas as seguintes definições:

I – jazigo é o local onde se enterra a urna mortuária, com o fundo constituído pelo terreno natural;

II – sepultura é o jazigo sem revestimento lateral, com tamanhos distintos para adultos e infantes;

III – carneiro é o jazigo com revestimento lateral, tendo internamente as dimensões das sepulturas;

IV – secretaria é o local destinado à guarda dos documentos do Cemitério;

V – velórios são os locais onde o cadáver humano é colocado para que seja velado;

VI – inumação é o ato de sepultar o cadáver humano em local destinado para este fim;

VII – exumação é o ato de retirar os restos mortais e dar-lhes destino final;

VIII – recebimento de ossada humana é o ato de receber os restos mortais humanos, que são trazidos de outro cemitério, pela família;

Das Inumações e Exumações

Art. 3º - As inumações obedecerão às disposições desta Lei, bem como, a legislação vigente aplicável à matéria.

Art. 4º - A inumação somente será permitida à vista de certidão de óbito e/ou guia de sepultamento expedida pela autoridade competente.

Art. 5º - Entre duas inumações sucessivas no mesmo jazigo intermediará prazo mínimo de 3 (três) anos e máximo de 05 (cinco), que haja condições técnicas para se fazer a exumação dos restos mortais.

Art. 6º - O jazigo não poderá ser reaberto antes de decorridos os prazos do artigo anterior, salvo exumação por motivo de:

I – pedido da família do de cujus;

II – investigação policial ou determinação judicial;

III – transferência dos despojos por desativação da necrópole.

§ 1º - Na hipótese do inciso I do caput, a exumação dependerá de prévio pagamento do preço correspondente e autorização do administrador da necrópole, além do atendimento às regras sanitárias.

§ 2º - Quando o sepultamento ocorrer nos carneiros temporários, a família que tiver interesse em comprar um local definitivo na referida necrópole, terá de se manifestar na administração da mesma, com no mínimo de 30 (trinta) dias, antes do vencimento do prazo para exumação.

Art. 7º – As inumações em jazigos e gavetas continuarão permitidas, observado entretanto, a capacidade física e sanitária dos mesmos, assim como, os prazos de que trata o artigo 6.º desta Lei.

Da Concessão do Jazigo

Art.8º - As inumações serão feitas mediante concessão de jazigo, a título gratuito ou remunerado.

Parágrafo Único – Em caso de inexistência de condições físicas ou sanitárias para a realização de novas inumações junto ao Cemitério Municipal, o responsável legal deverá responsabilizar-se pela realização das mesmas junto a outras necrópoles existentes no Município de Cruz Alta.

Art. 9º - A concessão a título gratuito será requerida pela família do de cujus, junto à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social da Prefeitura Municipal, e será formalizada após exame da condição sócio-econômica apresentada, ou se fará para aqueles cujos corpos não forem reclamados.

Art. 10 – A concessão a título remunerado somente será feita em carneiros, admitida a inumação de conjugue, de parentes consangüíneos ou afins e daqueles que o concessionário autorizar, respeitados os prazos do artigo 6º desta lei.

Art. 11 – Ficam ratificadas as concessões de jazigos em caráter perpétuo nas condições em que elas foram outorgadas, sob a égide de lei anterior.

Das Construções e Serviços de Limpeza

Art. 12 – O Cemitério Público Municipal obedecerá ao Plano estético já estabelecido, mantendo os tipos de construções e obras de embelezamento dos jazigos, respeitadas as normas sanitárias, ambientais e de segurança adotadas no Município de Cruz Alta.

Art. 13 - Quando as condições da necrópole admitir construções e obras de embelezamento dos jazigos, o responsável legal do de cujus deverá apresentar na administração do Cemitério, requerimento instruído com projeto e memorial descritivo, bem como, com cálculos de resistência e estabilidade, quando for o caso de erguimento de mausoléu.

Parágrafo Único – Restos de materiais provenientes de obras devem ser removidos imediatamente pelos responsáveis.

Art. 14 – As lápides dos jazigos poderão conter somente os nomes das pessoas enterradas, com as respectivas datas de nascimento e morte, e a inscrição de epitáfio de livre escolha da família do de cujus.

Art. 15 – Flores, coroas ou outros ornamentos perecíveis colocados sobre os jazigos serão retirados no prazo máximo de 07 (sete) dias, ou quando estiverem em mau estado de conservação.

§ 1º - Não será permitido o uso de recipientes, flores ou objetos que armazenem água, para evitar o habitat de proliferação de mosquitos e de outros insetos.

§ 2º - Os interessados perderão o direito ao material e ornamentos não perecíveis que forem retirados dos jazigos em razão de exumação, se não os forem buscar dentro do prazo de 07 (sete) dias, desde que avisado previamente por escrito à secretaria do Cemitério.

Da utilização de Área concedida pela Concessionária ao Município

Art. 16 - O Poder Executivo Municipal fica autorizado a receber, a utilizar e a destinar a área de 2.184 m² (dois mil cento e oitenta metros quadrados), recebida em contrapartida remuneratória da concessionária de Exploração e Administração dos Serviços de Cemitério de que trata a Concorrência nº. 005/95 - Edital nº. 013/95 e respectivo contrato de concessão.

§ 1º – A área referida no caput deverá ser destinada a inumações da população de baixa renda, mediante critérios próprios a serem estabelecidos pela municipalidade, mediante a edição de ato normativo próprio (Decreto Municipal) e observada a demanda existente, observado ainda, o disposto no artigo 10 desta Lei.

§ 2º – Os Serviços e as despesas decorrentes das inumações, de que trata este artigo, serão custeadas pela Municipalidade, mediante ajuste financeiro entre o Poder Público e a empresa concessionária, em valores que não poderão ser superiores àqueles atualmente praticados pela municipalidade, em procedimentos análogos, admitidas revisões anuais, como forma de manter o seu valor real.

Do Controle dos Sepultamentos

Art. 17 – No ato da entrada do corpo no Cemitério, fica o administrador deste obrigado a exigir a nota fiscal discriminada, emitida pela empresa funerária responsável, em conformidade com a legislação municipal vigente, enviando-a para a Secretaria Municipal da Fazenda até o quinto dia útil do mês posterior.

Art. 18 – Quando houver reservas de velórios, o administrador do Cemitério deve exigir que seja enviado, juntamente com o corpo documento em papel timbrado da empresa contendo: nome do falecido nome e número do documento de identidade do responsável pela reserva do velório, e nome responsável pelo traslado do corpo até a necrópole.

Art. 19 – É vedado ao Concessionário o recebimento de outro documento que não o documento fiscal da funerária, cuja emissão obrigatória encontra-se prevista no Código Tributário Municipal.

Das Disposições Finais

Art. 20- Observados os critérios de interesse público e conveniência administrativa o Município fica autorizado a adquirir, diretamente junto a

concessionária dos serviços de exploração e administração dos serviços de cemitério, novas áreas destinadas a inumações de caráter social, além daquela referida no artigo 17 desta Lei.

Art. 21 – Os casos omissos ou que dependerem de regulamentação específica, serão regulamentados pelo Poder Executivo Municipal, mediante a edição de Decreto, no prazo de até 60 (sessenta) dias após a promulgação desta Lei.

Art. 22 – Esta Lei entra em vigor 60 (sessenta) dias após a data de sua publicação

Cruz Alta, 09 de maio de 2013.

MOACIR MARCHESAN
PREFEITO MUNICIPAL EM EXERCÍCIO

Registre-se e Publique-se.

JOÃO VANDERLEI VIEIRA
SECRETÁRIO INTERINO DE ADMINISTRAÇÃO

ANEXO B –



Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais
CNPJ: 21.612.105/0001-71

Fundada em 19 de novembro de 2004

Orientações sobre o registro e a divulgação de imagens (fotografias ou audiovisual) realizadas em cemitérios

A Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC), cumprindo com uma de suas atribuições estatutárias, vem por meio deste documento prestar orientação aos (às) associados (as) e pesquisadores (as) do tema da morte e dos cemitérios, sobre a questão da divulgação e uso de imagens captadas em cemitérios, especialmente das obras tumulares e suas partes, para fins profissionais, culturais e acadêmicos.

A Constituição Federal de 1988 (lei maior do país) apresenta um rol, não taxativo, de direitos fundamentais (inerentes ao ser humano) e entre eles está o direito de informar, bem como o direito de ser informado (a). Especialmente sob o enfoque da orientação que se presta deve-se destacar o seguinte: “[...] é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença” (inciso IX, do art. 5º).

É com base nesse dispositivo da Constituição Federal que se deve interpretar as leis que possam restringir a liberdade de expressão, como por exemplo os artigos 20 e 21 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, que institui o Código Civil Brasileiro:

Art. 20. Salvo se autorizadas, ou se necessárias à administração da justiça ou à manutenção da ordem pública, a divulgação de escritos, a transmissão da palavra, ou a publicação, a exposição ou a utilização da imagem de uma pessoa poderão ser proibidas, a seu requerimento e sem prejuízo da indenização que couber, se lhe atingirem a honra, a boa fama ou a respeitabilidade, ou se se destinarem a fins comerciais.

Art. 21. A vida privada da pessoa natural é inviolável, e o juiz, a requerimento do interessado, adotará as providências necessárias para impedir ou fazer cessar ato contrário a esta norma.

Nesse sentido, ou seja, de que é necessária uma interpretação conforme a Constituição Federal de preceitos de lei, é um julgado do Supremo Tribunal Federal, Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) nº 4.815/Distrito Federal, que trata da dispensa de autorização prévia do biografado (a), ou da família, para publicação de obras, em que a Corte Superior entendeu:

[...] em consonância com os direitos fundamentais à liberdade de pensamento e de sua expressão, de criação artística, produção científica, declarar inexigível o consentimento de pessoa biografada relativamente a obras biográficas literárias ou

SEDE
Memorial Funerário Mathias Haas
Rua José Deane, 751
Balno: Escola Agrícola, Blumenau/SC

Afilada à Red Iberoamericana de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales



Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais
CNPJ: 21.612.105/0001-71

Fundada em 19 de novembro de 2004

audiovisuais, sendo por igual desnecessária autorização de pessoas retratadas como coadjuvantes (ou de seus familiares, em caso de pessoas falecidas). (STF, ADI nº 4815/DF, Relatora Ministra Cármen Lúcia, Sessão Plenária, j. em 10.06.2015)

Partindo da decisão do Supremo Tribunal Federal, podemos concluir que o uso de imagens para fins científicos e culturais cumpre finalidade pública de informação social e histórica, que, de forma responsável e sem o objetivo de auferir ganhos, mantém o respeito aos direitos e garantias fundamentais inerente a todo ser humano.

Com isso, se pode afastar, ao menos abstratamente, uma interpretação literal aos artigos 20 e 21 do Código Civil de 2002, os quais, embora possam ser invocados como premissa para limitar a circulação de publicações biográficas, deverão, em cada caso concreto, ter uma interpretação conforme a Constituição Federal, na forma do precedente indicado do Supremo Tribunal Federal.

Não fosse essa análise interpretativa dos dispositivos antes referidos, a Constituição Federal estabelece, também, que "O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais" (art. 215).

Com esses elementos, se pode concluir que o entendimento dominante é no sentido de que prevalece o direito da coletividade à cultura por meio da divulgação do conhecimento, não havendo necessidade de solicitar autorização de familiares diretos e outros do grupo parental, desde que respeitados a honra e a dignidade dos (as) envolvidos (as).

Observa-se, contudo, que o entendimento apresentado não é garantia de que a conduta do (a) pesquisador (a) não venha a ser discutida judicial ou extrajudicialmente pelas partes interessadas.

Com essas considerações recomenda-se:

- que os (as) pesquisadores (as) façam contato com os (as) responsáveis e administradores (as) dos cemitérios para a devida apresentação da proposta formal (via e-mail ou ofício) da pesquisa e seus objetivos. No caso dos cemitérios particulares (como por exemplo, os de imandades, de associações, localizados em áreas de fazenda – áreas rurais e outros) por tratar-se de propriedade privada que possui regras próprias e que devem ser observadas,

SEDE
Memorial Funerário Mathias Haas
Rua José Deake, 751
Balta: Escola Agrícola, Blumenau/SC

Filiada à Red Iberoamericana de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales



Associação Brasileira de Estudos Cimiteriais
CNPJ: 21.612.105/0001-71

Fundada em 19 de novembro de 2004

- que seja obtida a autorização por escrito, dos seus administradores para a realização da pesquisa, sendo ainda importante o (a) pesquisador (a) informar-se se o estatuto, regulamento ou instrumento similar da entidade que administra o cemitério possui alguma previsão que disciplina este tipo de divulgação ou pesquisa;
- que seja respeitado o direito de realização de quaisquer rituais funerários que ocorram dentro e fora dos cemitérios e demais espaços fúnebres não devendo a proposta ou realização da pesquisa perturbar ou obstaculizar quaisquer manifestações e ritos coletivos ou individuais;
- que se observe o rigor científico na citação de fontes nas pesquisas realizadas, sejam elas na forma de artigos, relatórios, livros etc., informando também local, data e nome do cemitério em questão;
- que o resultado da pesquisa seja apresentado ou encaminhado aos responsáveis pela administração do cemitério pesquisado;
- que o (a) pesquisador (a) se atente ao que está previsto no Código de Ética da Associação Brasileira de Estudos Cimiteriais (ABEC), disponível no endereço: [<https://www.estudoscemiteriais.com.br/abec>].

Blumenau (SC), 09 de dezembro de 2021.

Associação Brasileira de Estudos Cimiteriais (ABEC)

Gestão 2017-2021

Assessoria jurídica:

Justino Adriano Farias da Silva
OAB-RS 11088

Carlos Alberto Kastein Barcellos
OAB/SP 131.504

Rafael Cavilha
OAB/SC 35258

SEDE
Memorial Funerário Mathias Haas
Rua José Deake, 751
Balneário: Escola Agrícola, Blumenau/SC